# JMJ LISBOA 2023

## 1-6 de agosto de 2023

# TODOS OS DOCUMENTOS

**Nota:**
**Alguns documentos (testemunhos)**
**ainda não estão traduzidos**

**Secretariado Geral**
**da Conferência Episcopal Portuguesa**

**Lisboa, 9 de agosto de 2023**

**JMJ LISBOA 2023**

# Mensagem do Santo Padre
# para o XXXVII Dia Mundial da Juventude 2022-2023

## «*Maria levantou-se e partiu apressadamente*» (*Lc* 1, 39)

Queridos jovens!
O tema da JMJ do Panamá era este: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (*Lc* 1, 38). Depois daquele evento, retomamos o caminho para uma nova meta – Lisboa 2023 –, deixando ecoar nos nossos corações o premente convite de Deus a *levantar-nos*. Em 2020, meditamos nesta palavra de Jesus: «Jovem, Eu te digo, levanta-te!» (cf. *Lc* 7, 14). No ano passado, serviu-nos de inspiração a figura do apóstolo São Paulo, a quem o Senhor ressuscitado dissera: «Levanta-te! Eu te constituo testemunha do que viste» (cf. *At* 26, 16). No troço de estrada que ainda nos falta para chegar a Lisboa, caminharemos juntos com a Virgem de Nazaré, que, imediatamente depois da Anunciação, «levantou-se e partiu apressadamente" (*Lc* 1, 39) para ir ajudar a prima Isabel. Comum aos três temas é o verbo *levantar-se*, palavra (é bom lembrá-lo!) que significa também «ressuscitar», «despertar para a vida».
Nestes últimos tempos tão difíceis, em que a humanidade já provada pelo trauma da pandemia, é dilacerada pelo drama da guerra, Maria reabre para todos e em particular para vós, jovens como Ela, o caminho da proximidade e do encontro. Espero e creio fortemente que a experiência que muitos de vós ireis viver em Lisboa, no mês de agosto do próximo ano, representará um novo começo para vós jovens e, convosco, para toda a humanidade.

**Maria levantou-se**

Depois da Anunciação, Maria teria podido concentrar-se em si mesma, nas preocupações e temores derivados da sua nova condição; mas não! Entrega-se totalmente a Deus! Pensa, antes, em Isabel. Levanta-se e sai para a luz do sol, onde há vida e movimento. Apesar do inquietante anúncio do Anjo ter provocado um «terremoto» nos seus planos, a jovem não se deixa paralisar, porque dentro d'Ela está Jesus, poder de ressurreição. Dentro d'Ela, traz já o Cordeiro Imolado mas sempre vivo. Levanta-se e põe-se em movimento, porque tem a certeza de que os planos de Deus são o melhor projeto possível para a sua vida. Maria torna-se templo de Deus, imagem da Igreja em caminho, a Igreja que sai e se coloca ao serviço, a Igreja portadora da Boa Nova.
Experimentar na própria vida a presença de Cristo ressuscitado, encontrá-Lo «vivo», é a maior alegria espiritual, uma explosão de luz que não pode deixar ninguém «parado». Imediatamente põe em movimento impelindo a levar aos outros esta notícia, a testemunhar a alegria deste encontro. É aquilo que anima a pressa dos primeiros discípulos nos dias que se seguiram à ressurreição: «Afastando-se apressadamente do sepulcro, cheias de temor e grande alegria, as mulheres correram a dar a notícia aos discípulos» (*Mt* 28, 8).
As narrações da ressurreição usam muitas vezes dois verbos: *acordar* e *levantar-se*. Através deles, o Senhor impele-nos a sair para a luz, a deixar-se conduzir por Ele para superar o limiar de todas as nossas portas fechadas. «É uma imagem significativa para a Igreja. Também nós, como discípulos do Senhor e como Comunidade Cristã, somos chamados a erguer-nos

apressadamente para entrar no dinamismo da ressurreição e deixar-nos conduzir pelo Senhor ao longo dos caminhos que Ele nos queira indicar» (Francisco, *Homilia na Solenidade de São Pedro e São Paulo*, 29/VI/2022).
A Mãe do Senhor é modelo dos jovens em movimento, jovens que não ficam imóveis diante do espelho em contemplação da própria imagem, nem «alheados» nas redes. Ela está completamente projetada para o exterior. É a mulher pascal, num estado permanente de êxodo, de saída de si mesma para o Outro, com letra grande, que é Deus e para os outros, os irmãos e as irmãs, sobretudo os necessitados, como estava então a prima Isabel.

**...e partiu apressadamente**

Santo Ambrósio de Milão escreve, no seu comentário ao Evangelho de Lucas, que Maria partiu apressadamente para a montanha, «porque estava feliz com a promessa e desejosa de prestar devotadamente um serviço, com o entusiasmo que lhe vinha da alegria interior. Agora, cheia de Deus, para onde poderia apressar-se se não em direção ao alto? A graça do Espírito Santo não admite morosidades». Por isso a pressa de Maria é ditada pela solicitude do serviço, do anúncio jubiloso, duma pronta resposta à graça do Espírito Santo.
Maria deixou-se interpelar pela necessidade da sua prima idosa. Não se escusou, não ficou indiferente. Pensou mais nos outros do que em si mesma. E isto conferiu dinamismo e entusiasmo à sua vida. Cada um de vós pode perguntar-se: Como reajo perante as necessidades que vejo ao meu redor? Busco imediatamente uma justificação para não me comprometer, ou interesso-me e torno-me disponível? É certo que não podeis resolver todos os problemas do mundo; mas talvez possais começar por aqueles de quem está mais próximo de vós, pelas questões do vosso território. Uma vez disseram a Madre Teresa que «quanto ela fazia não passava duma gota no oceano». E ela respondeu: «Mas, se não o fizesse, o oceano teria uma gota a menos».
Perante uma necessidade concreta e urgente, é preciso agir apressadamente. No mundo, quantas pessoas esperam uma visita de alguém que cuide delas! Quantos idosos, doentes, presos, refugiados precisam do nosso olhar compassivo, da nossa visita, de um irmão ou uma irmã que ultrapasse as barreiras da indiferença!
Quais são as «pressas» que vos movem, queridos jovens? O que é que vos faz sentir de tal maneira a premência de vos moverdes que não conseguis ficar parados? Há muitos que, impressionados por realidades como a pandemia, a guerra, a migração forçada, a pobreza, a violência, as calamidades climáticas, se interrogam: Porque é que me acontece isto? Porquê precisamente a mim? Porquê agora? Mas a pergunta central da nossa existência é esta: *Para quem* sou eu? (cf. Francisco, Exortação apostólica pós-sinodal *Christus vivit*, 286).
A pressa da jovem mulher de Nazaré é a pressa típica daqueles que receberam dons extraordinários do Senhor e não podem deixar de partilhar, de fazer transbordar a graça imensa que experimentaram. É a pressa de quem sabe colocar as necessidades do outro acima das próprias. Maria é exemplo de jovem que não perde tempo a mendigar a atenção ou a aprovação dos outros – como acontece quando dependemos daquele «gosto» nas redes sociais –, mas move-se para procurar a conexão mais genuína, aquela que provém do encontro, da partilha, do amor e do serviço.
A partir da Anunciação, desde aquela primeira vez quando partiu para ir visitar a sua prima, Maria não cessa de atravessar espaços e tempos para visitar os filhos carecidos da sua ajuda carinhosa. Os nossos passos, *se habitados por Deus*, levam-nos diretamente ao coração de cada um dos nossos irmãos e irmãs. Quantos testemunhos nos chegam de pessoas «visitadas» por Maria, Mãe de Jesus e nossa Mãe. Em quantos lugares remotos da terra, ao longo dos

séculos, Maria visitou o seu povo com aparições ou graças especiais. Praticamente não há lugar, na Terra, que não tenha sido visitado por Ela. Movida por uma solícita ternura, a Mãe de Deus caminha no meio do seu povo e cuida das suas angústias e vicissitudes. E onde quer que haja um santuário, uma igreja, uma capela a Ela dedicada, lá acorrem numerosos os seus filhos. Quantas expressões de piedade popular! As peregrinações, as festas, as súplicas, o acolhimento das imagens nas casas e muitas outras iniciativas são exemplos concretos da relação viva entre a Mãe do Senhor e o seu povo, que se visitam reciprocamente.

**Uma pressa boa impele-nos sempre para o alto e para o outro**

Uma pressa boa impele-nos sempre para alto e para o outro. Mas há também uma pressa não boa, como, por exemplo, a pressa que nos leva a viver superficialmente, tomar tudo levianamente sem empenho nem atenção, sem nos envolvermos verdadeiramente no que fazemos; a pressa de quando vivemos, estudamos, trabalhamos, convivemos com os outros sem colocarmos nisso a cabeça e menos ainda o coração. Pode acontecer nas relações interpessoais: na família, quando nunca ouvimos verdadeiramente os outros nem lhes dedicamos tempo; nas amizades, quando esperamos que um amigo nos faça divertir e dê resposta às nossas exigências, mas, se virmos que ele está em crise e precisa de nós, imediatamente o evitamos e procuramos outro; e mesmo nas relações afetivas, entre noivos, poucos têm a paciência de se conhecerem e compreenderem a fundo. E, a mesma atitude, podemos tê-la na escola, no trabalho e noutras áreas da vida quotidiana. Ora, todas estas coisas vividas com pressa dificilmente darão fruto; há o risco de permanecerem estéreis. Assim se lê no livro dos Provérbios: «Os projetos do homem diligente têm êxito, mas quem se precipita [a pressa má] cai certamente na ruína» (21, 5).
Quando Maria, finalmente, chega à casa de Zacarias e Isabel, sucede um encontro maravilhoso. Isabel experimentou em si mesma uma intervenção prodigiosa de Deus, que lhe deu um filho na velhice. Teria todas as razões para falar, primeiro, de si mesma; mas não o fez, toda propensa a acolher a jovem prima e o fruto do seu ventre. Logo que ouve a sua saudação, Isabel fica cheia do Espírito Santo. Acontecem estas surpresas e irrupções do Espírito quando vivemos uma verdadeira hospitalidade, quando colocamos no centro o hóspede, e não a nós próprios. Vemos isto mesmo também na história de Zaqueu, que lemos em Lucas: «Quando chegou àquele local [onde estava Zaqueu], Jesus levantou os olhos e disse-lhe: "Zaqueu, desce depressa, pois hoje tenho de ficar em tua casa". Ele desceu imediatamente e acolheu Jesus cheio de alegria» (19, 5-6).
Já aconteceu a muitos de nós sentir que, inesperadamente, Jesus vem ao nosso encontro: n'Ele, pela primeira vez, experimentamos uma proximidade, um respeito, uma ausência de preconceitos e condenações, um olhar de misericórdia que nunca tínhamos encontrado nos outros. Mais, sentimos também que, a Jesus, não Lhe bastava olhar-nos de longe, mas queria estar connosco, queria partilhar a sua vida connosco. A alegria desta experiência suscitou em nós a pressa de O acolher, a urgência de estar com Ele e conhecê-Lo melhor. Isabel e Zacarias hospedaram Maria e Jesus. Aprendamos daqueles dois anciãos o significado da hospitalidade. Perguntai aos vossos pais e aos vossos avós, bem como aos membros mais idosos das vossas comunidades, que significa para eles serem hospitaleiros para com Deus e com os outros. Fazer-vos-á bem escutar a experiência de quem vos precedeu.
Queridos jovens, é tempo de voltar a partir apressadamente para encontros concretos, para um real acolhimento de quem é diferente de nós, como acontece entre a jovem Maria e a idosa Isabel. Só assim superaremos as distâncias entre gerações, entre classes sociais, entre etnias, entre grupos e categorias de todo o género, e superaremos também as guerras. Os

jovens são sempre a esperança duma nova unidade para a humanidade fragmentada e dividida. Mas somente se tiverem memória, apenas se escutarem os dramas e os sonhos dos idosos. «Não é por acaso que a guerra tenha voltado à Europa no momento em que está a desaparecer a geração que a viveu no século passado» (Francisco, *Mensagem para o II Dia Mundial dos Avós e dos Idosos*). Há necessidade da aliança entre jovens e idosos, para não esquecer as lições da história, para superar as polarizações e os extremismos deste tempo.
Ao escrever aos Efésios, São Paulo anunciou: «Em Cristo Jesus, vós, que outrora estáveis longe, agora estais perto, pelo Sangue de Cristo. Com efeito, Ele é a nossa paz, Ele que, dos dois povos, fez um só e destruiu o muro de separação, a inimizade, na sua carne» (2, 13-14). Jesus é a resposta de Deus face aos desafios da humanidade em todos os tempos. E esta resposta, Maria leva-a dentro de si quando vai ao encontro de Isabel. A maior prenda que Maria oferece à sua parente idosa é levar-lhe Jesus: certamente também a ajuda concreta foi muito preciosa; mas nada teria podido encher a casa de Zacarias com uma alegria tão grande e um significado assim pleno como o fez a presença de Jesus no ventre da Virgem, que se tornara o tabernáculo do Deus vivo. Naquela região montanhosa, Jesus, com a mera presença, sem dizer uma palavra, pronuncia o seu primeiro «discurso da montanha»: proclama em silêncio a bem-aventurança dos pequeninos e dos humildes que se entregam à misericórdia de Deus.
A minha mensagem para vós jovens, a grande mensagem de que é portadora a Igreja é Jesus! Sim, Ele mesmo, o seu amor infinito por cada um de nós, a sua salvação e a vida nova que nos deu. E Maria é o modelo de como acolher este imenso dom na nossa vida e comunicá-lo aos outros, fazendo-nos por nossa vez portadores de Cristo, portadores do seu amor compassivo, do seu serviço generoso, à humanidade sofredora.

**Todos juntos em Lisboa!**

Maria era uma jovem como muitos de vós. Era uma de nós. Assim escrevia acerca dela o bispo D. Tonino Bello: «Santa Maria, (…) bem sabemos que foste destinada a navegar no alto mar. Mas, se te constrangemos a navegar junto da costa, não é porque queremos reduzir-te aos níveis da nossa pequena navegação costeira. É porque, vendo-te tão perto das praias do nosso desânimo, possa apoderar-se de nós a consciência de sermos chamados, também nós, a aventurar-nos, como Tu, nos oceanos da liberdade» (*Maria, mulher dos nossos dias*, Cinisello/Balsamo 2012, 12-13).
Como recordei na primeira Mensagem desta trilogia, nos séculos XV e XVI, muitos jovens (incluindo tantos missionários) partiram de Portugal rumo a mundos desconhecidos, inclusive para partilhar a sua experiência de Jesus com outros povos e nações (cf. Francisco, *Mensagem JMJ 2020*). E a esta terra, no início do século XX, Maria quis fazer uma visita especial, quando de Fátima lançou a todas as gerações a mensagem forte e maravilhosa do amor de Deus que chama à conversão, à verdadeira liberdade. A cada um e cada uma de vós renovo o meu caloroso convite a participar na grande peregrinação intercontinental dos jovens que culminará na JMJ de Lisboa em agosto do próximo ano; e recordo-vos que, no próximo 20 de novembro, Solenidade de Cristo Rei, celebraremos a Jornada Mundial da Juventude nas Igrejas particulares espalhadas pelo mundo inteiro. A propósito, o recente documento do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida – *Orientações pastorais para a celebração da JMJ nas Igrejas particulares* – pode ser de grande ajuda para todas as pessoas que trabalham na pastoral juvenil.
Sonho, queridos jovens, que na JMJ possais experimentar novamente a alegria do encontro com Deus e com os irmãos e as irmãs. Depois dum prolongado período de distanciamento e separação, em Lisboa – com a ajuda de Deus – reencontraremos juntos a alegria do abraço

fraterno entre os povos e entre as gerações, o abraço da reconciliação e da paz, o abraço duma nova fraternidade missionária! Que o Espírito Santo acenda nos vossos corações o desejo de vos levantardes e a alegria de caminhardes todos juntos, em estilo sinodal, abandonando falsas fronteiras. O tempo de nos levantarmos é agora. Levantemo-nos apressadamente! E, como Maria, levemos Jesus dentro de nós, para O comunicar a todos. Neste belíssimo momento da vossa vida, avançai, não adieis o que o Espírito pode realizar em vós! De coração abençoo os vossos sonhos e os vossos passos.

Roma, São João de Latrão, na Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria,
15 de agosto de 2022.

*Francisco*

**JMJ LISBOA 2023**

**Missa de abertura da Jornada Mundial da Juventude**

# Homilia do Cardeal-Patriarca de Lisboa
## *Uma constante visitação*

Caríssimos amigos aqui chegados do mundo inteiro para a Jornada Mundial da Juventude Lisboa/2023
Bem-vindos todos! Bem-vindos também na amplitude ecuménica, inter-religiosa e de boa vontade que estes dias têm e congregam. Desejo que vos sintais "em casa", nesta casa comum em que viveremos a Jornada Mundial. Bem-vindos!
A Missa que celebramos, na expetativa da chegada do nosso querido Papa Francisco, é a da Visitação de Nossa Senhora, lema geral da Jornada: Maria levantou-se e partiu apressadamente ao encontro de Isabel. É um passo evangélico que nos inclui também.
Ouvimo-lo há pouco: «Naqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se apressadamente para a montanha, em direção a uma cidade de Judá. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel.»
Pôs se a caminho, dirigiu-se apressadamente para a montanha, entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Três pontos em que me deterei brevemente, nesta palavra inaugural.

<u>Maria pôs-se a caminho.</u> Um caminho difícil e sem os meios de transporte de que hoje dispomos. E era uma jovem como vós, que há pouco concebera Jesus, do modo único que o Evangelho relata.
Também vós vos pusestes a caminho. Foi para muitos um caminho difícil pela distância, as ligações e os custos que a viagem envolveu. Foi preciso juntar recursos, desenvolver atividades para os obter e contar com solidariedades que graças a Deus não faltaram.
De longe ou mais perto, pusestes-vos a caminho. É muito importante pôr-se a caminho. Assim devemos encarar a própria vida, como caminho a percorrer, fazendo de cada dia uma nova etapa.
É verdade que hoje muita coisa vos pode deter, caros amigos, com a possibilidade de substituirmos a realidade verdadeira, que só se atinge a caminho dos outros, como realmente são, pela aparência virtual dum mundo à escolha. Um mundo à escolha, diante dum ecrã e dependente dum clique que o mude por outro.
A virtualidade mantém-nos sentados, diante de meios que facilmente nos usam quando julgamos usá-los. Bem pelo contrário, a realidade consistente põe-nos a caminho, ao encontro dos outros e do mundo como ele é, tanto para o admirar como para o fazer melhor.
Agradecemos aos media a possibilidade de nos conhecermos mais, a nós aos outros e ao mundo. Vivemos mediaticamente e já não saberíamos viver doutro modo. Contamos com o seu apoio, mas não nos dispensamos de caminhar por nós mesmos, de contactar e verificar diretamente a realidade que nos toca, a nós e a todos.
Valeu a pena o caminho que percorrestes para chegar aqui e vos encontrardes nestes dias, na variedade do que sois e na qualidade que trazeis, cada um e cada uma, de cada terra, língua e cultura. Nada pode substituir este caminho pessoal e de grupo, ao encontro do caminho de todos.

Maria levava já no seu ventre o "bendito fruto" que era Jesus. Os cristãos levam-no também, espiritual mas realmente, porque o recebem na palavra, nos sacramentos e na caridade onde Ele se oferece. E como acreditamos em Jesus como caminho para Deus, caminhamos com Ele para O levar aos outros. No mesmo impulso que levava Maria, no mesmo Espírito que nos leva a nós. A caminho!

Maria dirigiu-se apressadamente para a montanha, como ouvimos também.
Não é por acaso que o texto fala da pressa de Maria, como noutros passos evangélicos se fala da urgência do anúncio, do testemunho e da visitação permanente aos outros, como havemos de fazer.
Caros jovens, sabeis muito bem que quando o coração está cheio rapidamente transborda. Como é impossível sufocar o que vos vai alma, quando é realmente forte e mobilizador.
Maria levava consigo o próprio Jesus que concebera. E Jesus é "Deus connosco", para ser Deus com todos. Daí a pressa de O levar a Isabel, mesmo subindo montanhas.
Vós conheceis esta "pressa", porque também outros se apressaram a vir ao vosso encontro para vos levar Jesus e tudo quanto Ele vos oferece de horizontes largos e vida em abundância. Nem precisais de perceber sempre as palavras, como acontece agora, entre tantas línguas aqui reunidas. Porque os próprios olhos falam e vos sentis seguros e confiantes, na atmosfera cristã que em conjunto criais e nos gestos simples com que comunicais. Há verdadeiramente uma "pressa no ar", que circula entre vós e onde chegareis nestes dias. Um ar em que o próprio Espirito divino circula, com a prontidão que só Deus tem e comunica.
Quando disse ao Papa Francisco que era este precisamente o lema da nossa Jornada – Maria dirigiu-se apressadamente… – ele logo acrescentou que sim, apressadamente mas não ansiosamente.
Na verdade, a ânsia é do que ainda não temos e pretendemos inquietos. A pressa é diferente, é partilhar o que já nos leva. Por isso é uma urgência serena e sem atropelo. Como aqui chegastes e como aqui estareis, levando aos outros o que vos traz a vós.
Lembro a propósito um trecho dos primeiros cristãos, mesmo numa sociedade que demorava em entendê-los: «no íntimo do vosso coração, confessai Cristo como Senhor, sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la peça; com mansidão e respeito, mantendo limpa a consciência…» (*1 Pe* 3, 15-16).
Assim estareis vós, nesta pressa sem ansiedade, como quem partilha o que vai tendo. O que vos trouxe aqui e levareis acrescentado pela graça destes dias!

Finalmente, dizia o texto que Maria entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel.
Caros amigos, assim também vós chegareis uns aos outros, com verdadeira e alegre saudação. O Evangelho conta-nos a alegria daquele encontro de Maria com Isabel e do reconhecimento mútuo em que ocorreu. A saudação de Maria foi tal que suscitou na sua parente a exclamação que tantas vezes repetimos: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre!» E às palavras de Isabel correspondeu Maria com um dos hinos mais belos que cantamos desde então, o Magnificat.
É muito importante que seja assim convosco e com todos. Na verdade, cada encontro que tivermos deve ser inaugurado com verdadeira saudação, em que troquemos entre nós palavras de acolhimento sincero e plena partilha.
Lisboa acolhe-vos de coração inteiro, e assim as outras terras em que já estivestes ou estareis deste Portugal, também vosso. Acolhem-vos as famílias e as instituições que disponibilizaram os seus espaços e o seu serviço. Agradecendo a todas elas, entrevejo em cada uma a casa de Isabel, que acolheu Maria e o Jesus que lhe trazia!

Falta muito disto mesmo no mundo em que estamos, quando nem damos bem pelos outros, nem reparamos como devemos naqueles que encontramos.
Aprendamos com Maria a saudar a todos e cada um. Pratiquemo-lo intensamente nos dias desta Jornada Mundial da Juventude. O mundo novo começa na novidade de cada encontro e na sinceridade da saudação que trocarmos. Para que sejamos pessoas entre pessoas, em mútua e constante visitação! - Desejo-vos a todos uma feliz e estimulante Jornada Mundial da Juventude!

Parque Eduardo VII, 1 de agosto de 2023
† Manuel *Cardeal* Clemente
Patriarca de Lisboa

**JMJ LISBOA 2023**

**Encontro com as Autoridades, com a Sociedade Civil e com o Corpo Diplomático**

# Saudação do Presidente da República

Santo Padre,
Hoje, em Lisboa, Portugal acolhe-Vos de braços abertos.
Por cinco inesquecíveis dias.
Acolhe o Vosso testemunho de Dignidade das Pessoas, entre elas e na relação com a Natureza, de Esperança, de Paz, de Fraternidade, de procura das periferias, de luta contra fomes, misérias, opressões, abusos, xenofobias, intolerâncias, exclusões dos deserdados destes tempos.
E, Convosco, acolhe também de braços abertos, os jovens católicos, e também crentes de várias crenças, e não crentes, vindos ao apelo das Vossas palavras. Porque Convosco a Vossa voz tornou-se maior do que o Vosso Povo.
Não adormecei, é a vossa mensagem para os jovens. Não vos acomodeis. Não vos instaleis. Erguei-vos contra as injustiças. Defendei-vos de tudo o que é mundanidade, imobilismo, conforto, fechamento. Deixai a vossa marca neste mundo. Não permitais que vos roubem a vossa alegria e a vossa Juventude. Ousai sonhar grande.
Santo Padre,
É neste mesmo espírito que Portugal quer viver a Vossa presença e a Vossa mensagem.
Nestes cinco dias. E para além deles.
Conforme o lema da Jornada: Levantar-se e Partir Apressadamente.
Levantar-se, que nunca é tarde para olhar para os outros, hoje e amanhã, ainda mais do que ontem.
Partir apressadamente, urgentemente, porque o essencial está sempre por cumprir.
Santo Padre,
Portugal está, com a coragem do Vosso testemunho, ao serviço de toda a Humanidade.

Centro Cultural de Belém, Lisboa, 2 de agosto de 2023

## JMJ LISBOA 2023

## Encontro com as Autoridades, com a Sociedade Civil e com o Corpo Diplomático

# Discurso do Santo Padre

Senhor Presidente da República,
Senhor Presidente da Assembleia da República,
Senhor Primeiro-Ministro,
Distintos membros do Governo e do Corpo Diplomático,
Ilustres Autoridades, representantes da sociedade civil e do mundo da cultura,
Senhoras e Senhores!

Saúdo-vos cordialmente e agradeço ao Senhor Presidente o acolhimento e as amáveis palavras que me dirigiu. O Senhor Presidente sabe acolher bem. Obrigado! Estou feliz por estar em Lisboa, cidade do encontro que abraça vários povos e culturas e que, nestes dias, se mostra ainda mais universal; torna-se, de certo modo, a capital do mundo, a capital do futuro, porque os jovens são o futuro. Isto condiz bem com o seu caráter multiétnico e multicultural (penso, por exemplo, no bairro da Mouraria, onde convivem pessoas provenientes de mais de sessenta países) e revela os traços cosmopolitas de Portugal, que afunda as suas raízes no desejo de se abrir ao mundo e explorá-lo, navegando rumo a novos e amplos horizontes.
Não muito longe daqui, no Cabo da Roca, está gravada a frase dum grande poeta desta cidade: «Aqui... onde a terra se acaba e o mar começa» (L. Vaz de Camões, *Os Lusíadas*, canto III, 20). Durante séculos, acreditou-se que lá estivessem os confins do mundo. E em certo sentido é verdade, porque este país confina com o oceano, que delimita os continentes. E, do oceano, Lisboa conserva o abraço e o perfume. Faço meu, com muito gosto, aquilo que os portugueses costumam cantar: «Lisboa tem cheiro de flores e de mar» (A. Rodrigues, *Cheira bem, cheira a Lisboa*, 1972). Muito mais do que um elemento paisagístico, o mar é um apelo que não cessa de ecoar no ânimo de cada português, podendo uma vossa poetisa celebrá-lo como «mar sonoro, mar sem fundo, mar sem fim» (S. de Mello Breyner Andresen, *Mar sonoro*). À vista do oceano, os portugueses são levados a refletir sobre os imensos espaços da alma e sobre o sentido da vida no mundo. Nesta linha, gostaria também eu de partilhar convosco algumas reflexões, deixando-me levar pela imagem do oceano.
Segundo a mitologia clássica, Oceano é filho do céu (Urano): a sua vastidão leva os mortais a olharem para cima elevando-se para o infinito. Ao mesmo tempo, porém, Oceano é filho da terra (Gea) que abraça, convidando assim a envolver de ternura todo o mundo habitado. Com efeito, o oceano não liga apenas povos e países, mas também terras e continentes; por isso Lisboa, cidade do oceano, lembra a importância do conjunto, a importância de conceber as fronteiras, não como limites que separam, mas como zonas de contacto. As grandes questões hoje, como sabemos, são globais e já muitas vezes tivemos de fazer experiência da ineficácia da nossa resposta às mesmas, precisamente porque o mundo, diante de problemas comuns, se mantém dividido ou pelo menos não suficientemente unido, incapaz de enfrentar juntos aquilo que nos põe em crise a todos. Parece que as injustiças planetárias, as guerras, as crises climáticas e migratórias correm mais rapidamente do que a capacidade e, muitas vezes, a vontade de enfrentar em conjunto tais desafios.

Lisboa pode sugerir uma mudança de ritmo. Em 2007, foi assinado aqui o homónimo Tratado de reforma da União Europeia. Nele se lê que «a União tem por objetivo promover a paz, os seus valores e o bem-estar dos seus povos» (*Tratado de Lisboa que altera o Tratado da União Europeia e o Tratado que institui a Comunidade Europeia*, art. 1.4/2.1); mas vai mais longe afirmando que, «nas suas relações com o resto do mundo (...), contribui para a paz, a segurança, o desenvolvimento sustentável do planeta, a solidariedade e o respeito mútuo entre os povos, o comércio livre e equitativo, a erradicação da pobreza e a proteção dos direitos humanos» (art. 1,4/2.5). Não se trata apenas de palavras, mas de marcos miliários no caminho da comunidade europeia, esculpidos na memória desta cidade. Aqui temos o *espírito do conjunto*, animado pelo sonho europeu dum multilateralismo mais amplo do que o mero contexto ocidental.

Segundo uma etimologia, que é objeto de discussão, o nome Europa derivaria duma palavra que indica a direção do ocidente. O certo é que Lisboa constitui a capital mais ocidental da Europa continental, lembrando a necessidade de abrir caminhos de encontro mais vastos, como aliás Portugal está a fazer sobretudo com os países de outros continentes irmanados pela mesma língua. Espero que a Jornada Mundial da Juventude seja, para o «velho continente» – poderíamos dizer o continente "ancião" –, um impulso de abertura universal, isto é, um impulso que o torne mais jovem. Na verdade, o mundo tem necessidade da Europa, da Europa verdadeira: precisa do seu papel de construtora de pontes e de pacificadora no Leste europeu, no Mediterrâneo, na África e no Médio Oriente. Assim poderá a Europa trazer, para o cenário internacional, a sua originalidade específica; vimo-la delineada no século passado quando, do crisol dos conflitos mundiais, fez saltar a centelha da reconciliação, tornando verdadeiro o sonho de se construir o amanhã juntamente com o inimigo de ontem, o sonho de abrir percursos de diálogo, percursos de inclusão, desenvolvendo uma diplomacia da paz que extinga os conflitos e acalme as tensões, capaz de captar o mais débil sinal de distensão e de o ler por entre as linhas mais distorcidas da realidade.

No oceano da história, estamos a navegar num momento tempestuoso e sente-se a falta de *rotas corajosas* de paz. Olhando com grande afeto para a Europa, no espírito de diálogo que a carateriza, apetece perguntar-lhe: Para onde navegas, se não ofereces percursos de paz, vias inovadoras para acabar com a guerra na Ucrânia e com tantos conflitos que ensanguentam o mundo? E ainda, alargando o campo: *Que rota estás a seguir, Ocidente?* A tua tecnologia, que marcou o progresso e globalizou o mundo, sozinha não basta; e muito menos bastam as armas mais sofisticadas, que não representam investimentos para o futuro, mas empobrecimento do verdadeiro capital humano que é a educação, a saúde, o estado social. Fica-se preocupado ao ler que, em muitos lugares, se investem continuamente os recursos em armas e não no futuro dos filhos. Isto é verdade. Ainda há alguns dias, dizia-me o ecónomo que o investimento que rende melhor é na fabricação de armas. Investe-se mais em armas do que no futuro de nossos filhos. Sonho uma Europa, coração do Ocidente, que use o seu engenho para apagar focos de guerra e acender luzes de esperança; uma Europa que saiba reencontrar o seu ânimo jovem, sonhando a grandeza do conjunto e indo além das necessidades imediatas; uma Europa que inclua povos e pessoas com a sua própria cultura, sem correr atrás de teorias e colonizações ideológicas. E isto ajudar-nos-á a pensar nos sonhos dos pais fundadores da União Europeia: eles sonhavam em grande!

Com a sua imensa vastidão de água, o oceano recorda as origens da vida. No mundo evoluído de hoje, paradoxalmente, tornou-se prioritário defender a vida humana, posta em risco por derivas utilitaristas que a usam e descartam: a cultura do descarte da vida. Penso em tantas crianças não-nascidas e idosos abandonados a si mesmos, na dificuldade de acolher, proteger, promover e integrar quem vem de longe e bate às nossas portas, no desamparo em que são

deixadas muitas famílias com dificuldade para trazer ao mundo e fazer crescer os filhos. Também aqui apetece perguntar: Para onde navegais, Europa e Ocidente, com o descarte dos idosos, os muros de arame farpado, as mortandades no mar e os berços vazios? Para onde navegais? Para onde ides se, perante o tormento de viver, vos limitais a oferecer remédios rápidos e errados como o fácil acesso à morte, solução cómoda que parece doce, mas na realidade é mais amarga que as águas do mar? Penso em tantas leis sofisticadas sobre a eutanásia!

Mas Lisboa, abraçada pelo oceano, oferece-nos motivos para esperar; é cidade da esperança. Há uma maré de jovens que se espraia sobre esta cidade acolhedora. Quero agradecer o grande trabalho e generoso empenho empreendidos por Portugal para acolher um evento tão complexo de gerir, mas fecundo de esperança, pois – como se diz por aqui – «ao lado dos jovens, não se envelhece». Jovens provenientes de todo o mundo que cultivam anseios de unidade, paz e fraternidade, jovens que sonham desafiam-nos a realizar os seus sonhos bons. Não andam pelas ruas a gritar sua raiva, mas a partilhar a esperança do Evangelho, a esperança da vida. E se, em muitos lugares, se respira hoje um clima de protesto e insatisfação, terreno fértil para populismos e conspirações, a Jornada Mundial da Juventude é ocasião para *construir juntos*. Reaviva o desejo de criar coisas novas, fazer-se ao largo e navegar juntos rumo ao futuro. Vêm à mente algumas palavras ousadas de Fernando Pessoa: «Navegar é preciso; viver não é preciso (...); o que é necessário é criar» (*Navegar é preciso*). Trabalhemos, pois, com criatividade para construirmos juntos! Imagino *três estaleiros de construção da esperança* onde podemos trabalhar todos unidos: o ambiente, o futuro, a fraternidade.

*O ambiente*. Portugal partilha com a Europa muitos esforços exemplares na defesa da criação. Mas o problema global continua extremamente grave: os oceanos aquecem e, das suas profundezas, sobe à superfície a torpeza com que poluímos a nossa casa comum. Estamos a transformar as grandes reservas de vida em lixeiras de plástico. O oceano lembra-nos que a existência humana é chamada a viver de harmonia com um ambiente maior do que nós; este deve ser guardado; deve ser guardado com cuidado, tendo em conta as gerações mais novas. Como podemos dizer que acreditamos nos jovens, se não lhes dermos um espaço sadio para construir o seu futuro?

*O futuro* é o segundo estaleiro de obras. E o futuro são os jovens. Mas muitos fatores os desanimam, como a falta de trabalho, os ritmos frenéticos em que se veem imersos, o aumento do custo de vida, a dificuldade de encontrar uma casa e, ainda mais preocupante, o medo de constituir família e trazer filhos ao mundo. Na Europa e em geral no Ocidente, assiste-se a uma fase descendente na curva demográfica: o progresso parece ser uma questão que diz respeito ao desenvolvimento técnico e ao conforto dos indivíduos, enquanto o futuro pede para se contrariar a queda da natalidade e o declínio da vontade de viver. A boa política pode fazer muito neste sentido; pode gerar esperança. Com efeito, não é chamada a conservar o poder, mas a dar às pessoas a possibilidade de esperar. É chamada, hoje mais do que nunca, a corrigir os desequilíbrios económicos dum mercado que produz riquezas mas não as distribui, empobrecendo de recursos e de certezas os ânimos. É chamada a voltar a descobrir-se como geradora de vida e de cuidado da criação, a investir com clarividência no futuro, nas famílias e nos filhos, a promover alianças intergeracionais, onde não se apague o passado mas se favoreçam os laços entre jovens e idosos. É preciso retomar o diálogo ente jovens e idosos. A isto mesmo faz apelo o sentimento da *saudade* portuguesa, que exprime nostalgia, desejo dum bem ausente, que só renasce em contacto com as próprias raízes. Os jovens devem encontrar as suas próprias raízes nos idosos. Neste sentido, é importante a educação, que não pode limitar-se a fornecer noções técnicas para se progredir economicamente, mas destina-

se a introduzir numa história, transmitir uma tradição, valorizar a necessidade religiosa do homem e favorecer a amizade social.
O último estaleiro de esperança é o da *fraternidade*, que nós, cristãos, aprendemos do Senhor Jesus Cristo. Em muitas partes de Portugal, está ainda muito vivo o sentido de vizinhança e solidariedade. Contudo, no contexto geral duma globalização que nos aproxima mas não nos dá uma proximidade fraterna, somos todos chamados a cultivar o sentido da comunidade, começando por ir ter com quem vive ao nosso lado. Com efeito, como observou Saramago, «o que dá verdadeiro sentido ao encontro é a busca; e é preciso andar muito, para se alcançar o que está perto» (*Todos os nomes*, 1997). Como é bom voltar a descobrir-nos irmãos e irmãs, trabalhar pelo bem comum, deixando para trás contrastes e diferenças de perspetiva! Também aqui servem de exemplo os jovens que nos levam, com o seu grito de paz e ânsia de vida, a derrubar as rígidas divisórias de pertença erguidas em nome de opiniões e crenças diversas. Soube de muitos jovens que cultivam, aqui, o desejo de se fazerem próximo dos outros; penso na iniciativa «Missão País», que leva milhares de jovens a viver no espírito do Evangelho experiências de solidariedade missionária em zonas periféricas, sobretudo nas aldeias do interior, indo ao encontro de muitos idosos sozinhos, e isto é uma "unção" para a juventude. Quero agradecer e encorajar a tantos que na sociedade portuguesa se preocupam com os outros, nomeadamente a Igreja, e que fazem tanto bem mesmo longe dos holofotes.
Irmãos e irmãs, sintamo-nos chamados, todos juntos fraternalmente, a dar esperança ao mundo em que vivemos e a este magnífico país. Deus abençoe Portugal!

Centro Cultural de Belém, Lisboa, 2 de agosto de 2023

*Francisco*

## JMJ LISBOA 2023

## Vésperas com os Bispos, os Sacerdotes, os Diáconos, os Consagrados, as Consagradas, os Seminaristas e os Agentes da Pastoral

# Saudação do Presidente da CEP a Sua Santidade o Papa Francisco

Muito estimado Papa Francisco,
É com profunda alegria que saúdo Vossa Santidade e lhe dou as Boas-Vindas, em nome da Igreja em Portugal: bispos, presbíteros, diáconos, pessoas consagradas e leigos, nos seus diversos ministérios; quantos se encontram aqui e a multidão dos que nos acompanham através dos meios de comunicação.
Damos graças a Deus por podermos estar consigo nesta celebração de comunhão eclesial que reforça a nossa união com a totalidade dos irmãos e irmãs que seguem o Senhor Jesus em todo o mundo.
Obrigado, Santo Padre, pela sua presença nesta Jornada Mundial da Juventude, a festa da Igreja sempre renovada e jovem, que este ano tem lugar em Lisboa. Esta tarde, rezamos consigo, para que esta convergência de jovens, marcada pelo encontro com Cristo, os leve a entender e sonhar o sonho de Deus e a encontrar caminhos de participação alegre, generosa e transformadora, na Igreja e em toda a humanidade.
Esta celebração representa igualmente, para toda a Igreja em Portugal, uma ocasião de agradecer e manifestar a própria comunhão e adesão ao serviço e magistério que Vossa Santidade vem desenvolvendo na Igreja e projetando para toda a sociedade. Toca-nos e desafia-nos particularmente o seu convite a abrir-nos à *"alegria do Evangelho"*, na sua simplicidade e universalidade, que gera uma Igreja e uma sociedade justa e fraterna, onde sejamos *"todos irmãos e irmãs"*. Mobiliza-nos igualmente o seu apelo a uma *"Igreja em saída"*, que ofereça a todos os excluídos do mundo – com especial atenção ao drama dos refugiados – sinais evangélicos de presença, de atenção e de cuidado, a começar pelo cuidado da Terra que Deus nos ofereceu como *"casa comum da humanidade"*. Continua a solicitar a nossa atenção particular a defesa do bem das crianças e compromisso de defendê-las de toda a espécie de abusos.
Vemos tudo isso, Santo Padre, na sua convocação da Igreja para um caminho sinodal, que estamos a iniciar em sintonia com toda a Igreja. Estamos empenhados no caminho de transformação pastoral, guiados pelo Espírito do Senhor, na comunhão fraterna, na participação ativa e na saída missionária das nossas comunidades.
A oração que hoje fazemos consigo, Santo Padre, continuará no nosso coração, pedindo sempre ao Senhor, sob a inspiração de Maria, Mãe de Jesus e Mãe da Igreja, que continue a dar-lhe saúde e a luz e alegria do Seu Espírito, para o serviço que lhe confiou na Igreja e no mundo.
Todos pedimos a bênção de Deus para si, a fim de que possa continuar a abençoar-nos em nome d'Ele e a ser uma bênção para o nosso mundo.
Bem-haja, no Coração do Senhor Jesus!

Mosteiro dos Jerónimos, Lisboa, 2 de agosto de 2023
*† José Ornelas Carvalho*
*Bispo de Leiria-Fátima e Presidente da Conferência Episcopal Portuguesa*

## JMJ LISBOA 2023

## Vésperas com os Bispos, os Sacerdotes, os Diáconos, os Consagrados, as Consagradas, os Seminaristas e os Agentes da Pastoral

# Homilia do Santo Padre

Prezados Irmãos Bispos,
Amados sacerdotes, diáconos, consagradas, consagrados, seminaristas,
Queridos agentes pastorais, irmãos e irmãs, boa tarde!

Estou feliz por me encontrar no meio de vós não só para viver, juntamente com muitos jovens, a Jornada Mundial da Juventude, mas também para partilhar o vosso caminho eclesial com as suas canseiras e esperanças. Agradeço a D. José Ornelas as palavras que me dirigiu; desejo rezar convosco, para – como disse – nos tornarmos, junto com os jovens, ousados em abraçar «o sonho de Deus e encontrar caminhos para uma participação alegre, generosa e transformadora a bem da Igreja e da humanidade». Não se trata duma piada; é um programa. Mergulhei na beleza do vosso país, terra de passagem entre o passado e o futuro, local de antigas tradições e de grandes mudanças, embelezado por vales viçosos, praias douradas debruçadas sobre o imenso e fascinante oceano, que banha Portugal. Tudo isto me sugere o ambiente da vocação dos primeiros discípulos, que Jesus chamou nas margens do Mar da Galileia. Quero deter-me sobre este chamamento, que põe em evidência o que acabámos de ouvir na *Lectio brevis* das Vésperas: o Senhor salvou-nos, chamou-nos não em atenção às nossas obras, mas segundo a sua graça (cf. *2 Tm* 1, 9). O mesmo aconteceu na vida dos primeiros discípulos, quando Jesus, ao passar, «viu dois barcos que se encontravam junto do lago. Os pescadores tinham descido deles e lavavam as redes» (*Lc* 5, 2). Então Jesus subiu para o barco de Simão e, depois de ter falado às multidões, mudou a vida daqueles pescadores, convidando-os a fazerem-se ao largo e lançarem as redes. Salta aos olhos o contraste: por um lado, os pescadores *descem do barco para lavar as redes*, ou seja, limpá-las, guardá-las e voltar para casa e, por outro, *Jesus sobe para o barco e convida a lançar novamente as redes para a pesca*. Sobressaem as diferenças: os discípulos *descem*, Jesus *sobe*; os primeiros querem *guardar as redes*, o Mestre quer que *saiam de novo para o mar a fim de pescar*.
Em primeiro lugar, temos os pescadores que *descem do barco para lavar as redes*. Esta é a cena que se apresenta aos olhos de Jesus, e Ele para ali mesmo. Pouco antes quisera começar a sua pregação na sinagoga de Nazaré, mas os seus conterrâneos expulsaram-No da cidade e tentaram até matá-Lo (cf. *Lc* 4, 28-30). Então Jesus sai do lugar sagrado e começa a pregar a Palavra no meio da gente, pelas estradas onde labutam dia a dia as mulheres e os homens do seu tempo. Cristo está interessado em *fazer sentir a proximidade de Deus,* precisamente nos lugares e situações onde as pessoas vivem, lutam, esperam, às vezes colecionando nas suas mãos fracassos e insucessos, precisamente como aqueles pescadores que não tinham pescado nada durante a noite. Jesus olha com ternura para Simão e seus companheiros que, cansados e angustiados, lavam as suas redes, realizando um gesto repetitivo, automático, mas também cansado e resignado: não havia mais nada a fazer senão voltar para casa de mãos vazias.
Às vezes podemos sentir um cansaço semelhante no nosso caminho eclesial. Cansaço. Alguém dizia: «temo o cansaço dos bons». Cansaço sentido quando nos parece que nada mais temos nas mãos além das redes vazias. Trata-se dum sentimento bastante difundido nos países de

antiga tradição cristã, atravessados por muitas mudanças sociais e culturais e cada vez mais marcados pelo secularismo, pela indiferença para com Deus, por um progressivo afastamento da prática da fé. O perigo aqui é que entre o mundanismo. Aliás isto vê-se, com frequência, acentuado pela desilusão ou a aversão que alguns nutrem face à Igreja, devido às vezes ao nosso mau testemunho e aos escândalos que desfiguraram o seu rosto e que nos chamam a uma purificação humilde, constante, partindo do grito de sofrimento das vítimas que sempre se devem acolher e escutar. O risco, porém, quando nos sentimos desanimados (cada um de vós pense em que momento sentiu o desânimo), o risco *é descer do barco*, acabando presos nas redes da resignação e do pessimismo. Ao contrário, confiemos que Jesus continua a tomar pela mão e a levantar a sua Esposa amada. Levemos ao Senhor as nossas canseiras e as nossas lágrimas, para poder enfrentar as situações pastorais e espirituais, dialogando entre nós com abertura de coração para experimentar novos caminhos a seguir. Quando estamos desanimados, mais ou menos conscientemente «aposentamo-nos», «aposentamo-nos» do zelo apostólico, perdemo-lo pouco a pouco e tornamo-nos «funcionários do sagrado». É muito triste quando uma pessoa que consagrou a sua vida a Deus se torna «funcionário», mero administrador das coisas. É muito triste.

De facto, logo que os apóstolos descem para lavar as ferramentas usadas, *Jesus sobe para o barco* e depois *convida a lançar de novo as redes*. No momento do desânimo, momento da «aposentação», deixemos Jesus subir novamente para o barco, com o entusiasmo da primeira vez, aquele entusiasmo que deve ser revivido, reconquistado, reeditado. Ele vem procurar-nos nas nossas solidões, nas nossas crises, para nos ajudar a recomeçar. A espiritualidade do recomeço. Não tenhais medo. A vida é assim: cair e recomeçar, aborrecer-se e recuperar a alegria. Aceitar esta mão que nos dá Jesus. Hoje continua a passar pelas margens da existência para despertar a esperança e dizer, também a nós, como a Simão e aos outros: «Faz-te ao largo; e vós lançai as redes para a pesca» (*Lc* 5, 4). E quando se perde o entusiasmo, assaltam-nos mil justificações para não lançarmos as redes, mas sobretudo apodera-se de nós uma resignação amarga, que é como um verme que corrói a alma. Irmãos e irmãs, vivemos certamente um tempo difícil – bem o sabemos! –, mas a interpelação que o Senhor dirige hoje à Igreja é esta: «Queres descer do barco e afundar na desilusão, ou fazer-Me subir permitindo que seja mais uma vez a novidade da minha Palavra a tomar na mão o leme? Digo a ti sacerdote, consagrado, consagrada, bispo: Queres apenas conservar o passado que ficou para trás ou lançar de novo e com entusiasmo as redes para a pesca?». Eis o que nos pede o Senhor: *despertar a ânsia pelo Evangelho*.

Quando alguém se acostuma, se sente aborrecido e a missão torna-se uma espécie de «emprego», é hora de dar lugar a este segundo chamamento de Jesus, que sempre nos chama de novo. Chama-nos para nos fazer caminhar, chama-nos para nos refazer. Não tenhais medo deste segundo chamamento de Jesus. Não se trata duma ilusão, mas é Ele mesmo que volta a bater à porta. E podemos dizer que esta é a ânsia «boa» quando nos deixamos seduzir pela segunda chamada de Jesus. É a ânsia «boa» que vos comunica, a vós portugueses, a imensidão do oceano: fazer-se ao largo, não para conquistar o mundo, nem para ir à pesca do bacalhau, mas para alegrar o mundo com a consolação e a alegria do Evangelho. Sob este ponto de vista, podemos ler as palavras dum vosso grande missionário, o Padre António Vieira, chamado «*Paiaçu* – pai grande». Segundo ele, para nascer, Deus ter-vos-ia dado uma pequena terra, mas, ao fazer-vos debruçar sobre o oceano, deu-vos o mundo inteiro para morrer: «Para nascer, pequena terra; para morrer, toda a terra: para nascer, Portugal; para morrer, o mundo» (A. Vieira, "Sermão de Santo António", Roma 1670, § IV, in: *Homilias*, vol. III, tomo VII, Porto 1959, p. 69). Somos chamados a lançar de novo as redes e a abraçar o mundo com a esperança do Evangelho. Não é momento de parar, não é momento de desistir, não é

momento de atracar o barco à margem nem de olhar para trás; não temos que escapar deste tempo, só porque nos mete medo, para nos refugiarmos em formas e estilos do passado. Não! Este é o tempo da graça que o Senhor nos concede para nos aventurarmos no mar da evangelização e da missão.

Mas, para o conseguir, precisamos também de fazer opções. Quero indicar três opões, inspiradas no Evangelho.

A primeira opção: *fazer-se ao largo*. Cultivai a magnanimidade. Não sejais pusilânimes! Fazei-vos ao largo, para lançar novamente as redes ao mar, é preciso sair da margem das desilusões e do imobilismo, afastar-se daquela tristeza melosa e daquele cinismo irónico que muitas vezes nos assaltam à vista das dificuldades. Tristeza melosa, cinismo irónico: examinemos a consciência sobre isto. Recuperar o entusiasmo, mas numa segunda edição desse entusiasmo, o entusiasmo já maduro, o entusiasmo que se segue ao fracasso ou ao tédio. Não é fácil recuperar o entusiasmo adulto. Temos de o fazer para passar *do derrotismo à fé*, como Simão que, apesar de ter trabalhado em vão toda a noite, conclui: «Porque Tu o dizes, lançarei as redes» (*Lc* 5, 5). Mas, para nos fiarmos dia a dia no Senhor e na sua Palavra, não bastam palavras, é necessária muita oração. Gostaria de fazer aqui uma pergunta, mas cada qual responde no seu íntimo: Como rezo eu? Como um papagaio, blá, blá, blá, ou adormentando-me diante do Sacrário, porque não sei como falar com o Senhor? Rezo? Como rezo? Apenas na adoração, só diante do Senhor, é que recuperamos o gosto e a paixão pela evangelização. E, curiosamente, perdemos a oração de adoração; e todos, sacerdotes, bispos, consagradas, consagrados têm que a recuperar: recuperar aquele permanecer em silêncio diante do Senhor. A Madre Teresa, envolvida em tantas coisas da vida, nunca deixou a adoração, mesmo nos momentos em que a sua fé vacilava questionando-se se tudo aquilo era verdade ou não. Momento de escuridão, que também teve Teresinha do Menino Jesus. Então, na oração, vencemos a tentação de continuar com uma «pastoral nostálgica feita de lamentações». Num convento havia uma freira (isto aconteceu!) que se lamentava de tudo, e não sei qual era o nome dela, mas as irmãs mudaram-lhe o nome chamando-a a «Irmã Lamúrias». Quantas vezes transformamos em lamúrias as nossas impotências, as nossas desilusões! E, deixando estas lamúrias, ganhemos de novo forças para nos fazermos ao largo, sem ideologias nem mundanismos. Aquele mundanismo espiritual que se insinua em nós e do qual nasce o clericalismo. Clericalismo não só dos padres: os leigos clericalizados são piores do que os padres. Esse clericalismo que nos arruína. E, como dizia um grande mestre espiritual, esse mundanismo espiritual – provocado pelo clericalismo – é um dos males mais graves que podem acontecer à Igreja. Procuremos superar estas dificuldades sem ideologias nem mundanismos, animados por um único desejo: que chegue a todos o Evangelho. Neste caminho, não vos faltam exemplos! E, dado que nos encontramos no meio dos jovens, apraz-me recordar um jovem lisboeta, São João de Brito: era um jovem daqui que há séculos, no meio de muitas dificuldades, foi para a Índia e lá não desdenhava falar e vestir-se à maneira das pessoas locais contanto que lhes pudesse anunciar Jesus. Também nós somos chamados a mergulhar as nossas redes no tempo em que vivemos, a dialogar com todos, a tornar compreensível o Evangelho, mesmo que para isso tenhamos de correr o risco dalguma tempestade. Como os jovens que aqui vêm de todo o mundo para desafiar as ondas gigantes, façamo-nos ao largo também nós sem medo. Sim! Não temamos enfrentar o mar alto, porque no meio da tempestade e dos ventos contrários, Jesus vem ao nosso encontro e diz: «Coragem, sou Eu, não temais!» (*Mt* 14, 27). Quantas vezes já tivemos esta experiência? Cada qual se interpele dentro de si mesmo. E se não a tivemos é porque algo falhou durante a tempestade.

Como segunda opção, *levar juntos por diante a pastoral*, todos juntos. No texto, Jesus confia a Pedro a tarefa de fazer-se ao largo, mas depois fala no plural, dizendo «e vós lançai as redes» (*Lc* 5, 4): Pedro guia o barco, mas todos estão no barco e todos são chamados a fazer descer as redes. Todos. E, quando apanham uma grande quantidade de peixes, não pensam que conseguiriam arranjar-se sozinhos, nem gerem a dádiva como posse e propriedade privada, mas «fizeram sinal – diz o Evangelho – aos companheiros que estavam no outro barco, para que os viessem ajudar» (*Lc* 5, 7). E assim encheram de peixe, não um, mas dois barcos: um significa solidão, fechamento, pretensão de autossuficiência; dois significa relação. A Igreja é sinodal, é comunhão, ajuda mútua, caminho comum. E a isto tende o Sínodo em curso, que terá o seu primeiro período de assembleia geral no próximo mês de outubro. Na barca da Igreja, deve haver lugar para todos: todos os batizados são chamados a subir para ela e lançar as redes, empenhando-se pessoalmente no anúncio do Evangelho. E não vos esqueçais desta palavra: todos, todos, todos. Quando tenho de falar sobre o modo como abrir perspetivas apostólicas, toca-me muito aquela passagem do Evangelho em que os convidados se recusam a ir à festa de núpcias do filho quando já está tudo preparado. Que diz então o senhor, o senhor que preparou a festa? «Saiam pelas periferias e tragam todos, todos, todos, todos: sãos, doentes, crianças e adultos, bons e pecadores. Todos». Que a Igreja não seja uma alfândega para selecionar quem entra e quem não entra. Todos, cada um com a sua vida às costas, com os seus pecados, assim como é diante de Deus, como é diante da vida... Todos. Todos. Não levantemos alfândegas na Igreja. Todos. E é um grande desafio, especialmente em contextos onde os sacerdotes e os consagrados estão cansados porque, enquanto as necessidades pastorais vão aumentando sempre mais, eles são cada vez menos. Mas podemos olhar para esta situação como uma ocasião para, com fraterno entusiasmo e sã criatividade pastoral, envolver os leigos. Assim as redes dos primeiros discípulos tornam-se uma imagem da Igreja, que é uma «rede de relações» humanas, espirituais e pastorais. Se não houver diálogo, se não houver corresponsabilidade, se não houver participação, a Igreja envelhece. Permiti que o exprima assim: nunca um Bispo sem o próprio presbitério e o Povo de Deus; nunca um padre sem os seus irmãos sacerdotes; e todos juntos – sacerdotes, religiosas, religiosos e fiéis leigos – como Igreja, nunca sem os outros, nunca sem o mundo (sem mundanismo – isso sim! –, mas não sem o mundo). Na Igreja, ajudamo-nos, apoiamo-nos reciprocamente e somos chamados a difundir, também fora dela, um clima de fraternidade construtiva. Aliás, como escreve São Pedro, nós somos as pedras vivas usadas para a construção dum edifício espiritual (cf. *1 Ped* 2, 5). E poderia acrescentar numa linguagem que vos é familiar: vós, fiéis portugueses, formais uma «calçada», sois os ladrilhos preciosos que compõem um tal pavimento acolhedor e brilhante que o Evangelho há de pisar; e não pode faltar uma pedrinha sequer, senão imediatamente se dá conta. Tal é a Igreja que, com a ajuda de Deus, somos chamados a construir!

Enfim a terceira opção: *tornar-se pescadores de homens*. Não tenhais medo. Isto não é fazer proselitismo, é anunciar o Evangelho que nos desafia. Nesta imagem tão bela de Jesus – ser pescadores de homens –, Jesus confia aos discípulos a missão de se fazerem ao largo no mar do mundo. Muitas vezes, na Sagrada Escritura, o mar simboliza o lugar do mal e das forças adversas que os homens não conseguem dominar. Por isso pescar as pessoas e tirá-las para fora da água significa ajudá-las a voltar a subir de onde afundaram, salvá-las do mal que ameaça afogá-las, ressuscitá-las de todas as formas de morte. Isto, porém, sem proselitismo, mas com amor. E um dos sinais de alguns movimentos eclesiais que vão por caminho errado é o proselitismo. Quando um movimento eclesial ou uma diocese, ou um bispo, ou um pároco, ou uma freira, ou um leigo faz proselitismo, isso não é cristão; cristão é convidar, acolher, ajudar, mas sem proselitismo. Com efeito, o Evangelho é um anúncio de vida no mar da morte,

de liberdade nas voragens da escravidão, de luz no abismo das trevas. Como afirma Santo Ambrósio, «os instrumentos da pesca apostólica são como as redes: de facto, as redes não fazem morrer quem fica preso nelas, mas conserva-o em vida, arrasta-o dos abismos para a luz» (*Exp. Luc.* IV, 68-79). Não faltam trevas na sociedade atual, inclusive aqui em Portugal... por toda a parte! Fica-se com a sensação de que tenha diminuído o entusiasmo, a coragem de sonhar, a força para enfrentar os desafios, a confiança no futuro; entretanto, vamos navegando nas incertezas, na precariedade sobretudo económica, na pobreza de amizade social, na falta de esperança. A nós, como Igreja, cabe a tarefa de nos fazermos ao largo nas águas deste mar, lançando a rede do Evangelho, sem apontar, sem acusar ninguém, mas levando às pessoas do nosso tempo uma proposta de vida, a de Jesus: levar o acolhimento do Evangelho, convidar para a festa uma sociedade multicultural; levar a proximidade do Pai às situações de precariedade, de pobreza, que crescem sobretudo entre os jovens; levar o amor de Cristo onde é frágil a família e se encontram feridas as relações; transmitir a alegria do Espírito onde reinam o desânimo e o fatalismo. Assim se exprime um escritor vosso: «Para se chegar ao infinito, e julgo que se pode lá chegar, é preciso termos um porto, um só, firme, e partir dali para Indefinido» (F. Pessoa, *Livro do Desassossego*, Lisboa 1998, 247). Queremos sonhar a Igreja Portuguesa como um «porto seguro» para quem enfrenta as travessias, os naufrágios e as tempestades da vida.
Queridos irmãos e irmãs, digo a todos, leigos, religiosos, religiosas, sacerdotes, bispos, a todos, a todos: não tenhais medo, lançai as redes. Não vivais acusando «isto é pecado, isso aí não é pecado». Vinde todos… depois falamos. Mas, primeiro, sintam o convite de Jesus, depois virá o arrependimento e enfim a proximidade de Jesus. Por favor, não transformem a Igreja numa alfândega: aqui entram os justos, os que estão em ordem, os que estão bem casados… todos os outros lá fora. Não. A Igreja não é isto. Justos e pecadores, bons e maus, todos, todos, todos. Será depois o Senhor a ajudar-nos a resolver este assunto. Mas todos. De coração vos agradeço, irmãos e irmãs, a atenção prestada, apesar de aqui ou ali vos ter aborrecido; agradeço-vos tudo o que fazeis, o exemplo, sobretudo o exemplo sem alarde, e a constância: esse levantar-se todos os dias para começar de novo ou para continuar o que se começou. Como costumais dizer: Muito obrigado… pelo que fazeis! E confio-vos a Nossa Senhora de Fátima, à guarda do Anjo de Portugal e à proteção dos vossos grandes Santos e, aqui em Lisboa, de modo especial a Santo António (vo-lo roubam os de Pádua), apóstolo incansável, pregador inspirado, discípulo do Evangelho atento aos males da sociedade e cheio de compaixão pelos pobres. Que Santo António interceda por vós e vos dê a alegria duma nova pesca milagrosa. Depois contais-me, sim? E, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado!

Mosteiro dos Jerónimos, Lisboa, 2 de agosto de 2023

*Francisco*

## JMJ LISBOA 2023

## Encontro com os Jovens Universitários

# Discurso de boas-vindas da Professora Isabel Capeloa Gil, Reitora da Universidade Católica Portuguesa

Santo Padre,

Bem-vindo! Reunidos neste campus da Universidade Católica Portuguesa estão estudantes, professores, colaboradores, *alumni* e amigos da nossa universidade e de outras universidades portuguesas e internacionais que, como peregrinos, de coração aberto, vos dão as boas vindas.

A Universidade Católica Portuguesa, nascida há 56 anos a partir da Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus, em Braga, tem hoje 17 Faculdades e 4 campi distribuídos no território nacional (Lisboa, Porto, Braga e Viseu), com cerca de 20.000 alunos e mais de 2.000 professores e colaboradores. Em 1996 fundou a atual Universidade de São José, em Macau, China. Somos uma universidade em saída, com grande número de professores internacionais, 25% de estudantes de 108 países diferentes. São atribuídas bolsas de estudo e prémios a mais de 20% dos nossos alunos. Em particular, orgulhamo-nos do trabalho com jovens em situação de fragilidade social e económica, migrantes e refugiados, apoiados ao abrigo do Fundo Papa Francisco.

A Universidade é, por definição, um espaço de busca, de diálogo e de acolhimento. Perante realidades marcadas por exclusão e desigualdade, numa época de incerteza, a universidade ergue-se como guardiã da esperança, o que significa promover a capacidade de sonhar, auxiliar a discernir, escutar as vozes em nosso redor, escutar o tempo e intervir nele, defendendo a dignidade das mulheres e homens e acreditando na sua capacidade de transformação. Na nossa atividade, conjuga-se a busca do conhecimento em prol da melhoria da condição humana, o discernimento ético que orienta a possibilidade de selecionar e agir, o cultivo da beleza e do gesto estético que é também uma busca do sentido no mundo. Além dos laboratórios e das salas de aula, a universidade organiza também a sua atividade em torno de duas galerias de arte – em Lisboa – porque a linguagem artística é um instrumento fundamental para a compreensão da realidade que nos rodeia. A universidade é por isso curadora do saber, filósofa da ação e gestora da beleza.

Santo Padre, na Encíclica *Laudato si'*, convida-nos "a pensar num só mundo com um projeto comum" (*Laudato si'*, 164) e a acolher o mundo como um "sacramento de comunhão" (*Laudato si'*, 9). Estas deveriam ser a experiência e a prática de um académico. A ciência e a investigação requerem reconhecimento mútuo e capacidade de transformar e transcender, num envolvimento comunitário e colaborativo. A nossa proposta é rica de valores, porque decorre de uma específica visão cristã humanista da existência. Mas, para honrar esta tradição, devemos desafiar-nos constantemente. A universidade não existe para se preservar como instituição, mas para responder com coragem aos desafios do presente e do futuro. E por isso será sempre projeto, nunca obra terminada.

O lançamento do novo *Campus Veritati* da Universidade Católica Portuguesa cuja primeira pedra Vossa Santidade irá abençoar, alarga o espaço de acolhimento do nosso campus, aberto ao mundo, à escuta e à esperança. Neste momento tão significativo, queremos anunciar

também a criação de uma nova cátedra “Economia de Francisco e de Clara”, dedicada a acolher iniciativas transversais em todas as faculdades da UCP, destinadas a promover os princípios da Economia de Francisco e desenvolver um modelo social dignificador das pessoas e do ambiente.
Papa Francisco, bem-haja pela generosidade com que nos inspira na nossa missão. Rezamos por si. E obrigada pelo carinho fraternal para com os protagonistas do futuro, os jovens que se reúnem nestes dias em Lisboa e cujas vozes vamos agora ouvir.

Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 3 de agosto de 2023

**JMJ LISBOA 2023**

**Encontro com os Jovens Universitários**

# Testemunhos

## 1. Testemunho de Tomás Virtuoso

*[29 anos, Natural de Lisboa; Licenciado e mestre em Economia pela Católica Lisbon School of Business and Economics da Universidade Católica Portuguesa. Estudante do 2º ano de Teologia na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa (Sede – Lisboa); Aluno do Seminário Maior de Cristo-Rei (Olivais) do Patriarcado de Lisboa. Membro do Organismo Internacional de Consulta dos Jovens do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida entre 2019-2021]*

Santo Padre,
A Universidade Católica Portuguesa tem sido, ao longo da minha vida académica, um lugar de transversalidade de saberes no qual tudo se percebe ligado e interdependente, de renovado espanto diante da beleza da realidade criada (seja numa equação matemática seja num texto de Sto. Agostinho) e de encontro profundo com Deus, que tudo sustenta e a tudo dá sentido. Muito daquilo que o Santo Padre propõe na sua *Laudato si'* pude eu viver ao longo destes anos felizes como aluno da Católica: tanto nos bancos das aulas ou da biblioteca como na experiência marcante da Missão País, tanto no projeto Economia de Francisco como nas muitas amizades que aqui fiz e que me lembram que a minha vida ganha propósito e grandeza quando é vivida com outros e ao seu serviço.
À minha geração, parece-me que se pede que não ignore as muitas intuições que a *Laudato si'* nos lança. Em primeiro lugar, que nos estimule a mobilizar cada vez mais a melhor ciência, pondo verdadeira confiança no dom divino da razão, para continuar a encontrar soluções efetivas para os desafios com que nos debatemos. Em segundo lugar, que nos convença crescentemente a não aceitar quaisquer avanços tecnológicos que não tenham um forte enraizamento ético e espiritual, que não garantam o respeito pela dignidade inviolável da pessoa e por toda a criação. Em terceiro lugar, que nos leve à decisão firme de viver de acordo com as exigências do bem comum, esse princípio estruturante da doutrina social da Igreja. Por um lado, que nos encoraje a uma conversão de vida, da cabeça, do coração e das mãos. E, por outro lado, que nos anime a uma participação política e social mais comprometida que coloque no centro a opção preferencial pelos pobres. Em último lugar, especialmente para todos os jovens católicos da minha geração, que nos entusiasme a evangelizar, a dizer sem medo que não é possível uma verdadeira ecologia integral sem Deus, que não pode haver futuro num mundo sem Deus.
Santo Padre, no 4º Congresso Internacional sobre o Cuidado da Criação, que a Universidade Católica acolheu no início desta semana por iniciativa da Fundação João Paulo II para a Juventude, foi justamente com a ecologia integral que nos comprometemos. Com a certeza de que Cristo, Deus vivo e verdadeiro, é a resposta a um mundo que procura um sentido por entre as alegrias e as tristezas do tempo presente, tenho a alegria de poder entregar nas mãos de Vossa Santidade o Manifesto que resultou dos nossos trabalhos acerca dos estilos de vida para uma nova humanidade.
Obrigado, Santo Padre, por nos convidar a ser verdadeiros adoradores de Deus e, com isso, a viver com sabedoria, a pensar em profundidade e a amar com generosidade.

## 2. Testemunho de Mariana Craveiro

*[Natural do Porto, 21 anos; Licenciada em Psicologia pela Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional do Porto. A partir de setembro de 2023, estudante do Mestrado em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante na mesma faculdade.]*

Santo Padre,
Reconheço hoje com alegria que o meu percurso nesta Universidade converge com os princípios para os quais Vossa Santidade convocou o mundo académico com a proposta de um Pacto Educativo Global. É nisso que gostaria de me centrar.
Entrei na Universidade Católica em 2020, em plena pandemia. Nesse contexto, por meio do programa Católica Solidária, a Universidade ajudou-me a perceber a urgência de manter a prioridade dada à pessoa humana, e assim pude ajudar a servir refeições, todas as semanas, às pessoas sem abrigo e mais necessitadas, no centro da cidade do Porto.
Mas esta experiência foi apenas um ponto de partida e o modo de Deus me ensinar que estar ao serviço para acolher os mais vulneráveis e excluídos tinha de ser uma prioridade nos meus dias de estudante, como membro de uma "Igreja em saída". Nos últimos anos, colaborei com uma instituição que apoia pessoas com deficiência, e pude dar-me conta do impacto real da esperança e da alegria, dadas e recebidas. A Universidade Católica pôs-me também em contacto com a metodologia Aprendizagem-Serviço, o que me deu uma compreensão mais abrangente dos temas curriculares e uma convicção maior quanto à responsabilidade cívica que a educação traz consigo. Nesse contexto, tenho sido voluntária na Clínica de Psiquiatria de um estabelecimento prisional. Entrei neste projeto de cabeça, mãos, coração e alma, e conseguimos alcançar metas altas, fazendo, por exemplo, que 28 reclusos com problemas de saúde mental reconheçam o seu potencial e experimentem a "liberdade dos talentos" (assim designei este projeto).
Reconheço que a comunidade educativa, a mim, não me falhou, dando-me as condições e as ferramentas necessárias para que pudesse crescer integralmente, como jovem e como mulher. Por isso, comprometo-me a ser abraço de reconciliação e paz no serviço à comunidade, como Vossa Santidade nos tem interpelado, e estou certa de que Deus me convida a traçar o meu caminho junto dos mais excluídos. O meu dever, enquanto futura psicóloga, passa por acolher todos sem discriminações e aceitar o outro exatamente como ele é, independentemente da sua morada ou do seu passado.
Santo Padre, quero ser protagonista da mudança – e não jovem "à janela que vê o mundo a passar" –, aplicar profissionalmente o que aprendi para chegar aos mais vulneráveis e ajudar a escrever novas histórias e paradigmas para um mundo mais justo e com mais fé.
A nossa geração quer ser feliz. Constato com alegria que estou rodeada de jovens protagonistas, com iniciativa, e prontos para "fazer barulho" com o entusiasmo, o empenho e a esperança que transformam o mundo. Nós, jovens cristãos, temos muita vontade de contagiar os outros, e de lhes mostrar que vale a pena arriscar com Deus. Sei que Deus é jovem, e eu vejo-O todos os dias em cada um de nós.
Muito obrigada!

## 3. Testemunho de Beatriz Ataíde

*[27 anos, Natural de Lisboa. Estudante de Filosofia na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional de Braga. Membro do hub da Economia de Francisco Portugal]*

Santo Padre, bom dia!
Agradeço-lhe os múltiplos convites de aprofundamento e de missão conjunta. Obrigado por nos fazer encetar caminhos novos, por provocar a reflexão, por nos escutar, por nos responsabilizar, por nos encorajar e depositar confiança em nós, jovens membros da Economia de Francisco.
Os meus estudos em Filosofia vêm no culminar de um processo longo de discernimento. Fui percebendo que, qualquer que seja a forma vocacional que a minha vida tome, o meu desejo de ser madura passa sempre por me ocupar dos outros. Especificamente, senti-me chamada por Deus a *ajudar a erguer os corações feridos pelo pecado.* Nesse sentido, depois da minha conversão tardia, fui tendo várias experiências que me levaram a concluir que é a partir do campo da cultura que me sinto chamada a ser abençoada por Deus, a descobrir-me, a descobri-Lo e a atuar.
Como fermento no meio da massa, como sal da terra, é na cultura da aldeia, na cultura das pessoas, na cultura da terra e dos cantares que desejo estar, vigilante e com a Igreja, em prol de uma cultura boa e sã. Uma grande confirmação que tenho é perceber que, já antes da minha conversão ao Deus de Jesus Cristo, o Espírito Santo me encaminhava como batizada para aqui. Desse tempo guardo também um grande amor à pergunta sobre o que significa viver e ser pessoa, e sobre o sentido do sofrimento.
Assim, a Filosofia surge como o caminho pelo qual Deus me capacita para assumir cada vez mais esse cuidado pelos meus irmãos e por mim, por quem Jesus Cristo tanto sofre. Tenho vindo a descobrir a grande potência do estudo da filosofia para trabalhar as virtudes, mas também para criar laços de amizade, numa busca conjunta da Verdade, que é Cristo, e para combater o desenraizamento cultural.
Em português temos uma expressão que usamos quando queremos ajudar alguém: *chamar à razão*. Desejo que ela – a razão – esteja ao serviço da comunhão. Assim, como agente cultural num sentido largo, vejo alegria em levar a arte de contemplar para o meio das pessoas. Desejo ajudar a pensar e a viver a vida a partir de princípios de Caridade, de Paz e de Verdade.
Como nos aconselha Santo Inácio, ajuda-nos o compromisso com o *pouco, pequeno e possível.* Neste momento comprometo-me a terminar o curso de Filosofia, com um aproveitamento efetivo e afetivo. E, para isso, é imprescindível uma boa rotina de oração, para crescer em confiança na Providência e em abertura ao Espírito Santo no dia a dia.

## 4. Testemunho de Mahoor Kaffashian

*[25 anos, Natural do Irão. Estudante de Medicina Dentária na Faculdade de Medicina Dentária da Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional de Viseu]*

Santo Padre,
O meu nome é Mahoor Kaffashian, sou estudante de Medicina Dentária em Viseu desde setembro de 2022. Refugiada, inicialmente deslocada do meu próprio país, o Irão, para a Ucrânia, onde uma guerra real me fez sentir sobrevivente. Acima de tudo, sou crente, e devo o meu olhar de esperança sobre o futuro à extraordinária equipa da Universidade Católica: cuidou e cuidará de mim, no contexto do Fundo de Apoio Social Papa Francisco.
Eu não era a mesma pessoa que sou agora. No ano passado, se me tivessem dito que eu era uma pessoa muito forte, provavelmente não teria acreditado. Mas agora acredito.
Depois de tudo o que passei, depois do sentimento constante de ausência de um lar, da família, dos amigos, depois de ter ficado sem teto, sem universidade, sem dinheiro, sei que o conceito de força não significa que não me sinta cansada, exausta e abatida pela dor e pela perda. Significa apenas que tenho a força, a fé e a coragem para seguir em frente. Sinto-me orgulhosa de estar aqui, num novo recomeço neste país tão belo e acolhedor, participando ativamente na vida da nossa casa comum, e estudando, enquanto tento distribuir à minha volta, eu também, o amor, a esperança e a fé que esta Universidade me ofereceu incondicionalmente numa verdadeira cultura do encontro.
Não há palavras para descrever os meus sentimentos neste momento, mas tenho a sorte de estar aqui, a falar a Vossa Santidade com orgulho do passado, acreditando que melhores dias virão.
Obrigada!

Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 3 de agosto de 2023

## JMJ LISBOA 2023

## Encontro com os Jovens Universitários

# Discurso do Santo Padre

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Obrigado, senhora Reitora, pelas suas palavras. Obrigado! Afirmou que todos nos sentimos «peregrinos», palavra esta cujo significado merece ser meditado. Literalmente, quer dizer deixar de lado a rotina habitual e pôr-se a caminho com um intento, que pode ser o de um passeio pelos campos ou ir mais além dos nossos confins habituais; seja como for, deixando o espaço de conforto pessoal rumo a um horizonte de sentido. Na imagem do «peregrino», espelha-se a conduta humana, pois todos somos chamados a confrontar-nos com grandes interrogativos que não têm resposta, não têm uma resposta simplista ou imediata, mas convidam a realizar uma viagem, superando-se a si mesmo, indo mais além. Trata-se dum processo que um universitário compreende bem, pois é assim que nasce a ciência. E de igual modo cresce também a busca espiritual. Peregrino é caminhar para uma meta ou à procura duma meta. Há sempre o perigo de mover-se num labirinto, onde não há meta, nem saída. Desconfiemos das fórmulas pré-fabricadas (são labirínticas), desconfiemos das respostas que nos parecem ao alcance da mão, das respostas extraídas da manga como se fossem cartas viciadas de jogar; desconfiemos das propostas que parecem dar tudo sem pedir nada. Desconfiemos. A difidência é uma arma para poder caminhar para diante e não continuar às voltas. Vemos numa parábola de Jesus que só encontra a pérola de grande valor quem a procura com sabedoria e com espírito de iniciativa, quem dá tudo e arrisca tudo o que tem para a possuir (cf. *Mt* 13, 45-46). Procurar e arriscar: estes são os dois verbos do peregrino. Procurar e arriscar.
Fernando Pessoa diz, de modo atormentado mas correto, que «ser descontente é ser homem» (*Mensagem*, O Quinto Império). Não devemos ter medo de nos sentir inquietos, de pensar que tudo o que possamos fazer não basta. Neste sentido e dentro duma justa medida, estar insatisfeito é um bom antídoto contra a presunção de autossuficiência e contra o narcisismo. O caráter incompleto define a nossa condição de indagadores e peregrinos; como diz Jesus, estamos no mundo, mas não somos do mundo (cf. *Jo* 17, 16). Estamos caminhando «para». Somos chamados a algo mais, a uma decolagem sem a qual não há voo. Portanto, não nos alarmemos se nos encontramos intimamente sedentos, inquietos, incompletos, desejosos de sentido e de futuro, *com saudade do futuro*. E aqui, junto com a saudade do futuro, não vos esqueçais de manter viva a memória do futuro. Não estamos doentes, estamos vivos! Preocupemo-nos antes quando estamos prontos a substituir a estrada a fazer por uma paragem em qualquer estação de serviço que nos dê a ilusão do conforto; quando substituímos os rostos pelos ecrãs, o real pelo virtual; quando, em vez das perguntas lacerantes, preferimos as respostas fáceis que anestesiam. E podemos encontrá-las em qualquer manual de relações sociais, de bom comportamento. As respostas fáceis anestesiam. Amigos, permiti que vos diga: *procurai e arriscai*. Neste momento histórico, os desafios são enormes, os gemidos dolorosos: estamos a viver uma terceira guerra mundial feita aos pedaços. Mas abracemos o risco de pensar que não estamos numa agonia, mas num parto; não no fim, mas no início dum grande espetáculo. E é precisa coragem para pensar assim. Por

isso sede protagonistas duma «nova coreografia» que coloque no centro a pessoa humana, sede coreógrafos da dança da vida. As palavras da senhora Reitora serviram-me de inspiração sobretudo quando afirmou que «a universidade não existe para se preservar como instituição, mas para responder com coragem aos desafios do presente e do futuro». A auto-preservação é uma tentação, é um reflexo condicionado pelo medo, que nos faz olhar para a existência de forma distorcida. Se as sementes se preservassem a si mesmas, desperdiçariam completamente a sua força geradora e condenar-nos-iam à fome; se os invernos se preservassem a si mesmos, não existiria a maravilha da primavera. Por isso, tende a coragem de substituir os medos pelos sonhos: substituí os medos pelos sonhos, *não sejais administradores de medos*, mas empreendedores de sonhos!

À universidade que se comprometeu a formar as novas gerações, seria um desperdício pensá-la apenas para perpetuar o atual sistema elitista e desigual do mundo com o ensino superior que continua a ser um privilégio de poucos. Se o conhecimento não for acolhido como uma responsabilidade, torna-se estéril. Se quem recebeu um ensino superior – que hoje, em Portugal e no mundo, continua a ser um privilégio –, não se esforça por restituir aquilo de que beneficiou, significa que não compreendeu profundamente o que lhe foi oferecido. Gosto de pensar que, no Génesis, as primeiras perguntas que Deus faz ao homem são: «Onde estás?» (3, 9) e «Onde está o teu irmão?» (4, 9). Far-nos-á bem perguntar-nos: *Onde estou*? Permaneço fechado no meu mundo ou abraço o risco de sair das minhas seguranças para me tornar um cristão praticante, um artesão de justiça, um artesão da beleza? E perguntemo-nos ainda: *Onde está o meu irmão*? Experiências de serviço fraterno como a «Missão País» e muitas outras, que nascem no meio académico, deveriam ser consideradas indispensáveis para quem passa por uma universidade. Com efeito, o título de estudo não deve ser visto apenas como uma licença para construir o bem-estar pessoal, mas como um mandato para se dedicar a uma sociedade mais justa, uma sociedade mais inclusiva, ou seja, mais desenvolvida. Disseram-me que a vossa grande poetisa Sophia de Mello Breyner Andresen, em entrevista que é uma espécie de testamento, à pergunta «o que gostaria de ver realizado em Portugal neste novo século?», respondeu sem hesitar: «Gostaria que se realizasse a justiça social, a diminuição das diferenças entre ricos e pobres» ("Entrevista feita por Joaci Oliveira", *Cidade Nova*, nº 3/2001). Dirijo agora a mesma pergunta a vós, caros estudantes, peregrinos do saber: Que quereis ver realizado em Portugal e no mundo? Quais mudanças, qual transformação? E como pode a universidade, especialmente a Católica, contribuir para isso?

Beatriz, Mahoor, Mariana, Tomás, agradeço os vossos testemunhos. Em todos havia um tom de esperança, uma carga de entusiasmo realista, sem queixumes nem escapadelas idealistas. Quereis ser protagonistas, «protagonistas da mudança», como disse a Mariana. Ao escutar-vos veio-me ao pensamento uma frase do escritor Almada Negreiros, que talvez vos seja familiar: «Sonhei com um país onde todos chegavam a Mestres» (*A Invenção do Dia Claro*). Também este idoso que vos fala (é que já estou velho), este idoso sonha que a vossa geração se torne uma geração de mestres: mestres de humanidade, mestres de compaixão, mestres de novas oportunidades para o planeta e seus habitantes, mestres de esperança. E mestres que defendam a vida do planeta, ameaçada neste momento por uma grave destruição ecológica.

Como alguns de vós sublinharam, devemos reconhecer a urgência dramática de cuidar da casa comum. No entanto, isso não pode ser feito sem uma conversão do coração e uma mudança da visão antropológica subjacente à economia e à política. Não podemos contentar-nos com simples medidas paliativas ou com tímidos e ambíguos compromissos. Neste caso, «os meios-termos são apenas um pequeno adiamento do colapso» (Francisco, Carta enc. *Laudato si'*, 194). Não vos esqueçais disto: os meios-termos são apenas um pequeno adiamento do

colapso. Trata-se, pelo contrário, de tomar a peito o que infelizmente continua a ser adiado, ou seja, a necessidade de redefinir o que chamamos progresso e evolução. É que, em nome do progresso, já se abriu caminho a um grande retrocesso. Pensai bem nisto que vos digo: em nome do progresso, já se abriu caminho a um grande retrocesso. Vós sois a geração que pode vencer este desafio: tendes instrumentos científicos e tecnológicos mais avançados, mas, por favor, não vos deixeis cair na cilada de visões parciais. Não esqueçais que temos necessidade duma ecologia integral, de escutar o sofrimento do planeta juntamente com o dos pobres; necessidade de colocar o drama da desertificação em paralelo com o dos refugiados; o tema das migrações juntamente com o da queda da natalidade; necessidade de nos ocuparmos da dimensão material da vida no âmbito duma dimensão espiritual. Não queremos polarizações, mas visões de conjunto.

Obrigado, Tomás, por nos teres dito que «não é possível uma verdadeira ecologia integral sem Deus, que não pode haver futuro num mundo sem Deus». Também eu gostaria de vos dizer: tornai credível a fé através das decisões. Porque se a fé não gera estilos de vida convincentes, não faz levedar a massa do mundo. Não basta que um cristão esteja convencido, deve ser convincente; as nossas ações são chamadas a refletir a beleza jubilosa e simultaneamente radical do Evangelho. Além disso, o cristianismo não pode ser habitado como uma fortaleza cercada de muros, que ergue baluartes contra o mundo. Por isso, achei tocante o testemunho de Beatriz, quando disse que é precisamente «a partir do campo da cultura» que se sente chamada a viver as Bem-aventuranças. Em cada época, uma das tarefas mais importantes para os cristãos é a de recuperar o sentido da encarnação. Sem a encarnação, o cristianismo torna-se uma ideologia e a tentação das «ideologias» cristãs (entre aspas), é muito atual; é a encarnação que permite maravilhar-se com a beleza que Cristo revela através de cada irmão e irmã, cada homem e mulher.

A propósito, é interessante que, na vossa nova cátedra dedicada à «Economia de Francisco», tenhais acrescentado a figura de Clara. De facto, é indispensável o contributo feminino. No inconsciente coletivo, quantas vezes se pensa que as mulheres são de segunda categoria, são reservas, não jogam como titulares. Isto existe no inconsciente coletivo. Mas a contribuição feminina é indispensável. Aliás vê-se, na Bíblia, como a economia familiar está em grande parte na mão da mulher. É ela a verdadeira «governante» da casa, com uma sabedoria que não visa exclusivamente o lucro, mas o cuidado, a convivência, o bem-estar físico e espiritual de todos, bem como a partilha com os pobres e os estrangeiros. E abordar os estudos económicos com esta perspetiva é entusiasmante, tendo em vista devolver à economia a dignidade que lhe compete, para que não caia como presa do mercado selvagem e da especulação.

A iniciativa do *Pacto Educativo Global* e os sete princípios da sua arquitetura incluem muitos desses temas, desde o cuidado da casa comum à plena participação das mulheres, à necessidade de encontrar novas formas de entender a economia, a política, o crescimento e o progresso. Convido-vos a estudar o *Pacto Educativo Global*, a apaixonar-vos por ele. Um dos pontos que trata é a educação para o acolhimento e a inclusão. E não podemos fingir que não ouvimos as palavras de Jesus no capítulo 25 de Mateus: «era estrangeiro e recolhestes-me» (25, 35). Acompanhei emocionado o testemunho de Mahoor, quando lembrou o que significa viver com o «sentimento constante de ausência de um lar, da família, dos amigos, (...) de ter ficado sem teto, sem universidade, sem dinheiro, (...) cansada, exausta e abatida pela dor e pelas perdas». Disse-nos que reencontrou a esperança porque alguém acreditou no impacto transformador da cultura do encontro. Sempre que alguém pratica um gesto de hospitalidade, desencadeia uma transformação.

Amigos, estou muito contente por vos ver como uma comunidade educativa viva, aberta à realidade e consciente de que o Evangelho não se limita a servir de ornamento, mas anima as partes e o todo. Sei que o vosso percurso engloba diversos âmbitos: estudo, amizade, serviço social, responsabilidade civil e política, cuidado da casa comum, expressões artísticas... Ser uma universidade *católica* significa, antes de mais nada, que cada elemento está em relação com o todo e o todo revê-se nas partes. Assim, ao mesmo tempo que se adquirem competências científicas, vai-se amadurecendo como pessoa, no conhecimento de si mesmo e no discernimento do próprio caminho. Caminho, sim; labirinto, não. Então avante! Uma tradição medieval conta que quando os peregrinos se cruzavam no Caminho de Santiago, um saudava o outro exclamando «*Ultreia*» ao que este respondia «*et Suseia*». Trata-se de expressões de encorajamento para prosseguir a busca e o risco da caminhada, dizendo-se mutuamente: «Vai mais longe e mais alto!» «Coragem, força, anda para diante!» E isto é o que também eu vos desejo, de todo o meu coração, a todos vós. Obrigado!

Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 3 de agosto de 2023

*Francisco*

## JMJ LISBOA 2023

### Encontro com os Jovens das *Scholas Occurrentes*

# Palabras de bienvenida del Presidente José Maria del Corral

Querido Papa Francisco, queremos agradecerte una vez más por acompañar el trabajo de los jóvenes para hacer realidad la Cultura del Encuentro. Como vos mismo lo has dicho en reiteradas ocasiones, la educación actual exige volver al origen para integrar en cada jóven el lenguaje del corazón con el de la mente y el de las manos. Por eso Scholas, desde que eras obispo en Buenos Aires les da a través del deporte, el arte y la tecnología, una vida con Sentido. Sabemos que una educación que no genera sentido, genera violencia, guerra y exclusión.

Esta sede de Scholas es testimonio viviente del pacto educativo que promueves en todo el mundo, ya que aquí en Portugal y en Cascais el gobierno, junto a las empresas, a los referentes religiosos y a las organizaciones sociales, trabajan mancomunadamente en la respuesta a las problemáticas que los jóvenes presentan en cada encuentro de Scholas Ciudadanía. Por esto, vamos a compartir el testimonio de los jóvenes, con sus palabras y sus gestos fruto del trabajo educativo en el deporte, el arte y la tecnología. Gracias por seguir teniendo tanta juventud en tus años de sabiduría. Si te gustó mucho Portugal, aquí los jóvenes han dejado preparada una habitación para vos, que dicen que es más cómoda que la de Santa Marta.

Sede das *Scholas Occurentes* de Cascais, 3 de agosto de 2023

## JMJ LISBOA 2023

## Encontro com os Jovens das *Scholas Occurrentes*

# Testimonios

***1. Testimonio de Paulo Esaka Oliveira da Silva*** *(jóven evangelista)*

Para mí fue una experiencia muy buena, muy notable, porque tuve la oportunidad de estar con personas de diferente religión, cultura, personas con discapacidad, ancianos, niños, adolescentes. Por lo tanto, creo que fue una experiencia muy gratificante porque demuestra que Scholas es una comunidad donde varias personas pueden entrar, varias personas pueden participar y tener el lugar para expresarse, poder mostrar sus sentimientos, mostrar lo que viven día a día, y creo que eso es Scholas en sí, la gente mostrando lo que siente, la gente expresándose unos a otros en diferentes religiones, diferentes culturas, religiones, no importa, no importa, todos son muy bienvenidos en Scholas.

***2. Testimonio de Mariana dos Santos Barradas*** *(jóven católico)*

Para mí este proyecto fue mucho más que una oportunidad. Fue realmente un encuentro donde no sólo conocí gente diferente, sino que también pude realmente construir puentes con la comunidad y tener la oportunidad de conocer realmente a estas personas que no nos vemos tan a menudo, incluso tenemos inmensas diferencias con nosotros. Sin embargo en estas diferencias encontramos nuestras coincidencias y podemos realmente profundizar en esto y darnos cuenta de que este mural fue la traducción de mucho más que una pintura o estar juntos, sino de historias, de vida y de mucho compartir, compartir que no era un compartir superficial o un compartir de likes en Instagram. Fue un compartir mucho más profundo que nos da la posibilidad de ir mucho más allá de lo que estamos acostumbrados a ver, de lo que estamos acostumbrados a oír, quizás algunas cosas que incluso nos sorprenden, que nos pasan cerca, que sólo pensamos que pasan lejos y profundizar en ese sentido. Y para mí, personalmente, fue realmente una oportunidad, sin duda, de poder. Me siento muy agradecida por este proyecto porque, como católica también, siento que todos los valores que transmitimos vienen de ahí, pero muchas veces sin tener que hablar de Dios, sin tener que decir ni una palabra de ello, sino viviéndolo. Creo que hoy en día, hay poca esperanza en las personas y hay que entender realmente que en las personas también existe esa esperanza y también existe esa voluntad de vivir, aunque a veces esté escondida detrás de una pequeña sonrisa, escondida detrás de algún daño que haya pasado, pero la esperanza está ahí y hace falta a veces sólo una animación, sólo una canción, sólo ser capaz de expresarla a través de una forma diferente, como la pintura, para poder dar la vuelta a lo que todavía podemos hacer en nuestra vida, en la realidad.

***3. Testimonio de Aladje Dabo*** *(jóven musulman)*

Soy Aladji, desde que conocí Scholas me enamoré porque también responde a mis pasiones. Una de mis pasiones es justamente contribuir al bienestar de la comunidad, preocuparme por mi prójimo y esa es la esencia de Scholas. Uno del movimiento también es ver a las personas,

ver todo lo que hay a nuestro alrededor y eso es algo que me llamó mucho la atención y me enamoró. Porque no ve raza, no ve religión, no ve nuestra cultura per se, sino que valora la interculturalidad que hay y termina atendiendo a personas de diferentes. Scholas es un espacio multicultural en ese sentido y entramos en la escuela sin dejar de lado nuestra religión, sino teniendo nuestra religión, teniendo nuestra creencia, pero tratando de conocer a otros con eso, sin cuestionar nuestra creencia, sino conociendo a otros que tienen diferentes confesiones, que tienen diferentes religiones, tienen diferentes culturas y esa es la riqueza que existe dentro de Scholas, esa es su principal riqueza, la multiculturalidad y el englobar a personas de diferentes confesiones.

Sede das *Scholas Occurentes* de Cascais, 3 de agosto de 2023

**JMJ LISBOA 2023**

**Encontro com os Jovens das *Scholas Occurrentes***

# Oferta do ícone do Bom Samaritano

Fielmente realizado segundo as técnicas tradicionais de pintura ao ovo sobre madeira preparada a folha de ouro, este ícone moderno representa a *Parábola do Bom Samaritano* (*Lc* 10, 25-37). Esta parábola nasce como resposta de Jesus à pergunta que lhe fez um doutor da Lei: «Quem é o meu próximo?» Fá-lo contando o caso dum homem que viajava de Jerusalém para Jericó, quando embateu em salteadores que o encheram de pancada e deixaram por terra meio morto (à esquerda no ícone), acabando depois negligenciado, na escuridão da indiferença, por dois personagens religiosos de então (à direita). O socorro havia de lhe vir dum Samaritano, um estrangeiro, que se aproxima dele com compaixão e que, na representação, simboliza Cristo: Ele veio do Céu para cuidar de nós e fez-se «próximo da humanidade», derramando nas suas feridas azeite e vinho – gesto que evoca o dom salvífico dos Sacramentos – e levando-a para a locanda, que é um prelúdio da Igreja (no centro do ícone), a fim de lhe prestar assistência e cuidar dela. De facto, no ícone, o rosto de Cristo, sentado entre dois anjos no alto em toda a sua majestade dentro dum luminoso globo oval, é o mesmo do Samaritano, uma interpretação fiel do comentário de Clemente de Alexandria: «Quem é aquele Samaritano senão o próprio Salvador? Ou quem usou de maior misericórdia para connosco, quase mortos pelos poderes das trevas com feridas, medos, ambições, fúrias, tristezas, fraudes, prazeres? Destas feridas, só Jesus é médico; só Ele arranca os vícios pela raiz» (*Quis dives*, 29). Mas o homem, primeiro aturdido pelos salteadores e depois jazendo por terra, também apresenta um rosto que recorda o de Cristo: uma tal semelhança evoca a presença do Senhor em toda a pessoa sofredora e necessitada.

Sede das *Scholas Occurentes* de Cascais, 3 de agosto de 2023

## JMJ LISBOA 2023

## Encontro com os Jovens das *Scholas Occurrentes*

# Saudação do Santo Padre

**Pergunta 1 (POR)**

Bom dia! Scholas! Scholas! Scholas! Quando este espaço me foi proposto, não tive dúvidas em aceitar e entrar porque nele todos partilham as suas emoções e sentimentos. É um espaço onde cada um contribui com aquilo que tem, de valores éticos e morais, para o bem-estar da comunidade, independentemente da própria religião ou origem. Sou muçulmano da Guiné Bissau, mas sinto-me parte deste espaço. E, como muçulmano, sinto a obrigação e o dever de me unir e fazer parte deste movimento. Pois o próprio islão encoraja à boa convivência entre as crenças, entre as várias crenças. E exorta e preocupa-se pelo bem-estar da comunidade. Diz-nos aquilo que devemos fazer, ou seja, que devemos cuidar do próximo. Por isso gostaria de saber o motivo por que Scholas é um espaço com que todos se identificam e porque é necessário tanta diversidade para se obter uma obra de arte? Obrigado.

**Resposta PAPA (ESP)**

Scholas torna possível que cada um se sinta interprelado. Com grande respeito, que não é um respeito estático, mas dinâmico, que põe as pessoas em movimento para fazerem coisas, para exprimirem-se agindo, como nesta pintura que, segundo as palavras de José Maria del Corral, é uma «capela sistina» pintada por vós [*Aplausos*]. Scholas põe-te em movimento, faz-te respeitar o outro e escutar o outro que tem algo a dizer-te, e o outro por sua vez escutar-te a ti porque tens algo a dizer-lhe. Scholas mostra-te o caminho para avançar e faz-te seguir para diante. Scholas é um encontro em que caminham todos, independentemente do país e da religião pedindo apenas para olharem para diante e caminharem juntos. E isto é construtivo como os três quilómetros e meio de mural que fizestes para chegar até aqui.

**Pergunta 2 (POR)**

Queria avançar um pouco na direção da diversidade, para entrar no tema que está na base dos dois meses do nosso trabalho: o caos. Nós, como grupo, e também eu individualmente, tivemos oportunidade de visitar várias comunidades diferentes, várias pessoas diferentes, de religião diferente, de culturas diferentes, e isto proporcionou-nos uma ocasião grandiosa para descobrir e aprofundar cada vez mais – não só dentro de nós mesmos, mas também no âmbito da comunidade inteira – quais são os verdadeiros sentimento que nutrem, os verdadeiros sofrimentos que sentem e deste modo dar-lhes a possibilidade de exprimir tudo isso com uma pincelada, com uma linha no mural. Dar-lhes a oportunidade de se expressarem! E isto inevitavelmente envolve-nos, toca o nosso coração e faz-nos pensar: Temos este sentimento? Estes sofrimentos fazem parte de nós, do nosso conviver? Então eu queria perguntar: Que seria da nossa existência sem o caos original? Obrigado.

**Resposta PAPA (ESP)**

Tu dizes «caos», está bem! É a crise... Sabe donde vem a palavra «crise»? Quando se recolhia o trigo, passava-se pelo crivo, crivava-se… (Notai o parentesco entre «crise» e «crivar»). E a crise, nas pessoas, são situações da vida, acontecimentos, problemas orgânicos, mau humor ou bom humor. Isto criva-te e tu deves escolher. Uma vida sem crise é uma vida asséptica. Gostas de beber água? Gostas. Mas, se te der água destilada, não presta, não sabe de nada! Uma vida sem crise é como a água destilada, não sabe de nada. Não serve para nada, senão para guardar no armário à porta fechada. As crises devem ser aceites, devem ser assumidas e resolvidas, porque ficar prisioneiro na crise também não é bom… seria um suicídio contínuo. É como estar para chegar e nunca mais se chega, não é? As crises têm que ser atravessadas, devemos aceitá-las. E raramente sozinhos. Também isto é importante no grupo Scholas: caminhar juntos para juntos enfrentar as crises, resolver as coisas. Importante é continuar para diante e crescer juntos. Então avante! Nem que seja apenas para comer uma feijoada.

**Pergunta 3 (POR)**

Nestes dois últimos meses, trabalhamos muito para conseguir fazer o mural que o Papa viu lá fora. Mas, este mural verdadeiramente representa o caos. O caos que, muitas vezes, quando o vivemos e o vivemos de perto, não compreendemos e é uma grande confusão. Parecem só linhas aleatórias. Mas no momento em que nos distanciamos, a certa distância começamos a conseguir ver formas, cores; começamos a conseguir encontrar um sentido neste caos, a conseguir pensar mais do que aquilo que frequentemente mal vemos ou sentimos, mas conseguimos exprimi-lo. Para mim, por exemplo, foi uma experiência muito importante, porque também já vivi momentos de grande caos na minha vida – acho que todos os vivemos – e a verdade é que ouvir a história dos outros, abrir-se verdadeiramente para escutar, para partilhar, para acolher todas as pessoas que participaram na realização deste mural, foi um privilégio, talvez ainda maior do que para eles, para nós que estamos aqui e tornamos possível isto ter acontecido. E tudo isto, porque buscamos este sentido; todos procuramos este sentido profundo de perceber, e que é algo maior do que o simples estar aqui. Assim queremos perguntar-lhe: Quando passou junto do mural, que sentiu, que experimentou ao longo do trajeto até aqui, e concretamente no coração deste mural que, para nós, na realidade é verdadeiramente o princípio ou o fim; não sabemos. E, antes de responder, queremos também, em nome de todos, oferecer-lhe um pincel; este pincel representa-nos a todos nós.

**Resposta do PAPA (ESP)**

É lindo o que disseste do caos? Alguém dizia que a vida do homem, a nossa vida humana, é fazer do caos um cosmos, ou seja, do que não tem sentido, está desordenado, é caótico fazer um cosmos, com sentido, aberto, convidativo, abrangente. Não quero fazer aqui o catequista, mas se virmos a estrutura da narração da Criação, que é uma narração mítica, no verdadeiro sentido da palavra «mito». Pois o mito é uma forma de conhecimento e quem escreveu o relato da Criação usou este tipo de história. Um aparte! Esta narração foi escrita muito tempo depois que o povo judeu teve a experiência da sua libertação. Por outras palavras, primeiro houve toda a experiência do êxodo do povo hebreu e, depois, lançaram um olhar de retrospetiva. E como começou a história? Como se transformou o caos em cosmos? Lá, em linguagem poética, narra-se como Deus um dia do caos fez a luz, noutro dia faz o homem e continua a criar coisas e a transformar o caos em cosmos. Na nossa vida, sucede o mesmo: há

momentos de crise (retomo esta palavra!), que são caóticos, deixas de saber em que ponto estás. Todos atravessamos estes momentos escuros. Caos. E aqui o trabalho pessoal, o trabalho das pessoas que nos acompanham, dum grupo como este, é transformar em cosmos. Torna-se difícil para mim, neste caos desta «capela sistina» (*risos*), pensar que há um cosmos por trás dela, porque qual é o cosmos? Estais a construí-lo vós na mensagem que estais a passar, no caminho que tendes à vossa frente. Nunca vos esqueçais disto: transformar o caos num cosmos. E este é o caminho de cada um, não é? Uma vida que permanece caótica é uma vida falida, e uma vida que nunca sentiu o caos é uma vida destilada, onde tudo é perfeito. E as vidas destiladas não dão vida, morrem em si mesmas. Mas se uma vida pessoal e relacional, que experimentou a crise como caos e aos poucos dentro de si, e na comunidade, conseguiu transformar-se num cosmos... parabéns!

**Uma jovem de Scholas Ocurrentes (ESP)**

Muito obrigada, Papa Francisco, pelas tuas palavras. Obrigada.

**Outra jovem (POR)**

É uma alegria para nós concluir assim este caminho. Mas, apesar desta experiência terminar, gostaríamos de pensar que a obra realmente nunca termina. Por isso, hoje, concluiremos começando. E, assim, quando um caminho se fecha, um novo caminho se abre. Decidimos chamar este projeto «Vida entre Mundos». De facto, o mural inteiro é uma experiência e uma expressão de vida que nascem do encontro de tantas realidades diferentes. Por isso, hoje daremos um salto e reuniremos um mundo físico com um mundo virtual.

**Uma terceira jovem (ESP)**

Pedimos-te, querido Francisco, que nos acompanhes até à parede, que está atrás de ti e nos ofereças de presente a última pincelada deste mural, mas com um pincel muito particular, capaz de iniciar simultaneamente uma obra virtual que conseguirá reunir as diferentes comunidades de Scholas em todo o mundo.

**José María del Corral [Presidente de *Scholas Ocurrentes*]**

Papa Francisco, o vídeo, esse pincel virtual de que falava Eugénia, é uma arma em prol da paz. Parece uma pistola porque disparará aqui, mas, em vez de matar, esta pincelada que darás na parede, vais dá-la também no mundo virtual. Neste momento, há miúdos de Scholas em Moçambique, que montaram um dispositivo no Tofo, para ver a pincelada que realizarás agora fazendo-a seguir no mundo virtual, porque os jovens querem que sejas tu a unir o mundo físico com o virtual para que o mundo virtual nunca deixe de ser concreto e comprometido com a realidade [*aplausos*]. Pintemos a parede.

**PAPA***:*

Esta é a história do bom Samaritano, e nenhum de nós está dispensado de ser um bom Samaritano. É uma obrigação que todos nós temos. Cada um tem que procurar sê-lo na vida, porque a vida se acaba e, se o não conseguiu, fica perdido como na guerra. O bom Samaritano encontrou o homem caído no chão… Antes dele, porém, passara um levita, tinha passado um

sacerdote, mas estavam com pressa. Não lhe deram importância. Além de ter pressa, eles não podiam tocá-lo porque havia sangue; e, segundo a legislação da época, quem tocava no sangue tornava-se impuro. Consequentemente tinha de se purificar, não sei dizer por quanto tempo, de modo que isto impedia-os de cumprir o seu dever, não deviam tocar... «Morre, mas eu não te toco, não me torno impuro. Morre, mas eu impuro não fico». Não vos esqueçais disto. Quantas vezes nos pode passar pela cabeça: «Morre, mas eu não me torno impuro»! Quantas vezes se prefere a «pureza ritual» à proximidade humana! Segundo a mentalidade do tempo, os samaritanos eram mal vistos pelos judeus: eram «desgraçados», todos desgraçados e comerciantes… Não eram puros de mente, de coração; eram marginalizados, mas o bom Samaritano vê o homem por terra, pára e a narração diz que sentiu compaixão. Enquanto os outros pensavam «morre; preocupa-me a minha pureza», este sentiu compaixão. Deixo-vos a pergunta: O que é que me faz sentir compaixão? Ou tens um coração tão árido que já não sente compaixão? Cada um responda para si. Depois, que acontece? Leva-o para uma estalagem pede um quarto para ele e diz ao estalajadeiro: «Olha! Daqui a três dias eu volto». Entretanto avanço isto e, se for mais, pagar-te-ei quando voltar. Afinal aquele dito «desgraçado» era um que pagava. Assim, temos os ladrões que o deixam meio-morto, o bom Samaritano que cuida dele, o levita e o sacerdote que se afastam para não se tornarem impuros. E Jesus diz: este entra no Reino dos Céus, porque teve compaixão. Pensai um pouco nesta história. Onde estou eu? Prejudico as pessoas? Onde estou eu? Evito as dificuldades reais ou não temo sujar as mãos? Às vezes na vida é preciso sujar as mãos, para não sujar o coração.

**Uma jovem (ESP)**

Obrigada, querido Francisco, pela tua prenda, um verdadeiro sinal para continuarmos a caminhara juntos.

**PAPA**

Agora dou-vos a bênção, mas prometei pedir depois a bênção também para mim.
(*Bênção em português*)

**PAPA**

Rezai por mim e quem dentre vós não o pode fazer, porque não sabe ou não costuma fazê-l, mande-me energia positiva.

Sede das *Scholas Occurentes* de Cascais, 3 de agosto de 2023

**JMJ LISBOA 2023**

**Cerimónia de Acolhimento**

# Discurso de Boas-vindas do Cardeal-Patriarca de Lisboa Manuel Clemente

Santo Padre
É com muita gratidão e alegria que vos acolhemos nestes dias tão preenchidos pela juventude da Igreja e do mundo.
Preenchidos pela multidão de jovens vindos a Lisboa e à terra de Portugal. Terra desde há muito ligada à Sé Apostólica, que tem em Vossa Santidade o seu rosto atual, tão evangelicamente expressivo e convincente para os cristãos e a humanidade em geral.
Preenchidos também, estes dias, por um programa repleto de encontros e celebrações, a que presidireis com a constante juventude de espírito que o tempo não vos tira, antes salienta e reforça.
Muito obrigado, Santo Padre, porque desde que vos propusemos realizar aqui a Jornada Mundial da Juventude, sempre acolhestes e correspondestes ao nosso convite com a melhor boa vontade e incentivo.
Muito precisamos de rejuvenescer com a Vossa presença e a Vossa palavra nestes dias, para que a beleza do Evangelho resplandeça ainda mais, aqui e pelo mundo além, nestes tempos em que não faltam obstáculos ao desenvolvimento integral e pacífico dos povos e entre os povos. Povos de que os jovens aqui reunidos são rosto e expressão eloquente e promissora, mesmo os que chegaram de países onde as dificuldades não faltam.
Não faltam obstáculos, mas também não falta a disposição de os remover e ultrapassar, com o entusiasmo e o compromisso de quem quer construir um futuro à altura das aspirações humanas e dos desejos de Deus.
Desde o princípio do Vosso pontificado, Santo Padre, tendes confirmado que assim pode acontecer, estando sempre presente onde há mais vida a garantir e futuro a construir. Poi isso mesmo, os jovens vos sentem como seu aliado natural e vos rodeiam com muita estima e afeto.
Assim será também nestes dias aqui connosco. E estou certo – com todos os meus irmãos do Episcopado e da Igreja que está em Lisboa e em Portugal – que a Jornada Mundial da Juventude que juntos viveremos nestes dias, corresponderá ao vosso constante apelo para um mundo mais solidário e fraterno, como a verdade evangélica reclama e a humanidade mais anseia.
Muito obrigado, Santo Padre. Bem-vindo à nossa casa comum!
Bem-vindos também, todos vós, peregrinos desta Jornada! Aqui vos trouxe uma igual vontade de encontro, partilha e celebração do que mais vos move no caminho dum futuro solidário e fraterno, em cada povo e entre todos os povos. E estes dias, como podeis estar certos, serão já o começo desse futuro que construís.
Esta Jornada tem como lema a passagem evangélica referida à jovem Maria de Nazaré, que, assim que concebeu Jesus, logo o levou apressadamente ao encontro de Isabel, sua parente. Levava-o no seu ventre, como vós, caros peregrinos, levareis no vosso coração o Evangelho da paz, de todos para todos. A Senhora da Visitação vos acompanha nestes dias, para que a vossa vida seja agora e depois uma visitação permanente a quem espera o bem que levareis.
Esta Jornada é um ponto alto da vossa peregrinação. A vossa vida há realizá-la por inteiro!

Parque Eduardo VII, Lisboa, 3 de agosto de 2023

## JMJ LISBOA 2023

## Cerimónia de Acolhimento

# Discurso do Santo Padre

Queridos jovens, boa tarde!

Bem-vindos! Bem-vindos e obrigado por estardes aqui. Fico feliz por vos ver! E feliz fico também ao escutar o simpático barulho que fazeis, contagiando-me com a vossa alegria. É belo estarmos juntos em Lisboa: para aqui fostes chamados por mim, pelo Patriarca – a quem agradeço as palavras que me dirigiu –, pelos vossos Bispos, sacerdotes, catequistas, animadores. Agradeçamos a todos aqueles que vos chamaram e a quantos trabalharam para tornar possível este encontro: façamo-lo com uma grande salva de palmas! Mas foi sobretudo Jesus quem vos chamou; agradeçamos, pois, a Jesus com outra grande salva de palmas!
Vós não estais aqui por acaso. O Senhor chamou-vos, não só nestes dias, mas desde o início dos vossos dias. Chamou-nos a todos desde o início da vida. Chamou-vos pelos vossos nomes. Como ouvimos na Palavra de Deus, Ele chamou-nos pelo próprio nome. *Chamados pelo nome*: tentai imaginar estas três palavras escritas em letras grandes e, em seguida, pensai que estão escritas dentro de vós, nos vossos corações, como que formando o título da vossa vida, o sentido daquilo que sois. Tu foste *chamado pelo teu nome*: tu… além, tu… ali, tu… aqui, e também eu, todos nós fomos chamados pelo próprio nome. Não fomos chamados automaticamente, fomos chamados pelo nome. Pensemos nisto: Jesus chamou-me pelo meu nome. São palavras escritas no coração; pensemos, pois, que estão escritas dentro de cada um de nós, nos nossos corações, e formam uma espécie de título para a tua vida, o sentido do que és, o sentido daquilo que cada um é. *Foste chamado pelo teu nome*. Nenhum de nós é cristão por acaso, todos fomos chamados pelo nosso nome. Ao princípio da teia da vida, ainda antes dos talentos que possuímos, antes das sombras, das feridas que trazemos dentro de nós, recebemos um chamamento. Fomos chamados, porquê? Porque amados. Fomos chamados, porque somos amados. É belo! Aos olhos de Deus somos filhos preciosos, que Ele cada dia chama para abraçar, para encorajar; para fazer de cada um de nós uma obra-prima única, original. Cada um de nós é único e original, e não chegamos sequer a vislumbrar a beleza de tudo isto.
Queridos jovens, nesta Jornada Mundial da Juventude, ajudemo-nos mutuamente a reconhecer esta realidade; sejam estes dias *ecos vibrantes da chamada amorosa de Deus*, porque somos preciosos a seus olhos, apesar do que às vezes os nossos olhos veem; é que às vezes os nossos olhos estão enevoados pela negatividade e ofuscados por tantas distrações. Sejam dias em que o meu nome, o *teu nome*, através de irmãos e irmãs de muitas línguas, de muitas nações (vimos tantas bandeiras) que o pronunciam com amizade, ressoe como uma notícia única na história, porque único é o pulsar do coração de Deus por ti. Sejam dias para fixar no coração que somos amados como somos. Não como gostaríamos de ser, mas como somos agora. E este é o ponto de partida da JMJ, mas sobretudo o ponto de partida da vida. Jovens moços e moças, somos amados como somos, sem maquilhagem. Compreendeis isto?
E cada um de nós é chamado pelo nome. Não se trata de um simples modo de dizer, é Palavra de Deus (cf. *Is* 43, 1; *2 Tm* 1, 9). Amigo, amiga, se Deus te chama pelo nome significa que, para Ele, nenhum de nós é um número; mas é um rosto, é uma cara, é um coração. Quero que cada

um de vós note uma coisa: muitos, hoje, sabem o teu nome, mas não te chamam pelo nome. Com efeito, o teu nome é conhecido, aparece nas redes sociais, é processado por algoritmos que lhe associam gostos e preferências. Mas tudo isso não interpela a tua singularidade, mas a tua utilidade para pesquisas de mercado. Quantos lobos se escondem por trás de sorrisos de falsa bondade, dizendo que conhecem quem és, mas sem te querer bem, insinuando que creem em ti e prometendo que serás alguém, para depois te deixarem sozinho, quando já não lhes fores útil. E estas são as ilusões do mundo virtual e devemos estar atentos para não nos deixarmos enganar, porque muitas realidades que hoje nos atraem e prometem felicidade, mostram-se depois pelo que são: coisas vãs, bolas de sabão, coisas supérfluas, coisas inúteis e que deixam o vazio interior. Digo-vos uma coisa: Jesus não é assim, não é assim! Ele confia em ti, confia em cada um de vós, em cada um de nós, porque Jesus interessa-Se por cada um de nós; cada um de vós é importante para Ele. Assim é Jesus.

E é por isso que nós, sua Igreja, somos *a comunidade dos que são chamados*; não somos a comunidade dos melhores, não! Somos todos pecadores, mas somos chamados assim como somos. Pensemos um pouco nisto, em nosso coração: somos chamados como somos, com os problemas que temos, com as limitações que temos, com a nossa alegria transbordante, com a nossa vontade de sermos melhores, com a nossa vontade de vencer. Somos chamados como somos. Pensai nisto: Jesus chama-me como eu sou, não como eu gostaria de ser. Somos comunidade de irmãos e irmãs de Jesus, filhos e filhas do mesmo Pai.

Amigos, quero ser claro convosco, que sois alérgicos à falsidade e às palavras vazias: na Igreja há espaço para todos. Para todos. Na Igreja, ninguém é de sobra. Nenhum está a mais. Há espaço para todos. Assim como somos. Todos. Jesus di-lo claramente. Quando manda os apóstolos chamar para o banquete daquele senhor que o preparara, diz: «Ide e trazei todos», jovens e idosos, sãos, doentes, justos e pecadores. Todos, todos, todos! Na Igreja, há lugar para todos. «Padre, mas para mim que sou um desgraçado, que sou uma desgraçada, também há lugar?» Há espaço para todos! Todos juntos… Peço a cada um que, na própria língua, repita comigo: «Todos, todos, todos». Não se ouve; outra vez! «Todos, todos, todos». E esta é a Igreja, a Mãe de todos. Há lugar para todos. O Senhor não aponta o dedo, mas abre os braços. É curioso! O Senhor não sabe fazer isto [*aponta com o dedo em riste*], mas isto sim [*faz o gesto de abraçar*]. Abraça a todos. No-lo mostra Jesus na cruz, onde abriu completamente os braços para ser crucificado e morrer por nós.

Jesus nunca fecha a porta, nunca. Mas convida-te a entrar: «entra e vê!» Jesus recebe, Jesus acolhe. Nestes dias cada um de nós transmite a linguagem do amor de Jesus. Deus te ama, Deus te chama. Que belo é isto! Deus ama-me, Deus chama-me. Quer que eu esteja perto d'Ele.

Nesta tarde, vós também me fizestes perguntas, muitas perguntas. *Nunca vos canseis de perguntar*… Perguntar, é bom; aliás muitas vezes é melhor que dar respostas, porque quem pergunta permanece «inquieto» e a *inquietude* é o melhor remédio contra a rotina, que às vezes se torna uma espécie de normalidade que anestesia a alma. Cada um de nós traz dentro os próprios interrogativos. Levemos estas questões connosco e ponhamo-las no diálogo comum entre nós. Ponhamo-las quando rezamos diante de Deus. Com o transcorrer da vida, essas perguntas vão tendo resposta; só nos resta esperar. E uma coisa muito interessante: o amor de Deus surpreende-nos. Não está programado. O amor de Deus vem de surpresa. Surpreende sempre. Sempre nos mantém alerta e surpreende.

Queridos jovens moços e moças, convido-vos a pensar nesta coisa maravilhosa: Deus *ama-nos*! Deus ama-nos *como somos*, não como gostaríamos de ser ou como a sociedade queria que fôssemos. Como somos! Chama-nos com os defeitos que temos, com as limitações que temos e com a vontade que temos de avançar na vida. Deus chama-nos assim. Confiai, porque

Deus é Pai e um Pai que nos quer bem, um Pai que nos ama. Isto nem sempre é muito fácil. Mas podemos contar com uma grande ajuda: a da Mãe do Senhor. Ela também é nossa Mãe. Maria é nossa Mãe.
E é tudo o que vos queria dizer. Não tenhais medo, tende coragem, continuai para diante, sabendo que, por «amortizador» das dificuldades, temos o amor que Deus nos tem. Deus ama-nos. Digamo-lo todos juntos: «Deus ama-nos». Mais alto, não consigo ouvir [*repetem*]. Aqui não se ouve [*repetem*] Obrigado. Adeus.

Parque Eduardo VII, Lisboa, 3 de agosto de 2023

*Francisco*

**JMJ LISBOA 2023**

**Encontro com os Representantes**
**de alguns Centros de Assistência e de Caridade**

# Apresentação das Obras de Assistência Social

## 1. Saudação e apresentação da Associação "Ajuda de Berço"

Santo Padre
Somos a associação "Ajuda de Berço".
Uma casa de acolhimento para crianças abandonadas ou em risco. Surgimos há 25 anos no contexto dos movimentos de defesa da Vida e das campanhas do referendo do aborto de 1998.
Moveu-nos oferecer uma alternativa aos homens e mulheres tentados a abortar os seus filhos ou que não os conseguem cuidar.
Até hoje, já acolhemos 452 crianças que depois de viverem connosco encontraram um projeto de vida seguro e definitivo. Para uns foi o regresso à família, para outros, a adoção ou outras casas de acolhimento. Duas delas acompanham-nos do Céu.
Na nossa casa em Lisboa, vivem em permanência 40 crianças (entre os poucos dias de vida e os 13 anos de idade) que nos são entregues pelo Estado português.
Vivem connosco 24 horas por dia e 365 dias por ano, servidas e protegidas pelas cuidadoras que trabalham na nossa casa.
Santo Padre: o que lhe queremos testemunhar?
Primeiro que tudo o apreço pelo seu empenho na defesa da Vida. O seu magistério, no seguimento dos seus amados predecessores, anima-nos, conforta-nos e confirma-nos. Obrigado, Santo Padre, por também neste campo, ser nosso Pai e Pastor!
Depois, a nossa gratidão à Igreja de Lisboa, aos Padres que nos impulsionaram e acompanharam. Ao nosso Bispo, o senhor D. Manuel Clemente, cuja paternidade nos ajuda e comove.
Uma gratidão que se estende à imensa amizade social que se gerou em torno da Ajuda de Berço.
Somos apoiados por crentes de diversas confissões e homens de boa vontade que não professam nenhuma religião. De diversas convicções e proveniências. Apoiam-nos todo o tipo de pessoas e instituições. Todos irmãos no cuidado destes pequeninos que nos foram confiados.
Finalmente a maior das gratidões: ao próprio Jesus e a Sua Mãe Maria Santíssima cuja ternura e proteção experimentamos quotidianamente. Quantas vezes não temos recorrido a Nossa Senhora Desatadora dos Nós!
Continuaremos a rezar por si, mas reze também por nós Santo Padre: por estas crianças que nos foram confiadas, para que encontrem uma família; por nós que levamos esta obra por diante e que temos esta responsabilidade; por todos os que trabalham na Ajuda de Berço, para que sirvam estas crianças de coração sincero e disponível; pelos nossos voluntários e benfeitores. Obrigada, Santo Padre!

## 2. Saudação e apresentação da Associação "Acreditar"

*[Associação de Pais e Amigos de Crianças com Cancro]*

Somos um grupo de crianças e jovens com cancro, de crianças e jovens que o ultrapassaram, e também de pais. Em conjunto formamos a Acreditar que há trinta anos fomenta a esperança na cura e tenta minorar o sofrimento durante os tratamentos, na sobrevivência e nas famílias cujos filhos não sobrevivem. Damos apoio emocional, psicológico, material e escolar, e acolhemos nas nossas Casas quem vive longe do hospital. A nossa missão é estar com todas as crianças e jovens, procurando que o cancro nunca os defina e que a evolução da cura e a melhor qualidade de vida sejam uma realidade. Sabemos que nos fortalecemos nas vidas partilhadas e na defesa dos direitos, por isso criamos elos entre os sobreviventes, doentes e pais para que, com esperança, nunca se sintam sós.

Centro Paroquial de Serafina, Lisboa, 4 de agosto 2023

**JMJ LISBOA 2023**

**Encontro com os Representantes**
**de alguns Centros de Assistência e de Caridade**

# Saudação do Pároco de Serafina e Diretor desta Obra de Assistência Social

Santo Padre,
Em nome das associações aqui reunidas, nomeadamente o Centro Paroquial de Serafina, a Casa Família Ajuda de Berço e a Associação Acreditar, queremos manifestar-lhe o nosso profundo agradecimento pela honra que nos reservou com a sua visita. Este gesto enche-nos de grande alegria e anima-nos a fazer sempre mais e melhor por aqueles que precisam de apoio e do amor de Cristo.
Sou o Cónego Francisco Crespo, pároco e responsável deste Centro Social Paroquial de São Vicente de Paulo.
A Paróquia e o Centro Social nasceram no mesmo ano de 1959, apenas com dois meses de intervalo. O primeiro pároco, o Padre José Gallea, intuiu desde o primeiro instante que, para evangelizar esta população, teria que tocar a realidade concreta da sua gente, desprotegida de direitos e de meios essenciais para levarem uma vida digna e justa. Também a mim, ao chegar a esta paróquia, me impressionou tanta manifestação de pobreza, mas sobretudo o olhar triste e vazio dos idosos sentados nas ruas.
Paulatinamente, com todo o esforço de uma comunidade de braços arregaçados, a ajuda de alguns benfeitores e apoios estatais, fomos agregando múltiplas respostas sociais, às necessidades da população. Hoje, o Centro Social Paroquial de São Vicente de Paulo, tem uma estrutura, com capacidade para atender na globalidade quase 800 utentes e dando trabalho a mais de 170 funcionários, com uma oferta de serviços bastante variada, tais como, só para citar alguns, Berçário e Creche, Centro Juvenil, Lar Residencial para Idosos e um serviço de Apoio às famílias carenciadas.
A vida desta gente melhorou, mas há ainda tanto que fazer.
Procuramos fazer crescer o amor por cada pessoa, que se torna anúncio evangélico, ao serviço de uma cultura do cuidado, valorizando o pouco ou o muito que cada um pode dar para sentir-se útil e integrado na comunidade, aplicando a expressão do Papa São João XXIII: "*A paróquia é o fontanário da aldeia onde todos vão beber*".
Temos como Padroeiro São Vicente de Paulo, o apóstolo da Caridade e imitá-lo tira-nos da nossa zona de conforto, confunde a nossa mentalidade egoísta e centrada em nós. O lema desta Jornada Mundial da Juventude diz-nos que: "Maria saiu apressadamente". Que esta seja a hora de Graça que nos alente numa pressa boa para podermos, a exemplo de Maria, levar a todos a alegria.
Mais uma vez, gostaríamos de expressar a nossa gratidão mais profunda a Vossa Santidade por estar entre nós. Que Deus o abençoe ricamente na sua missão de guiar e cuidar do rebanho, e que o seu exemplo de humildade e serviço continue a inspirar a todos! Muito obrigado!

Centro Paroquial de Serafina, Lisboa, 4 de agosto 2023

## JMJ LISBOA 2023

## Encontro com os Representantes de alguns Centros de Assistência e de Caridade

# Discurso do Santo Padre

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Agradeço ao pároco as suas palavras, e saúdo a todos os presentes, em particular aos amigos do Centro Paroquial da Serafina, da Casa Família Ajuda de Berço e da Associação Acreditar. E agradeço as vossas palavras que ilustraram o trabalho que aqui se faz. Obrigado! É bom estarmos aqui juntos no contexto da Jornada Mundial da Juventude, enquanto olhamos para a Virgem que Se levanta para ir ajudar. De facto, a caridade é a origem e a meta do caminho cristão, e a vossa presença, realidade concreta de «amor em ação», ajuda-nos a não esquecer a rota, o sentido daquilo que sempre estamos a fazer. Obrigado pelos vossos testemunhos, dos quais quero destacar três aspetos: *fazer juntos o bem, agir no concreto* e *estar próximo dos mais frágeis*. Por outras palavras, fazer o bem juntos, agir concretamente, isto é, não só com ideias mas concretamente, estar perto dos mais frágeis.

Primeiro, *fazer juntos o bem*. «Juntos» é a palavra-chave, que foi repetida muitas vezes nas intervenções. Viver, ajudar e amar juntos: jovens e adultos, sãos e doentes… juntos. O João disse-nos uma coisa importante: é preciso não se deixar «definir» pela doença, mas fazer dela parte viva do contributo que prestamos ao conjunto da comunidade. É verdade! Não devemos deixar-nos «definir» pela doença ou pelos problemas, porque não somos uma doença, não somos um problema. Cada um de nós é um presente, é um dom único, com os seus limites mas um dom precioso e sagrado para Deus, para a comunidade cristã e para a comunidade humana. E, *assim como somos*, enriquecemos o conjunto e deixamo-nos enriquecer pelo conjunto!

Segundo, *agir no concreto*. Também isto é importante. Como nos recordou o padre Francisco, inspirando-se em São João XXIII, a Igreja «não é um museu de arqueologia – alguns imaginam-na assim, mas não o é –; a Igreja é o antigo fontanário da aldeia que fornece água à geração de hoje» (São João XXIII, *Homilia depois da Missa eslavo-bizantina*, 13/XI/1960) como às futuras gerações. O fontanário serve para matar a sede das pessoas que chegam com o peso da viagem ou da vida, na sua dimensão concreta. Por conseguinte é necessária concretização, atenção ao «aqui e agora», como aliás já fazeis com o cuidado dos pormenores e sentido prático, belas virtudes típicas do povo português.

Quando não se perde tempo a lamentar-se da realidade, mas se tem a preocupação de ir ao encontro das carências concretas, com alegria e confiança na Providência, acontecem coisas maravilhosas. Assim o testemunha a vossa história: do encontro com o olhar de um idoso na rua, nasce um centro de caridade «de todo o respeito», como este em que nos encontramos; de um desafio moral e social qual é a «campanha pela vida», nasce uma associação que ajuda grávidas e sua família, crianças, adolescentes e jovens em dificuldade, para encontrarem um projeto de vida seguro, como nos contou Sandra; da experiência da doença nasce uma comunidade de apoio a quem luta contra o cancro, especialmente crianças, de modo que «os progressos no tratamento e a melhor qualidade de vida se tornem realidade para eles», como nos disse o João. Obrigado pelo que fazeis! Continuai com mansidão e gentileza a deixar-vos

interpelar pela realidade, com as suas pobrezas antigas e novas, e a responder de forma concreta, com criatividade e coragem.
O terceiro aspeto: *estar próximo dos mais frágeis*. Todos somos frágeis e necessitados, mas o olhar feito de compaixão, próprio do Evangelho, leva-nos a ver as necessidades de quem mais precisa. Leva-nos a servir os pobres, os prediletos de Deus que Se fez pobre por nós (cf. *2 Cor* 8, 9): os excluídos, os marginalizados, os descartados, os humildes, os indefesos. São eles o tesouro da Igreja, são os preferidos de Deus! E recordemo-nos sempre de não estabelecer diferenças entre eles; de facto, para um cristão, não há preferências face a quem, necessitado, bate à nossa porta: compatriotas ou estrangeiros, pertencentes a este ou àquele grupo, jovens ou idosos, simpáticos ou antipáticos...
A propósito de caridade, quero agora contar-vos uma história, especialmente a vós, crianças, que talvez não conheçais. É a história real dum jovem português que viveu há muito tempo. Chamava-se João Cidade e habitava em Montemor-o-Novo. Sonhava com uma vida aventureira; por isso, adolescente ainda, partiu de casa à procura da felicidade. Achou-a depois de vários anos e muitas aventuras, quando encontrou Jesus. E ficou tão contente com a descoberta que até decidiu mudar o nome, chamando-se a partir de então, não João Cidade, mas *João de Deus*. E fez uma coisa ousada: foi pela cidade e começou a pedir esmola pelas ruas, dizendo às pessoas: «Fazei bem, irmãos, a vós mesmos!» Compreendeis? Pedia a esmola, mas dizia a quantos lha davam que, ajudando-o a ele, na realidade estavam a ajudar primariamente a si próprios! Ou seja, explicava que os gestos de amor são um dom primariamente para quem os cumpre, antes mesmo de o serem para quem os recebe; porque tudo o que se acumula para si mesmo perder-se-á, enquanto aquilo que se dá por amor nunca se desperdiça, mas será o nosso tesouro no céu.
Por isso dizia: «Fazei bem, irmãos, a vós mesmos!» Porém o amor não torna felizes só no céu, mas já aqui na terra, porque dilata o coração e permite abraçar o sentido da vida. Se queremos ser verdadeiramente felizes, aprendamos a transformar tudo em amor, oferecendo aos outros o nosso trabalho e o nosso tempo, dizendo palavras edificantes e realizando boas ações, mesmo com um sorriso, com um abraço, com a escuta, com o olhar. Queridos adolescentes, irmãos e irmãs, vivamos assim! Todos podemos fazê-lo e disto mesmo todos precisamos, aqui e em qualquer lugar do mundo.
Sabeis o que aconteceu depois a João? Não o entenderam! Pensavam que estava maluco e fecharam-no num manicómio. Mas ele não se desmoralizou, porque o amor não se arrende e quem segue Jesus não perde a paz nem se põe a lamentar a sua sorte. E foi precisamente lá, no manicómio, carregando a cruz, que chegou a inspiração de Deus. João deu-se conta de quanto aqueles doentes precisavam de ajuda e, quando finalmente o deixaram sair, depois de alguns meses, começou a cuidar deles com outros companheiros, fundando uma Ordem Religiosa: os *Irmãos Hospitaleiros*. Alguns, porém, começaram a designá-los doutro modo, ou seja, com as palavras «fazei bem, irmãos…» que aquele jovem ia repetindo a todos. Assim são chamados em Roma: *Fatebenefratelli*. É um belo nome, e um ensinamento importante! Ajudar os outros é um dom para si próprio e faz bem a todos. É verdade! Amar é um dom para todos! Recordemo-nos: *o amor é um presente para todos*! Vamos repetir juntos: «o amor é um presente para todos»!
Amemo-nos assim! Continuai a fazer da vida um presente de amor e de alegria. Fico-vos grato e recomendo a todos, mas especialmente às crianças: continuai a rezar por mim. Obrigado!

* * *

## Palavras improvisadas

Há muitas coisas que gostaria de vos dizer agora, mas os meus «holofotes» [os olhos] – acontece – não estão a funcionar como deviam e não consigo ler bem. Por isso entrego-vos o discurso para o publicardes depois. Não se pode forçar a vista e ler mal.
Quero deter-me apenas em algo que não está escrito, mas está no espírito do encontro: a *concretização*. Não existe amor abstrato; não existe! O amor platónico vive em órbita, não está na realidade. Real é o amor concreto, aquele em que se sujam as mãos. Cada um de nós pode perguntar-se: o amor que sinto por todos aqueles que estão aqui, o amor que sinto pelos outros, é concreto ou abstrato? Depois de estenderes a mão a uma pessoa necessitada, a um doente, a um marginalizado… fazes logo assim [*esfrega a mão na roupa*] para não te contagiar? Enoja-me a pobreza, a pobreza dos outros? Procuro sempre a vida «destilada», a vida que existe na minha fantasia, não na realidade? Quantas vidas destiladas, inúteis que passam sem deixar uma marca, porque tais vidas não têm peso!
E aqui temos uma realidade que deixa uma marca, uma realidade de muitos anos, tantos anos, que vai deixando uma marca que serve de inspiração para os outros. Não poderia haver uma Jornada Mundial da Juventude sem ter em conta esta realidade. Porque também isto é juventude, no sentido de que vós gerais continuamente vida nova. Com a vossa conduta, o vosso empenho, as vossas mãos sujas por tocarem a realidade da miséria dos outros, estais a gerar inspiração, estais a gerar vida. Obrigado por isso! Agradeço-vos de todo o coração. Continuai para diante e não desanimeis! E se desanimardes, bebei um copo de água e segui para a frente!

Centro Paroquial de Serafina, Lisboa, 4 de agosto 2023

*Francisco*

**JMJ LISBOA 2023**

**Via-Sacra com os Jovens**

# Testemunhos

**III Stazione**

## 1. Testimonianza di Esther, 34 anni, dalla Spagna

Sono cresciuta lontano dalla Chiesa anche se sono stata battezzata e ho ricevuto la Prima Comunione. E mentre crescevo mi sono persa nel mondo. A poco più di 18 anni vivevo come sposata senza esserlo e avevo una relazione molto dipendente che andava di male in peggio. A 24 anni, dopo aver concluso gli studi in architettura, ho avuto un incidente che mi ha provocato la lesione del midollo spinale e a causa di questo mi trovo su una sedia a rotelle. Quanto accaduto è stato molto pesante e ha cancellato i miei progetti per il futuro, però con il passare del tempo ho scoperto che è stato un regalo. Mi ha tolto dall'ambiente in cui stavo, mi ha cambiato lo sguardo e ho compreso che non stavo vivendo bene. Mi preoccupavo molto per il futuro, desiderando di scappare dalla sofferenza. Cercavo di fare tutto da sola, perché non conoscevo il mio Padre del cielo, che avrei incontrato solo più tardi. In quegli anni Egli si prese cura di me attraverso la mia famiglia, e il personale dell'ospedale; mi ha dato la passione per lo sport e mi ha spinto a uscire di casa, facendomi trovare il lavoro che ho sempre sognato. Egli mi ha preso per mano finché ho conosciuto Nacho, il mio regalo più grande, mio marito. Tuttavia, sopraggiunsero subito alcuni problemi nella nostra relazione, non sapevamo come amarci e credevamo in tutte le cose che il mondo ci diceva. E quando il Signore permise che io restassi incinta, a causa delle difficoltà e della paura decidemmo di interrompere la gravidanza, pensando che il bambino non era ancora una persona. E dopo tutto ciò, rimasi molto triste e senza alcun senso nella vita, mai mi ero sentita tanto vuota. Qualcosa era morto dentro di me. Però il Signore nella sua infinita misericordia è venuto a cercarmi. Qualche mese dopo ho iniziato a percepire un amore così grande, tanto grande quanto inspiegabile … fino a svegliare la mia coscienza. E mi sono confessata, dopo molti anni, provando un profondo pentimento per tutta la sofferenza che ho provocato a questo Padre che tanto mi ha amato. Egli mi ha insegnato a vivere in altra maniera e a ritornare in Chiesa, dove sapevo che sempre mi aspettava. Allora mi ha regalato una nuova gravidanza e questa volta l'ho accolta con gratitudine. Ed è nata la mia preziosa Elisabeth, che amo alla follia. Sopraggiunsero ancora nuovi problemi, stavo in una fase di cambiamento e Nacho non lo capiva. Per tale ragione ho conosciuto i COF – Centri di Orientamento Familiare -, dove ti aiutano nelle difficoltà. Lì ci hanno insegnato a migliorare la nostra comunicazione. Nacho si entusiasmò ad andare a un ritiro e al suo rientro la nostra relazione iniziò a migliorare. Il 7 maggio del 2022 ci siamo sposati, è stato meraviglioso celebrare il Sacramento coscienti che il Signore sarebbe stato sempre con noi per insegnarci come amarsi. Continuiamo attraversando momenti di difficoltà e avendo problemi quotidiani, però siamo certi che tutto ha un significato e che Egli ci tiene per mano, anche in braccio quando ne abbiamo bisogno.

**VII Stazione**

## 2. Testimonianza di João, 23 anni, dal Portogallo

Sono João, ho 23 anni. Ero al secondo anno della Facoltà quando è iniziata la pandemia e la vita di tutti i giorni, che pensavamo fosse garantita, ha lasciato posto a un giorno dopo l'altro fatto di paura, dubbi e pieni di realtà artificiali... comunicare, studiare e finire l'università tramite uno schermo. Allo stesso tempo, uscire di casa generava in noi un senso di colpa davanti al fantasma di poter contagiare un familiare. Con tutta questa tempesta, al termine delle lezioni nel 2021, ho dovuto ricorrere al pronto soccorso di un ospedale, con fortissimi dolori di testa e malessere. Il medico mi ha spiegato che il nostro corpo – poiché diamo più valore al dolore fisico – si trova programmato per inviare segnali per prenderci cura della nostra salute mentale. Un'espressione che ci siamo abituati a sentire più che mai (nonostante appaia ancora scomoda per tanti ammetterla) è questa: abbiamo bisogno di uno psicologo, come io ho avuto necessità. È difficile riconoscere la nostra fragilità, chiedere aiuto e rendersi conto che non siamo autosufficienti; abbiamo paura di essere un peso e di imbattere in un rifiuto. Nel mio caso, il periodo di isolamento si è trasformato in un esercizio di ascolto di me stesso. Sono tornato indietro nel tempo per rivisitare il periodo in cui sono stato vittima di bullismo a scuola; quanto ciò mi ha segnato, le insicurezze che ha causato e la vera crociata interiore che ho mosso senza successo per scoprire cosa c'era di sbagliato in me. Vorrei poter dire che è stato facile pensare a questa testimonianza, ma non è vero! La realtà è che ho spesso rimandato la riflessione sui segni lasciati dalla pandemia. E in quell'atto di rinvio, che è di inerzia, ho capito che la pandemia mi aveva cambiato e reso tante volte più arido. Nel mio caso, l'isolamento che sento oggi non obbedisce più alle regole di sicurezza, ma se la mia fede e la mia energia sono venute meno, se non riesco a donarmi e farmi coinvolgere, allora persiste un isolamento silenzioso, un isolamento emotivo, che l'assenza di mascherine non è riuscito a tacere. Di solito la persona che soffre di più è chi non si sente accolto. Dobbiamo pensare sul modo come accogliamo coloro che ne hanno più bisogno…. Noi siamo la Chiesa di Colui che, dopo essere stato escluso, è diventato Pietra angolare. La fede mi aiuta sempre quando cado. La fede in una Chiesa pellegrina, dove nessuno resta fuori e, ispirata alla testimonianza della Madonna, si alza e sceglie come percorso le case e i cuori di coloro che si sentono ai margini. Insieme, come Umani, è possibile vincere ogni isolamento, ogni individualismo.

**IX Stazione**

## 3. Testimonianza di Caleb, 29 anni, dagli Stati Uniti d'America

Ci sono momenti in cui ripenso ai giorni in cui ero più giovane e provo un profondo dolore e, allo stesso tempo, una grande gioia. La realtà della mia vita è che sono una delle pecorelle smarrite che Gesù è venuto a cercare. Sono cresciuto in una famiglia molto disastrata, con un padre che non si rendeva conto del proprio valore e della sua identità in Cristo ed era gravemente provato. Come risultato delle sue sofferenze, ha ferito gli altri. Una delle mie fughe dalla vita domestica era la chiesa. Mi è sempre sembrato che fosse la mia casa lontano da casa. Sono cresciuto secondo diverse tradizioni cristiane, ma ho sempre avuto nell'anima il desiderio di qualcosa di più. Volevo quell'incontro con Gesù che tutti intorno a me avevano, ma che io non avevo ancora sperimentato. Non capivo che per tutto quel tempo Lui era al mio fianco. In prossimità del diploma di scuola superiore, i miei genitori hanno vissuto un divorzio orribile e il mio mondo è andato fuori controllo. Sono sprofondato nella depressione, ho lottato con l'autolesionismo, sono diventato tossicodipendente e ho desiderato porre fine alla mia vita. Ho lasciato che il dolore mi portasse ad abbracciare i miei desideri egoistici. Tutto ciò che conoscevo era scomparso e non avevo alcun senso dell'orientamento. La mia testa era in un posto così buio a causa di tutto il dolore e cercavo una ragione per vivere. Il Signore ha ascoltato il mio grido dall'abisso e mi ha mandato il dono più bello. Una persona che alla fine è diventata la mia sposa. Una volta incontrata mia moglie, ho trovato una ragione di vita e il desiderio di accrescere la mia fede. Volevo la stessa passione che lei aveva per Gesù, ma lottando con i fantasmi del mio passato, mi sembrava sempre irraggiungibile. Dopo esserci frequentati un po', ci siamo separati per un periodo e mi sono trovato di fronte a una scelta da fare. Potevo permettere a Gesù di prendere completamente il controllo della mia vita o ricadere nelle vecchie abitudini. Per Sua grazia, ho perseverato. Facendo l'apprendista in un negozio di tatuaggi, ho conosciuto il dolore dei dimenticati dalla società e lì ho visto veramente Gesù per quello che era. Dopo una lunga guarigione, io e mia moglie siamo tornati insieme e ci siamo sposati. Ci impegniamo molto nella nostra chiesa e sono stato incaricato di trasmettere la fede agli studenti, ma mi sono reso conto che non ne comprendevo la pienezza. Ho iniziato a fare ricerche sulla Chiesa primitiva, sia con risorse bibliche sia storiche. Per farla breve, è stato il messaggio di Giovanni 6, Gesù nell'Eucaristia, a riportarmi a casa nella piena comunione con la Chiesa cattolica. Riflettendo, ho capito che la ferita paterna che ho avuto mi ha causato una crisi d'identità, ma dopo aver abbracciato la personalità che il Padre celeste mi ha dato, le ferite hanno finalmente iniziato a guarire. L'unione completa con Gesù nell'Eucaristia è ciò che ha sanato la mia anima. Dopo aver provato tutto ciò che questo mondo ha da offrire, Lui è l'unico che mi ha veramente saziato.

Parque Eduardo VII, Lisboa, 4 de agosto de 2023

## JMJ LISBOA 2023

## Via-Sacra com os Jovens

# Discurso do Santo Padre

Queridos irmãos e irmãs, boa tarde!

Hoje, caminhareis com Jesus. Jesus é o Caminho e nós caminharemos com Ele, porque Ele caminha. Quando estava entre nós, Jesus caminhou: caminhou, curando os doentes, prestando assistência aos pobres, fazendo justiça; caminhou pregando, ensinando-nos. Jesus caminha, mas o caminho que temos mais gravado no nosso coração é o caminho do Calvário, o caminho da Cruz. E hoje vós, nós (eu também), rezando, seguiremos novamente o caminho da Cruz. Contemplaremos Jesus que passa e caminharemos com Ele. O caminho de Jesus é Deus que sai de Si mesmo; sai de Si mesmo para caminhar entre nós. É aquilo que ouvimos tantas vezes na Missa: «O Verbo fez-Se carne e caminhou entre nós». Lembrais-vos? O Verbo fez-Se homem e caminhou entre nós. E fá-lo por amor; faz isso por amor. E a Cruz que acompanha cada Jornada Mundial da Juventude é o ícone, é a figura deste caminho. A Cruz é o sentido maior do maior amor, daquele amor com que Jesus quer abraçar a nossa vida. A nossa? Sim! A tua vida, a daquele, a daqueloutro, a de cada um de nós. Jesus caminha por mim. Temos de o dizer a todos. Jesus empreende este caminho por mim, para dar a sua vida por mim. E ninguém tem maior amor de quem dá vida pelos seus amigos, daquele que dá a vida pelos outros. Não vos esqueçais disto: ninguém tem maior amor de quem dá a vida. Assim o ensinou Jesus. Por isso, quando contemplamos o Crucificado, naquela condição tão dolorosa, tão dura, vemos a beleza do Amor que dá a sua vida por cada um de nós.
Uma pessoa de grande fé dizia uma frase que me tocou muito: «Senhor, pela vossa inefável agonia, posso crer no amor». Sim, Senhor, pela vossa inefável agonia, posso crer no amor. E Jesus caminha, mas anela por qualquer coisa, espera a nossa companhia, aguarda o nosso olhar... Como hei de dizer? Espera abrir as janelas da minha alma, da tua alma, da alma de cada um de nós. Como são feias as almas fechadas, que semeiam dentro, sorriem dentro! Mas isto não tem sentido. Jesus caminha e espera com o seu amor, espera com a sua ternura, para nos dar consolação, enxugar as nossas lágrimas.
Agora faço-vos uma pergunta, mas não deveis responder em voz alta; cada um responda dentro de si mesmo. Choro eu de vez em quando? Há coisas na vida que me fazem chorar? Todos nós na vida já choramos, e continuamos ainda a chorar. Nesses momentos, Jesus está connosco. Ele chora connosco, porque nos acompanha na obscuridade que nos faz chorar.
Façamos um pouco de silêncio, e cada um diga a Jesus por que chora na vida. Cada um de nós diga-o para si mesmo agora, em silêncio.

(*Momento de silêncio*)

Com a sua ternura, Jesus enxuga as nossas lágrimas escondidas. Jesus espera cumular, com a sua proximidade, a nossa solidão. Como são tristes os momentos de solidão! Neles está Jesus, Ele quer preencher tal solidão. Jesus quer preencher o nosso medo, o teu medo, o meu medo… esses medos obscuros quer preenchê-los com a sua consolação. Ele espera impelir-nos a abraçar o risco de amar. Porque, como sabeis (sabei-lo melhor do que eu), amar é arriscado.

É preciso correr o risco de amar. É um risco, mas vale a pena corrê-lo; nisso, acompanha-nos Jesus. Sempre nos acompanha, sempre caminha; durante a vida, sempre está junto de nós.
Não quero acrescentar mais nada. Hoje faremos o caminho com Ele, o caminho do seu sofrimento, o caminho das nossas ansiedades, o caminho das nossas solidões.
Agora, durante uns momentos, façamos silêncio e cada um de nós pense no próprio sofrimento, pense na própria ansiedade, pense nas próprias misérias. Não tenhais medo, pensai nisso e pensai também no desejo de que a alma volte a sorrir.

(*Momento de silêncio*)

E Jesus caminha para a Cruz, morre na Cruz, para que a nossa alma possa sorrir. Amen.

Parque Eduardo VII, Lisboa, 4 de agosto de 2023

*Francisco*

## JMJ LISBOA 2023

## Recitação do Terço com os Jovens Doentes

## Saudação de Sua Excelência Monsenhor José Ornelas Carvalho, S.C.I., Bispo de Leiria-Fátima, Presidente da Conferência Episcopal Portuguesa

Muito estimado Papa Francisco
É com profunda alegria e ação de graças a Deus que, em nome do Senhor Reitor, de todos os colaboradores e dos peregrinos que aqui presentes e ainda da Diocese de Leiria-Fátima, que lhe apresento as mais fraternas Boas-vindas a este Santuário de Nossa Senhora de Fátima.
Acolhemos Vossa Santidade, acompanhando-o no seu desígnio de ser peregrino orante junto de Maria, Mãe de Jesus e Mãe da Igreja, que orou com os discípulos, implorando o dom do Espírito Santo para a missão que eles iam iniciar.
Oramos consigo e oramos por si, neste lugar onde Maria revelou a sua materna presença e intercessão para com o ministério de Pedro na Igreja. Que a Rainha dos Apóstolos continue a inspirar e a acompanhar a missão de Vossa Santidade na Igreja e no mundo e particularmente na Jornada Mundial da Juventude que está a realizar-se em Lisboa.
Juntamo-nos também à oração de Vossa Santidade pela paz, com a qual este Santuário profundamente se identifica, tendo particularmente em atenção a guerra na Ucrânia e em tantos outros focos de conflito no mundo, que atingem dramaticamente a vida e o futuro, sobretudo das crianças e dos jovens.
A nossa oração inspira-se também no cuidado materno da Mãe de Jesus, aqui revelado para com três crianças, pastorinhos simples e pobres, durante uma guerra sangrenta e uma pandemia que vitimou duas delas, animando-as, no meio do sofrimento e fazendo nascer no coração delas a união a Jesus e a esperança, até à vida sem limites junto de Deus. Por isso rezamos particularmente com e pelas crianças e jovens vítimas da doença, da pobreza, da fome, de todo o tipo de conflito, dos abusos, das injustiças e da exclusão dos mais frágeis.
Consigo oramos, e orando levantamo-nos do nosso comodismo e da nossa indiferença, como nos ensina Maria, nesta JMJ, celebrando a alegria de sermos Igreja que sonha, particularmente com os seus jovens, o sonho de Jesus para um mundo mais humano, guiado pelo Seu Espírito até ao Coração de Deus.
Guiados por si, Santo Padre, queremos orar em Igreja e também escutar a sua palavra.

Capela das Aparições do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, 5 de agosto de 2023

## JMJ LISBOA 2023

## Recitação do Terço com os Jovens Doentes

# Discurso do Santo Padre

Queridas irmãs e irmãos, bom dia!

Obrigado, D. José Ornelas, pelas suas palavras e, a vós todos, obrigado pela presença e a oração. Rezámos o terço, uma oração muito bela e vital; vital, porque nos põe em contacto com a vida de Jesus e de Maria. E meditámos os mistérios da alegria, que nos lembram que a Igreja não pode ser senão *a casa da alegria*. A Capelinha onde nos encontramos constitui uma bela imagem da Igreja: acolhedora, sem portas. A Igreja não tem portas, para que todos possam entrar. E aqui podemos insistir também no facto que todos podem entrar, porque esta é a casa da Mãe, e uma mãe tem sempre o coração aberto para todos os seus filhos, todos, todos, todos, sem excluir nenhum.

Estamos aqui, sob o olhar materno de Maria, estamos aqui como Igreja, Igreja mãe. A peregrinação é precisamente uma caraterística mariana, porque a primeira a fazer uma peregrinação, depois da anunciação de Jesus, foi Maria. Logo que soube que sua prima se encontrava grávida – esta estava já em idade avançada –, Maria saiu correndo. Traduzindo um pouco livremente a expressão do Evangelho «dirigiu-se à pressa», diríamos que «Ela saiu correndo»; saiu correndo levada pelo desejo de ajudar, de estar presente.

Temos muitos títulos de Maria, mas, se pensarmos bem, há mais este que também poderíamos dizer: a Virgem «que sai correndo», sempre que há um problema; sempre que A invocamos, Ela não demora a vir; é solícita. Nossa Senhora solícita: gostais assim? Digamo-lo todos juntos: «Nossa Senhora solícita». Apressa-Se, para estar perto de nós, apressa-Se porque é Mãe. Em português, dizemos «apressada» – observa-me D. Ornelas. «Nossa Senhora apressada»! E é assim que acompanha a vida de Jesus; e não Se esconde depois da Ressurreição, acompanha os discípulos à espera do Espírito Santo; e acompanha a Igreja que começa a crescer depois do Pentecostes. Nossa Senhora que Se mostra solícita e Nossa Senhora que acompanha. Acompanha sempre. Nunca é protagonista. O gesto com que Maria Mãe acolhe é duplo: primeiro acolhe e depois aponta para Jesus. Maria, na sua vida, não faz senão indicar Jesus: «Fazei o que Ele vos disser». Segui Jesus.

Pensemos que estes são os dois gestos de Maria: acolhe-nos a todos e indica Jesus. E fá-lo com solicitude, apressada. Nossa Senhora solícita, que nos acolhe a todos e nos indica Jesus. Lembremo-nos disto, sempre que aqui viermos. Aqui Maria tornou-Se presente dum modo especial, para que a incredulidade de tantos corações se abrisse a Jesus. Com a sua presença, indica-nos Jesus, sempre nos aponta Jesus. E hoje está aqui entre nós; Ela está sempre entre nós, mas hoje sentimo-La muito mais próxima. Maria solícita.

Amigos, Jesus ama-nos até ao ponto de Se identificar connosco e pede-nos para colaborar com Ele. E Maria indica-nos isto mesmo que Jesus nos pede: caminhar na vida colaborando com Ele. Gostaria que hoje olhássemos para a imagem de Maria, e cada um se interrogasse: Que me diz Maria como Mãe? O que é que me está a indicar? Indica-nos Jesus; às vezes indica também alguma coisinha no coração que não regula bem, mas sempre indica. «Mãe, o que é que me estás a indicar?» Façamos um breve momento de silêncio e cada um diga em seu coração: «Mãe, o que é que me estás a indicar? O que há na minha vida que Te preocupa? O

que há na minha vida que Te entristece? O que há na minha vida que Te chama a atenção? Indica-mo!» E Ela indica o coração, para que Jesus venha até ele. E assim como nos indica Jesus, a Jesus indica o coração de cada um de nós.
Queridos irmãos, sintamos hoje a presença de Maria Mãe; a Mãe que não cessa de dizer: «Fazei o que Jesus vos disser»; indica-nos Jesus. Mas também a Mãe que diz a Jesus: «Faz o que estes Te estão a pedir». Esta assim é Maria. Esta é a nossa Mãe, Nossa Senhora solícita em estar perto de nós. Que Ela nos abençoe a todos! Amen.

Capela das Aparições do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, 5 de agosto de 2023

*Francisco*

**JMJ LISBOA 2023**

**Recitação do Terço com os Jovens Doentes**

## **Mensagem do Santo Padre no X** [ex-twitter]

Ó Maria,
nós Vos amamos e confiamos em Vós.
E agora de novo nos entregamos a Vós.
Com coração de filhos,
Vos consagramos as nossas vidas, para sempre.
Nós Vos consagramos a Igreja e o mundo,
especialmente os países em guerra.
Alcançai-nos a paz.
Vós, Virgem do Caminho,
abri sendas onde parece que não há.
Vós, que desatais os nós,
desfazei os emaranhados do egoísmo e os laços do poder.
Vós, que nunca Vos deixais vencer em generosidade,
enchei-nos de ternura,
colmai-nos de esperança
e fazei-nos saborear a alegria que não passa,
a alegria do Evangelho.
Amen.

**JMJ LISBOA 2023**

**Vigília com os Jovens**

# Testemunhos

## 1. Testemunho: *Encontro*

*[Pe. António Ribeiro de Matos - Idade: 33 - País: Portugal]*

A pessoa de Jesus foi estando sempre presente ao longo da minha vida, começando pelo ensinamento e testemunho de Fé que recebi da minha avó. Mas na verdade, Cristo era muitas vezes uma boa referência, mas não alguém com quem confrontava os meus caminhos e sonhos. Sem grande consciência disto, tinha os meus planos… Meus, não com Ele nem d'Ele. Até me animava pensar nos outros, envolver-me em projetos sociais e políticos que procuravam o bem-comum. Mas era tudo meu.

Na universidade, inscrevi-me numa semana de missão. Aí aproximei-me mais conscientemente de Cristo e da Igreja, mas o sentido da minha vida continuava a ser centrado em mim. Numa tarde de agosto de 2011, quando viajava sozinho de carro, adormeci. Quando acordei na ambulância – e à medida que fui ganhando consciência da gravidade do acidente – percebi que podia ter morrido naquele acidente. Percebi que se a minha peregrinação na Terra tivesse terminado naquele momento, a minha vida 'não tinha valido a pena'. O sentimento de que a vida estava a passar-me ao lado, fez-me querer acolhê-la de outra forma e confrontar-me com perguntas que até aí evitava. Perguntas como: 'Senhor, que queres que eu faça?' Foi então que a alegria do encontro com Cristo começou a preencher o meu coração e a fazer-me a querer levar esta alegria a outros.

Por isso, em 2012 entrei no seminário. Vivi um caminho de encontro: encontro comigo, mas sobretudo pude encontrar-me, de forma mais verdadeira, com Cristo e com a sua Igreja. E que beleza é este encontro com Cristo e com a Igreja. Na minha fragilidade pude reconhecer como Jesus e a Igreja me amam e caminham comigo e crescia o desejo de levar a outros esta experiência. Em 2017, com as dúvidas próprias do caminho, saí do seminário. Mas Cristo não desistiu de mim, como não desiste de ninguém. Fora do seminário, continuei muito ligado a atividades pastorais e tive oportunidade de ir à Jornada Mundial da Juventude no Panamá. Deus é fiel e dos meus passos, mais ou menos acertados, fez um caminho. Regressei ao Seminário ainda em 2019 e fui ordenado em 2021 para procurar levar aos outros a alegria de encontrar Cristo, de ser encontrado por Ele. Uma alegria que não é passageira, uma alegria que me é oferecida do Céu.

## 2. Testemunho: *Levanta-te*

*[Marta Luís - Idade: 18 - País: Moçambique]*

Chamo-me Marta, tenho 18 anos. Venho de Moçambique, da Província de Cabo Delgado, onde enfrentamos uma guerra que já dura há cinco anos. Sou do Distrito de Muidumbe numa região chamada Planalto do Povo Maconde. Participava da Paróquia Sagrado Coração de Jesus ou também conhecida como Missão de Nangololo. Venho de uma família simples e pobre. Cedo perdi meu pai, tinha apenas sete anos. Depois que o meu pai morreu continuámos a nossa missão: minha mãe com as quatro filhas. Estudava na escola da comunidade e participava na vida da paróquia, onde era acólita e também participava nos encontros para ser crismada. Na região norte onde morávamos ouvíamos falar dos ataques terroristas que aconteciam nas outras localidades perto do nosso distrito, mas não imaginávamos que também iríamos ser atacados. No dia 07 de abril de 2021, pela manhã, os terroristas atacaram nossa aldeia. Fugimos com toda a nossa família para o mato. Ficámos quatro dias escondidos. Quando soubemos que os terroristas tinham saído, voltámos para casa. Passávamos o dia em casa e à noite, por medo, voltávamos a dormir no mato. Rezávamos muito pedindo a Deus que nos livrasse de todo mal, e para que o Senhor nos desse a força para superar aquele momento de dificuldade. Não dormíamos a noite toda, ficávamos a rezar Avé Maria e Pai Nosso, pedindo ao Senhor para que não acontecesse o pior nas casas das pessoas. Depois do ataque do mês de abril continuámos nossa vida na aldeia, mas no dia 31 de outubro de 2021 os terroristas voltaram a atacar. Este ataque foi muito grande. Fugimos de novo para o mato. Caminhámos muito sem saber o que fazer. Não tínhamos comida nem água. Passámos muita fome. Os terroristas encontraram-nos no mato e deram tiros para cima. Não fizeram nada com nossa família, mas sentimos muito medo e saímos correndo. Com muita dificuldade conseguimos chegar na Província de Nampula onde fomos acolhidos por alguns familiares. Quando estávamos no mato, rezávamos muito. Em nenhum momento perdemos nossa fé. Pedia a Deus que nos ajudasse e tirasse toda maldade do mundo e que as pessoas que estavam provocando essa guerra mudassem de vida. As populações das nossas aldeias estão todas espalhadas. Temos sido acolhidos nas paróquias onde fomos morar, mas temos muitas saudades da nossa aldeia e dos nossos costumes, cantos e danças. Mas em meio a todo sofrimento numa perdemos a fé a esperança de que um dia vamos reconstruir de novo a nossa vida.

Parque do Tejo, Lisboa, 5 de agosto de 2023

## JMJ LISBOA 2023

## Vigília com os Jovens

# Discurso do Santo Padre

Queridos irmãos e irmãs, boa noite!

Dá-me tanta alegria ver-vos! Obrigado por terdes viajado, por terdes caminhado e obrigado por estardes aqui! Estou a pensar que também a Virgem Maria teve de viajar para ver Isabel: «Levantou-Se e partiu apressadamente» (*Lc* 1, 39). Poderíamos perguntar-nos: Mas porque é que Maria Se levanta e vai apressadamente ter com a prima? Certamente porque acaba de saber que a prima está grávida; mas também Ela está. Então por que foi, se ninguém Lho pedira? Maria realiza um gesto não solicitado e sem ser obrigada; Maria vai porque ama e «quem ama voa, corre feliz» (*A Imitação de Cristo*, III, 5). Isto é o que o amor nos faz.
A alegria de Maria é dupla: acabara de receber o anúncio do anjo de que acolheria n'Ela o Redentor e também a notícia de que a prima estava grávida. Interessante! Em vez de pensar em Si mesma, pensa na outra. Porquê? Porque a alegria é missionária, a alegria não é para ficar numa pessoa, mas para levar alguma coisa. Pergunto: vós, que estais aqui, que viestes para vos encontrar, para encontrar a mensagem de Cristo, encontrar o sentido bom na vida… Isto, ides guardá-lo para vós ou levá-lo-eis aos outros? Que pensais fazer? Não ouço! (...) É para o levar aos outros, porque a alegria é missionária. Repitamos isto todos juntos: «a alegria é missionária». Concluindo, eu levo esta alegria aos outros.
Mas esta alegria que temos, houve outros que nos prepararam para a receber. Agora olhemos em retrospetiva tudo o que recebemos; tudo isso predispôs o nosso coração para a alegria. Todos nós, se olharmos para trás, veremos pessoas que foram um raio de luz na nossa vida: pais, avós, amigos, sacerdotes, religiosos, catequistas, animadores, professores… São como que as raízes da nossa alegria. Façamos agora um momento de silêncio, e cada qual pense nas pessoas que nos deram algo na vida, naqueles que são como que as raízes da alegria.
[*momento de silêncio*]
Encontrastes alguém? Encontrastes rostos, histórias? A alegria que nos veio de tais raízes é a que devemos dar, porque nós *temos raízes de alegria* e, simultaneamente, podemos *ser raízes de alegria* para os outros. Não se trata de levar uma alegria passageira, uma alegria momentânea, mas uma alegria que cria raízes. Uma pergunta: como podemos tornar-nos raízes de alegria?
A alegria não está fechada na biblioteca – embora seja necessário estudar –, encontra-se noutra parte. Não está guardada à chave. A alegria, é preciso procurá-la, é preciso descobri-la. É preciso descobri-la no diálogo com os outros, onde devemos dar as raízes de alegria que recebemos. Por vezes, isto cansa. Faço-vos uma pergunta: às vezes cansais-vos? Pensai no que acontece, quando uma pessoa está cansada: não tem vontade de fazer nada e, como se costuma dizer, atira-se por terra. Não tem vontade de continuar; então desiste, deixa de caminhar e cai. Pensai numa pessoa que caia na vida, tenha um fracasso, cometa erros mesmo graves, sérios: achais que a sua vida acabou? Não! O que é preciso fazer? Levantar-se! Como recordação, quero deixar-vos o caso dos alpinistas, que gostam de escalar as montanhas; eles têm uma canção linda, onde se diz: «Na arte de subir a montanha, o que conta não é não cair, mas não ficar caído». Está certo!

Quem fica caído, a sua vida já «passou à reforma», está encerrada! Fechou-se à esperança, fechou-se aos anseios, fica por terra. E quando virmos alguém, um amigo nosso, que caiu, que devemos fazer? *Levantá-lo*. Reparai, quando alguém tem de levantar ou ajudar uma pessoa a levantar-se, que gesto faz? Olha-a de cima para baixo. Trata-se da única ocasião, do único momento em que é lícito olhar uma pessoa de cima para baixo: quando queremos ajudá-la a levantar-se. Quantas vezes vemos pessoas que nos olham sobranceiras, por cima do ombro, de cima para baixo! É triste. O único modo, a única situação em que é lícito olhar de cima para baixo uma pessoa é (dizei-o vós... forte!) para a ajudar a levantar-se.
Pois bem! O segredo do caminho está um pouco nisto: na constância em caminhar. Na vida, para se conseguir algo, é preciso *treinar* a caminhar. Às vezes não temos vontade de caminhar, não temos vontade de nos esforçar; copiamos os exames, porque não temos vontade de estudar e não chegamos ao resultado desejado. Não sei se algum de vós gosta de futebol… Eu gosto. Por trás dum golo, que temos? Muito treino. Por trás dum resultado, que há? Muito treino. E, na vida, nem sempre se pode fazer o que apetece, mas aquilo que nos leva a realizar a vocação que temos dentro de nós… Cada um tem a sua vocação. É preciso caminhar. E, se cair, levanto-me ou haja alguém que ajude a pôr-me de pé. Não ficar caído; e treinar-me, treinar-me a caminhar. E tudo isto é possível, não porque fizemos um curso sobre o caminhar; não há cursos que nos ensinem a caminhar na vida! Isto aprendemo-lo dos pais, aprendemo-lo dos avós, aprendemo-lo dos amigos, ajudando-se mutuamente. Na vida, aprende-se, e isto é treino para caminhar.
Deixo-vos estas ideias. É preciso caminhar e, no caso de cair, levantar-se; caminhar com uma meta; treinar-se todos os dias na vida. Na vida, nada é de graça; tudo se paga. Só uma coisa é gratuita: o amor de Jesus! Assim, com este dom gratuito que temos – o amor de Jesus – e com a vontade de caminhar, caminhemos na esperança, olhemos para as nossas raízes e continuemos para diante, *sem medo*. Não tenhais medo. Obrigado! Adeus.

Parque do Tejo, Lisboa, 5 de agosto de 2023

*Francisco*

## JMJ LISBOA 2023

## Santa Missa para a Jornada Mundial da Juventude

# Homilia do Santo Padre

«Senhor, é bom estarmos aqui!» (*Mt* 17, 4). Estas palavras que o apóstolo Pedro disse a Jesus no monte da Transfiguração, queremos fazê-las também nossas depois destes dias intensos. É bom tudo o que estamos a experimentar com Jesus, aquilo que vivemos juntos, e é bom como rezámos, com tanta alegria do coração. Mas perguntamo-nos: Que levamos connosco ao regressar à vida quotidiana?

Quero responder a esta pergunta com três verbos: *resplandecer*, *ouvir*, *não temer*, seguindo o Evangelho que ouvimos. Que levamos connosco? Respondo com três palavras: *resplandecer, ouvir e não temer*.

A primeira: *resplandecer*. Jesus transfigura-Se. Diz o Evangelho: «o seu rosto *resplandeceu* como o sol» (*Mt* 17, 2). Recentemente tinha anunciado a sua paixão e morte de cruz, esfrangalhando assim a imagem dum Messias poderoso, mundano, e dececionando as expectativas dos discípulos. Ora, para os ajudar a acolher o projeto de amor de Deus a respeito de cada um de nós, Jesus toma consigo três deles – Pedro, Tiago e João –, condu-los ao alto dum monte e transfigura-Se. E este «banho de luz» prepara-os para a noite da paixão.

Amigos, jovens queridos, também nós hoje precisamos de um pouco de luz, um lampejo de luz que forneça esperança para enfrentar tantas obscuridades que nos assaltam na vida, tantas derrotas quotidianas, para as enfrentar com a luz da ressurreição de Jesus. Porque Ele é a luz sem ocaso, a luz que brilha mesmo durante a noite. Diz o sacerdote Esdras: «O nosso Deus quis fazer brilhar os nossos olhos» (*Esd* 9, 8). O nosso Deus ilumina. Ilumina o nosso olhar, ilumina o nosso coração, ilumina a nossa mente, ilumina o nosso desejo de fazer algo na vida. Sempre com a luz do Senhor.

Mas quero dizer-vos que não ficamos luminosos, colocando-nos sob os holofotes; antes pelo contrário, isso encandeia-nos, não nos torna luminosos. Não ficamos luminosos, quando exibimos uma imagem perfeita, em ordem, bem acabada, não; nem mesmo se nos sentimos fortes e bem-sucedidos: fortes e bem-sucedidos, mas não luminosos. Tornamo-nos luminosos, resplandecemos quando, tendo acolhido Jesus, aprendemos a amar como Ele. Amar como Jesus: isto torna-nos luminosos, isto leva-nos a fazer obras de amor. Não te deixes enganar, minha amiga, meu amigo! Tornar-te-ás luz no dia em que fizeres obras de amor. Ao contrário quando, em vez de fazer obras de amor aos outros, só pensas em ti mesmo como um egoísta, então a luz apaga-se.

O segundo verbo é *ouvir*. No monte, uma nuvem luminosa cobre os discípulos. E desta nuvem fala o Pai. E que diz? «Escutai-O»! «Este é o meu Filho predileto, escutai-O» (*Mt* 17, 5). E é tudo… Tudo aquilo que se deve fazer na vida, está nesta palavra: *escutai-O*. Escutar Jesus. Todo o segredo está aqui. Escuta o que te diz Jesus. «Mas eu não sei o que Ele me diz!» Pega no Evangelho e lê o que diz Jesus, o que Ele diz ao teu coração. Porque Ele tem palavras de vida eterna para nós, revela que Deus é Pai, Deus é amor. Ele aponta-nos o caminho do amor. Escuta Jesus! Porque nós, mesmo quando com boa vontade nos embrenhamos por caminhos que até parecem ser de amor, em última análise não passam de egoísmo mascarado de amor. Cuidado com os egoísmos mascarados de amor! Escuta-O, porque Jesus dir-te-á qual é o caminho do amor. Escuta-O.

Resplandecer é a primeira palavra: sede luminosos! A segunda: escutar, para não se enganar no caminho! E finalmente a terceira palavra: *não ter medo*. Não tenhais medo. Uma expressão que se repete muito na Bíblia. Concretamente no Evangelho, no momento da Transfiguração, as últimas palavras que Jesus disse aos discípulos foram estas: «Não tenhais medo» (*Mt* 17, 7).

A vós, jovens, que vivestes esta alegria (estava para dizer esta glória, e de certo modo este nosso encontro também é glória); a vós, que cultivais sonhos grandes mas frequentemente ofuscados pelo temor de que não se realizem; a vós, que às vezes pensais que não ides conseguir (por vezes assalta-nos um pouco de pessimismo); a vós, jovens, tentados a desanimar neste tempo, a julgar-vos talvez inadequados ou a esconder a angústia mascarando-a com um sorriso; a vós, jovens, que quereis mudar o mundo (é um bem que queirais mudar o mundo!) e que quereis lutar pela justiça e a paz; a vós, jovens, que investis na vida esforço e imaginação, ficando porém com a sensação de que não bastam; a vós, jovens, de quem a Igreja e o mundo têm necessidade como a terra tem de chuva; a vós, jovens, que sois o presente e o futuro… Sim, precisamente a vós, jovens, é que Jesus diz hoje: «Não tenhais medo», «não tenhais medo»! Num breve momento de silêncio, cada um repita para si mesmo, no próprio coração, estas palavras: «Não tenhais medo».

Queridos jovens, gostaria de poder fixar cada um de vós nos olhos e dizer: Não temas, não tenhas medo! Mais, tenho uma coisa belíssima para vos dizer: já não sou eu, mas é o próprio Jesus que vos fixa agora. Ele que vos conhece, conhece o coração de cada um de vós, conhece a vida de cada um de vós, conhece as alegrias, conhece as tristezas, os sucessos e os fracassos, conhece o vosso coração. E hoje aqui em Lisboa, nesta Jornada Mundial da Juventude, Ele diz-vos: «Não temais, não temais! Coragem, não tenhais medo!»

Parque do Tejo em Lisboa, 6 de agosto de 2023

*Francisco*

## JMJ LISBOA 2023

## Santa Missa para a Jornada Mundial da Juventude

# Saudação do Cardeal-Patriarca de Lisboa Manuel Clemente

Estas palavras de saudação e agradecimento a Vossa Santidade estão naturalmente preenchidas por tudo quanto nos foi dado viver nestes dias da Jornada Mundial da Juventude. Foi tanto o que vivemos e muito especial convosco, Santidade, que não o posso resumir senão numa palavra: OBRIGADO!

Na nossa língua portuguesa, a palavra indica que não só recebemos como nos sentimos levados a retribuir o que nos foi dado. E Vossa Santidade deu-nos tantos nestes dias, com a presença, a palavra e os gestos que generosamente repartiu, que nunca mais deixaremos de lhe retribuir com imensa gratidão e oração constante pela vida, saúde e ministério de Vossa Santidade. Muito obrigado!

Desde o primeiro momento, Santo Padre, aceitastes e estimulastes a realização desta Jornada. Quisestes que ela fosse ocasião de encontro duma multidão juvenil provinda dos cinco continentes, aberta e proposta a todos com a largueza do Evangelho de Cristo, que não exclui ninguém e globalmente se oferece.

Quisestes que a Jornada fosse, muito especialmente para os jovens, uma ocasião de reencontro e encorajamento no sentido da solidariedade e da construção dum mundo mais capaz de corresponder às justas aspirações de todos, depois duma pandemia que os confinou e de tudo o mais que os possa alhear dos outros e do melhor de si próprios.

Estivestes sempre connosco, animando-nos a prosseguir na realização da Jornada, ultrapassando adiamentos e obstáculos, que não faltaram também. Esta Jornada foi muito especialmente vossa, Santo Padre, e dos jovens que congregastes aqui. E assim será lembrada no futuro, como momento decisivo duma geração que construirá um mundo mais belo e mais fraterno.

A vossa figura e o vosso exemplo, Santo Padre, concitaram desde logo a cooperação e o apoio de contribuições pessoais e institucionais que não faltaram. Do Estado às autarquias, muito em especial, que permitiram fazer deste bela terra de Lisboa e Portugal a terra duma multidão provinda do mundo inteiro. Às entidades públicas juntaram-se muitas outras contribuições particulares, que permitiram à incansável organização e aos seus magníficos colaboradores e voluntários levarem a bom termo esta Jornada.

Todos acolheram as vossas mensagens de estímulo, tão sugestivas e mobilizadoras como foram. Todos estão convosco nesta Santa Missa, dando graças a Deus pela Jornada Mundial da Juventude Lisboa/2023. E como tudo o que a Deus se devolve, também este momento final readquire a frescura original. Essa mesma, que nem a idade nem os problemas de saúde retiram a Vossa Santidade. Neste sentido, sois o mais jovem entre os jovens que aqui estão.

Muito obrigado, Santo Padre!

Parque do Tejo em Lisboa, 6 de agosto de 2023

## JMJ LISBOA 2023

## Santa Missa para a Jornada Mundial da Juventude

# Parole di ringraziamento dell'Em.mo Card. Kevin Farrell, Prefetto del Dicastero per i Laici, la Famiglia e la Vita

Santo Padre,
al termine di questa trentasettesima Giornata Mondiale della Gioventù il nostro cuore è colmo di gratitudine. Gratitudine per la generosità di migliaia di giovani che hanno risposto all'invito di Sua Santità: "Il tempo di alzarci è adesso!", lei ha detto nel messaggio per questa Giornata. Sì! I giovani si sono alzati. Si sono messi alla ricerca della via che conduce a Gesù Cristo e all'altro. Hanno celebrato la fede insieme al Successore di Pietro e hanno testimoniato l'amore di Cristo che vibra nei loro cuori.
Sentiamo gratitudine perché i giovani sono stati pellegrini di pace in tempi in cui tante, troppe, guerre si combattono ancora in numerose parti del mondo. Hanno testimoniato così che l'amicizia, la carità e la pace non sono un'utopia.
Siamo grati anche per la tenacia e la fiducia in Dio di tante persone che non si sono scoraggiate di fronte alle difficoltà. La pandemia ha tenuto il mondo in ansia dall'inizio del 2020, la data della GMG è stata posticipata di un anno, ma nessuno ha perso il ritmo del cammino. Gli organizzatori a Lisbona hanno continuato a lavorare con impegno ogni giorno perché questo incontro si realizzasse. E così pure i giovani di tutto il mondo hanno atteso questo pellegrinaggio e lo hanno preparato superando tanti ostacoli. Per tutti è stata fondamentale la potente intercessione di Nostra Signora di Fatima che attendeva in questa terra tanti suoi figli con cuore di Madre.
In questo momento, Santità, le portiamo l'affetto e la vicinanza di tutti quei giovani che non hanno avuto la possibilità di venire qui a Lisbona ma hanno ugualmente vissuto la GMG attraverso i mezzi di comunicazione o prendendo parte alle tante giornate di preghiera, fraternità e missione che sono state organizzate in numerose diocesi del mondo.
Grazie, Santo Padre, perché ci ha portato in questi giorni l'annuncio e la testimonianza dell'amore fedele e incondizionato del Signore! Grazie perché ci infonde speranza, ricordandoci instancabilmente che la via della pace e della riconciliazione tra i popoli è possibile! Grazie perché sempre ci mostra Maria come compagna di viaggio nel pellegrinaggio della fede!
Le chiediamo, Santo Padre, di benedire questi giovani perché tornando alle proprie case continuino ad essere discepoli-missionari, come lo sono stati in questi giorni. La "fretta buona" di Maria li spinga a portare Gesù Cristo a tutte le persone e lo Spirito Santo li confermi, negli anni a venire, fedeli *pellegrini di speranza*.

Parque do Tejo em Lisboa, 6 de agosto de 2023

## JMJ LISBOA 2023

## *ANGELUS*

# Discurso do Santo Padre

Queridos irmãos e irmãs,

Uma palavra ressoou muitas vezes nestes dias: "*grazie*", ou seja, «obrigado». É belo aquilo que acaba de nos dizer o Patriarca de Lisboa: que «obrigado» não expressa só a gratidão pelo que se recebeu, mas também o desejo de corresponder ao bem. Quanto bem recebemos todos nós neste evento de graça! E agora o Senhor faz-nos sentir a necessidade de o partilhar também com os outros, dando alegremente testemunho do dom gratuito de Deus, do bem que Ele colocou nos nossos corações.

Mas, antes de nos despedirmos, quero também eu dizer «obrigado». Digo-o, em primeiro lugar, ao Cardeal Clemente e, nele, à Igreja e a todo o povo português: obrigado! Obrigado ao Senhor Presidente, que nos acompanhou nos eventos destes dias; obrigado às instituições nacionais e locais pelo apoio e assistência prestados; obrigado aos Bispos, sacerdotes, pessoas consagradas e leigos. E obrigado a ti, Lisboa, que permanecerás na memória destes jovens como «casa de fraternidade» e «cidade dos sonhos». Exprimo também a minha gratidão ao Cardeal Farrell – que rejuvenesceu nestas Jornadas – e àqueles que as prepararam, bem como a quantos as acompanharam com a oração. Obrigado aos voluntários: para eles, este aplauso saído do coração pelo seu grande serviço! E um agradecimento especial a quem velou pela JMJ a partir do Alto, ou seja, aos Santos patronos do evento e a um em particular: João Paulo II, que deu vida às Jornadas Mundiais da Juventude.

E obrigado a todos vós, queridos jovens! Deus vê inteiramente o bem que sois; só Ele conhece o que semeou nos vossos corações. Partis daqui com o que Deus semeou no coração, fazei-o crescer, guardai-o com diligência. Queria fazer-vos uma recomendação: mantende vivos, na mente e no coração, os momentos mais encantadores. Assim, quando chegarem momentos de cansaço e desânimo – que são inevitáveis – e, quem sabe, a tentação de deixar de caminhar ou de vos fechardes em vós mesmos, podereis com a memória reavivar as experiências e a graça destes dias, porque – nunca o esqueçais – esta é a realidade, isto é o que vós sois: o santo Povo fiel de Deus que caminha com a alegria do Evangelho. Desejo também enviar uma saudação aos jovens que não puderam estar aqui, mas participaram nas iniciativas organizadas pelos seus países, pelas Conferências Episcopais, pelas dioceses; penso, por exemplo, nos irmãos e irmãs subsarianos, reunidos em Tânger. A todos, obrigado, obrigado!

E de modo particular acompanhamos com o afeto e a oração aqueles que não puderam vir por causa de conflitos e guerras. No mundo, há muitas guerras, muitos conflitos. Cingindo-me a este continente, sinto grande tristeza pela querida Ucrânia, que continua a sofrer tanto. Amigos, permiti também que eu, já idoso, partilhe convosco, jovens, um sonho que trago no coração: o sonho da paz, o sonho dos jovens que rezam pela paz, vivem em paz e constroem um futuro de paz. Através da oração do *Angelus*, coloquemos nas mãos de Maria, Rainha da Paz, o futuro da humanidade. E há um último obrigado que gostaria de sublinhar antes de concluir: Obrigado às nossas raízes, aos nossos avós, que nos transmitiram a fé, que nos transmitiram o horizonte duma vida. São as nossas raízes. E ao voltardes para casa continuai, por favor, a rezar pela paz. Vós sois um sinal de paz para o mundo, um testemunho de como

as diferentes nacionalidades, línguas e histórias podem unir em vez de dividir. Vós sois esperança dum mundo diferente. Obrigado. Avante!
E chega enfim um momento que todos esperam: o anúncio da próxima etapa do caminho. Mas antes de vos referir a sede da quadragésima primeira Jornada Mundial da Juventude, quero fazer-vos um convite: marco encontro com os jovens de todo o mundo no ano 2025, em Roma, para celebrarmos juntos o *Jubileu dos jovens*! Lá vos espero em 2025 para celebrarmos juntos o Jubileu dos Jovens. A próxima Jornada Mundial da Juventude terá lugar na Ásia: será em Seul na Coreia do Sul! E assim, da fronteira ocidental da Europa, passará no ano 2027 ao extremo Oriente: é um belo sinal da universalidade da Igreja e do sonho de unidade do qual vós sois testemunhas!
E por fim dirigimos um último obrigado a duas pessoas especiais, aos dois protagonistas principais deste encontro. Estiveram aqui connosco, e continuarão a estar connosco; nunca perdem de vista as nossas vidas, amam as nossas vidas como mais ninguém o poderia fazer. Obrigado a Ti, Senhor Jesus. Obrigado a Ti, Maria, nossa Mãe. E agora rezemos…

**[Palavras depois da oração do *Angelus*]**

Quero assegurar as minhas orações – e façamo-lo todos juntos – também pelas vítimas da trágica avalanche ocorrida há dois dias na região de Racha, na Geórgia. Sinto-me solidário com os seus parentes. Que a Virgem Santa os console, e sustente também o trabalho das equipes de resgate. E acompanho, estou unido ao meu irmão o Patriarca Elias II.

Parque do Tejo, Lisboa, 6 de agosto de 2023

*Francisco*

## JMJ LISBOA 2023

## Encontro com os Voluntários da JMJ

# Palavras de saudação e agradecimento do Cardeal-Patriarca de Lisboa Manuel Clemente

Santo Padre
Em nome de todos, agradeço reconhecidamente a vossa presença nesta Jornada Mundial da Juventude e tudo quanto nos oferecestes nestes dias, por palavras e gestos que lembraremos sempre.
Termina assim um programa repleto de momentos inolvidáveis. E termina neste encontro com os voluntários que tornaram possível que tudo acontecesse da melhor forma e com os melhores resultados.
Trabalharam alguns durante anos, outros nos tempos mais chegados, mas todos com um entusiasmo contagiante que conseguiu vencer os naturais cansaços e desafios. Demonstraram todos eles que as possibilidades são do tamanho dos corações e acontecem quando não deixamos de avançar na senda do bem e da entrega ao bom serviço de todos.
Creio também, Santo Padre, que os voluntários aqui presentes, nacionais e internacionais, são o rosto mais expressivo duma juventude com que a Igreja e o mundo podem contar, para rejuvenescerem também, em comunhão e solidariedade redobradas. Podemos chamar-lhes a "geração JMJ 2023". Ficarão certamente marcados pelo que fizeram, porque o bem praticado melhora sempre quem o faz.
A todos os voluntários o meu obrigado, muito reconhecido. Mas igualmente a Vossa Santidade, porque todas as Jornadas, desde São João Paulo II, têm o Papa como primeiro protagonista. Desde o primeiro momento contámos com o vosso incentivo, as vossas sugestões e o vosso entusiasmo contagiante. Sempre dissestes que o Papa estaria connosco e sempre nos sentimos igualmente convosco, no sentimento e no propósito.
Muito obrigado, Santo Padre, por esta Jornada tão especialmente vossa, em tempos tão carecidos de acontecimentos assim, que reúnam a juventude mundial em torno de objetivos a que não podemos renunciar, como discípulos de Cristo e irmãos de todos os homens e mulheres desta casa comum, que tem de ser cada vez mais de todos para todos.
A generosidade dos voluntários que possibilitaram a realização desta Jornada Mundial da Juventude é expressão de que tal pode realmente acontecer. É uma profecia do mundo a construir. A vossa presença, Santo Padre, reforça-nos a certeza de que assim há de ser!
Muito obrigado, Santo Padre!

Passeio Marítimo de Algés, 6 de agosto de 2023

**JMJ LISBOA 2023**

**Encontro com os Voluntários da JMJ**

# Testemunhos

## 1. Testimonianza di Chiara, 18 anni, tedesca

*(Volontario internazionale)*

Ho vissuto l'esperienza unica della fede che condivisa da una gioia incredibile e che la vita con Gesu e un'avventura.
Sia nel lavoro con i volontari che negli incontri con i pellegrini o durante la Santa Messa, ho potuto sentire questa gioia profonda che fino ad ora niente e nessuno aveva saputo darmi e che, da diversi anni, cercavo a volte consapevolmente e a volte inconsapevolmente. E una gioia che non puo essere equiparata a quel divertimento che si trova nel mondo. E la sensazione di essere completamente amati e accettati da Dio e di essere in una Chiesa viva e giovane che, ad esempio, attira alla GMG milioni di giovani che hanno gia sperimentato questo amore di Dio o lo stanno cercando.
E nonostante i momenti di solitudine, dubbio e nostalgia di casa, c'era sempre qualcuno che era li per me e che, prima che mi rendessi conto di quanto stavo male, si e preso cura di me, come in una famiglia: la Chiesa.
Il secondo punto che ho capito e che la vita con Dio non e noiosa. E pura avventura. Dio ha piani tanto grandi per me e per te. Per ognuno di noi, e a causa del suo amore vero, profondo e sincero, Dio vuole solo il meglio per noi. Se qualcuno mi avesse detto un anno fa che sarei andata a Lisbona, lontano dal mio ambiente familiare, dai miei amici, non avrei mai pensato che sarebbe stato possibile perche ero incredibilmente spaventata. Ma Gesu mi ha mostrato nel soggiorno a Lisbona che anche il piu piccolo "si" puo cambiare la mia vita in modo decisivo, se ho solo un po' di fiducia nei piani d'amore di Dio.
Durante i preparativi della GMG, sono riuscita a riconoscere Gesu nel mio ministero mentre davo alle persone l'opportunita di incontrarlo. Ciascuno di questi pellegrini che ho aiutato, potrebbe essere uno la cui vita e cambiata per sempre perche ha sperimentato l'affascinante amore di Dio alla GMG.
Anche nelle occasioni di vita comunitaria con gli altri volontari o nell'adorazione e nella Santa Messa, c'erano momenti in cui si poteva sentire la presenza di Gesu. E infine, durante la GMG, dove si sono incontrate persone provenienti da ogni parte del mondo e quindi da culture assai diverse, tutte, pero, credenti nell'unico Dio e alla ricerca del suo amore.
Dato che avevo gia aiutato in un movimento giovanile cristiano prima del mio tempo come volontaria alla GMG, ed ero rimasta affascinata dalla gioia e dall'amore di Dio, continuero a farlo ancora di piu in futuro. Voglio consentire a quanti piu giovani possibile di avere questa esperienza dell'amore e della gioia di Dio che cambia la vita, come una volta ha cambiato la mia.

## 2. Testimonianza di Francisco, 24 anni, portoghese
*(Volontario Comitato Organizzatore Locale)*

Questa Giornata Mondiale della Gioventu e stata davvero, per me, un vero viaggio, un cammino, un pellegrinaggio che ho intrapreso il primo giorno in cui ho accettato la sfida di farne parte, 335 giorni prima che tutto accadesse, e che mi porta qui oggi, un anno in piu, con le vesciche ai piedi e molto calloso, ma con la stessa energia e volonta, e con una certezza: e con il cuore piu pieno che sono qui... che ci siamo. Per molti qui presenti, un lungo cammino di volontariato, per me il mio primo lavoro serio, e poi questo, nella Direzione Pastorale della GMG, per realizzare la Giornata.
A livello personale e stata un'esperienza di grande crescita interiore, in cui ho avuto modo di conoscermi meglio, di riconciliarmi interiormente, e anche se il percorso e ancora lungo, di immergermi piu a fondo, di scoprire chi sono. Nel corso della mia vita, e crescendo, gia consapevole del bene che mi faceva aiutare gli altri, il volontariato e diventato parte della mia vita. Dal rallegrare i bambini, consegnare il cibo ai bisognosi, fare compagnia agli anziani, dipingere i muri... ho avuto la possibilita di sperimentare un po' di tutto, e di piu, di lasciarmi vivere da Dio in ogni momento, e poi una presenza piu grande al mio fianco comincio ad avere un senso. Ho cominciato a sentire Gesu nei sorrisi, nelle storie di vita, nelle canzoni stonate e piene di passato, nel bisogno di compagnia e nell'esperienza della resa. Tutto questo viaggio mi ha definito il Francesco che sono oggi, e la Giornata Mondiale della Gioventu non ha fatto eccezione. Ieri, a 24 anni, l'uscita dall'universita, l'ingresso nel mondo del lavoro e in una routine di maggiore responsabilita, l'incertezza del futuro, era qualcosa che temevo, non solo non mi sentivo preparato, ma c'era qualcosa dentro di me che non era fatta, come se stesse partendo per un viaggio e sapesse che a casa aveva lasciato il letto sfatto. Qualche mese fa non sapevo cosa fosse, ma oggi posso esprimere a parole quello che ho provato lavorando al Comitato Organizzatore Locale della GMG.
Nelle preghiere e nelle conversazioni quotidiane, ho trovato la pace. Nella responsabilita di un altro mondo, ho trovato una sfida. Nella mia famiglia ho trovato ispirazione. E nei miei amici, di questo e di altri Paesi, quelli che la vita mi ha donato fin da piccolo e quelli con cui ho lavorato quotidianamente in questi mesi, ho trovato Gesu. Essere parte di questo Viaggio mi ha dato cose che non cercavo, ma di cui avevo davvero bisogno. Nel consegnare il progetto, la costante eccessiva responsabilita, quel rintocco di “mancano solo 100 giorni” che sembra ieri, il tic tac di ogni giorno che passa, che mi rendeva inquieto al risveglio e che pero, adesso, molti ricordi, sorrisi e nostalgia se ne andranno. Un aprire gli occhi su nuove realta, un rafforzamento della mia fede basato sulle esperienze di chi mi circonda, una vera amicizia nell'ambiente di lavoro, come tutti i giovani dovrebbero poter vivere in qualsiasi azienda. Ho avuto la fortuna, durante questo ultimo anno di preparazione alla GMG, di incontrare tante persone, provenienti da ogni angolo del mondo, persone che oggi posso, con un ampio sorriso, chiamare amici. La bellezza della diversita, i vari volti della Chiesa uniti per uno scopo comune: essere insieme il volto di uno dei piu grandi eventi del mondo, dai giovani ai giovani, al servizio di Dio, con Maria come esempio di qualcuno che si alzi e parta frettolosamente in missione, come faremo tutti con coraggio ed energia, andando incontro a chi ha piu bisogno di noi. Oggi, a 24 anni, dopo aver lasciato l'universita, essere entrati nel mondo del lavoro e in una routine di maggiore responsabilita, l'incertezza del futuro, la bella e stimolante incertezza del futuro, e qualcosa che e passato dalla paura alla motivazione, e questa motivazione rimarra con me e ogni giorno mi aiutera a rifare il letto e continuare a godermi il viaggio.
Questo Francesco che ho riconosciuto negli altri che hanno condiviso con me e continuano a condividere con me la tristezza e la felicita della vita, arriva qui oggi, con un senso di

realizzazione e con un cammino fatto di passi di fede. Questo cammino, circondato da Dio e dagli altri, essendo me stesso, coerente con me stesso dentro e fuori la Chiesa, mi permette qui oggi di dire quello che ho imparato meglio, che prima avevo paura di dire ma che oggi non ho piu, e che Lo dico certamente anche dando voce ai giovani qui presenti: I want to be a saint; Voglio essere santo; Quiero ser santo; Je veux etre saint; Chcę być święty; Ich mochte heilig sein; 我要成圣 Wǒ yao cheng sheng; Я хочу бути святим; Я хочу быть святым; … Eu quero ser santo.

## 3. Testimonianza di Filipe, 33 anni, portoghese

*(Volontario parrocchiale)*

Santo Padre,
l'esperienza della GMG Lisbona 2023 ha superato tutte le aspettative che avremmo potuto avere in relazione all'incontro. Poter accogliere giovani di tutto il mondo con i quali condividiamo la nostra fede e motivo di gratitudine a Nostro Signore per questa opportunita unica. Sono stati mesi di grande preoccupazione, di grande ansia, ma di gioia ancora piu grande per essere al Suo servizio per rendere i giovani di oggi giovani di azione, di servizio.
Riassumere l'esperienza della GMG e un'impresa impossibile. E questo accade per un motivo: perche, pur essendo un raduno di migliaia di giovani che celebrano la loro fede, e soprattutto un incontro molto personale con il Signore. Ed e dalla combinazione di questi due aspetti che nasce l'esperienza di ogni volontario e di ogni pellegrino. Per me e stata un'esperienza di vera comunita ecclesiale, dove in ogni momento ho sentito la fede viva che costituisce la Chiesa di Cristo e l'amore che si sentiva, che si sente tuttora, in ogni persona qui presente. Se dovessi scegliere un momento, sarebbe quello in cui, in compagnia di milioni di giovani in tutto il mondo e con il Santo Padre, ci prostriamo davanti a Gesu Eucaristia.
Piu gratificante e essere nel mio paese e nella mia citta, diventando un'esperienza unica di fede e di comunione. Gesu e stato la presenza costante lungo tutto il cammino di preparazione alla GMG.
Inevitabilmente, l'ho riconosciuto in ogni persona che ho incontrato, della mia parrocchia o meno. Come ci insegna santa Teresa di Calcutta, ≪il frutto della fede e l'amore; il frutto dell'amore e il servizio e il frutto del servizio e la pace" e, quindi, tutti i volontari della parrocchia di Algueirao Mem Martins e Merces (e siamo tanti, Santo Padre: piu di 300 volontari!) si sono adoperati affinche fosse possibile questa pace, perche il mondo veda che la gioventu non e slegata dalla fede.
Al contrario, sono molti i giovani che riconoscono in Gesu l'unico portatore di pace. E quindi c'e solo una cosa da fare: servire Cristo perche il mondo raggiunga la pace. Ma non e stato solo nei volontari che ho riconosciuto Gesu. L'intera parrocchia e stata coinvolta quest'anno nella preparazione della Giornata. Gli anziani hanno pregato molto affinche il lavoro dei volontari andasse il piu agevolmente possibile, hanno anche pregato per tutti i giovani del mondo che si recheranno in Portogallo. I ragazzi della catechesi, da parte loro, hanno conosciuto cosa sono le Giornate, hanno partecipato alla raccolta di beni per il soggiorno dei pellegrini e sognano ancora di piu il giorno in cui potranno essere in futuro ad una GMG. Questa e la sfida della Giornata: non lasciare che il lavoro svolto finisca in questa settimana che stiamo vivendo, ma portarlo nel futuro in ciascuna delle nostre parrocchie.
Credo che, ognuno a suo modo, tutti abbiano gruppi o azioni di volontariato che dovrebbero servire da esempio per noi che ci offriamo per servire in questa GMG. Nella mia parrocchia ci sono tanti buoni esempi di volontariato da seguire. Dai parrocchiani che accompagnano le

famiglie, non solo materialmente ma spiritualmente, alla raccolta dei beni, senza dimenticare i visitatori domiciliari. Questi sono i veri volontari che lo fanno tutto l'anno. Ho la grazia di appartenere a una comunita molto viva che un tempo si diceva fosse la parrocchia con il maggior numero di parrocchiani d'Europa. Sono gia emersi molti progetti che continuano ancora oggi, cosi come molti che si sono conclusi naturalmente per far posto ad altri. E una parrocchia viva. Ma con questo arriva anche la sfida: arrivare a tutti. Ci sono persone che vanno a pregare nei luoghi piu remoti perche gli abitanti abbiano qualcuno con cui pregare. Con tre gruppi di giovani e un gruppo scout, la nostra parrocchia dispone di personale per il servizio di Cristo e degli altri. La sfida rimane. Tutti questi volontari stanno pregando per lei, Santo Padre. Ricordi anche ognuno di noi nelle sue preghiere affinche continuiamo ad essere giovani con il desiderio di servire.

Passeio Marítimo de Algés, 6 de agosto de 2023

## JMJ LISBOA 2023

## Encontro com os Voluntários da JMJ

# Discurso do Santo Padre

Queridos amigos, boa tarde! E obrigado!

Obrigado ao Patriarca de Lisboa pelas suas palavras, a D. Américo Aguiar e a todos vós por terdes trabalhado tanto e bem: tornastes possível estes dias inesquecíveis! Trabalhastes meses a fio, de forma escondida, sem alarde nem protagonismo, para que pudéssemos encontrar-nos todos aqui a cantar juntos: «Jesus vive e não nos deixa sós: não mais deixaremos de amar». E não só! Fostes um exemplo, porque vos unistes para trabalhar em grupo. Mais do que trabalho, o vosso foi um serviço, obrigado!

Um serviço semelhante ao prestado pela Virgem Maria, que «Se levantou e partiu apressadamente» (*Lc* 1, 39) para servir a prima Isabel, sentindo urgência de *partilhar a alegria no serviço*; partilhar a alegria e o serviço, a alegria no serviço. Pensemos em Zaqueu, que, para ver Jesus, sobe a uma árvore e de lá desceu apressadamente. Qualquer coisa lhe tocara dentro, queria encontrar Jesus e acolhê-Lo na casa dele (cf. *Lc* 19, 6); pensemos nas mulheres e nos discípulos que, na Páscoa, correm do túmulo até ao Cenáculo a fim de anunciar que Cristo ressuscitou (cf. *Jo* 20, 1-18). Quem ama não fica de braços cruzados, quem ama serve, quem ama corre para servir, corre empenhado no serviço aos outros. E vós correstes, e muito, nestes meses! Eu pude ver-vos apenas nos momentos finais, nestes dias, e observei como dáveis resposta a inúmeras necessidades, às vezes com o cansaço impresso no rosto e outras um pouco esmagados com as urgências do momento, mas sempre notei uma coisa: que tínheis os olhos luminosos, luminosos pela alegria do serviço. Obrigado!

Vós tornastes possível este encontro mundial da juventude, fizestes grandes coisas sem vos negar a gestos pequeninos, como a garrafa de água oferecida a um desconhecido. E isto cria amizade. Correstes tanto, mas não com aquela corrida frenética e sem meta que às vezes carateriza o nosso mundo. Vós correstes doutra maneira: fizestes uma corrida que leva a encontrar os outros para os servir em nome de Jesus. Vós viestes a Lisboa para servir e não para ser servidos. Obrigado, muito obrigado!

E agora quero eu servir-vos de amplificador, para que ressoe mais além tudo aquilo que nos disseram os testemunhos, os testemunhos de Clara, Francisco e Filipe. Os três falaram-nos dum encontro especial com Jesus. Lembraram-nos que o encontro mais belo, o motor de todos os outros, aquele que faz mesmo caminhar, que faz a vida avançar, é o encontro com Jesus. O encontro mais importante da nossa vida. Renovar dia a dia o encontro pessoal com Jesus é o coração da vida cristã. E deve ser renovado todos os dias para manter vivo o desejo do mesmo não só na cabeça, mas também no coração. Experimentámos que um pequeno «sim» a Jesus pode mudar a vida; mas também o «sim» dito aos outros nos faz bem, quando tem em vista o serviço. No momento do cansaço, retomastes coragem e continuastes para diante dizendo «sim» prontos a servir os outros. Obrigado por isso!

E tu, Francisco, disseste que aqui encontraste qualquer coisa que precisavas e nem sequer a procuravas. Caminhando, trabalhando e rezando com os outros, compreendeste que não te podias deixar agrilhoar pela desordem, pelo «leito desarrumado» do passado, nem viver com o coração atormentado por sensações de pessoa inacabada; e foi-te oferecida, com a ajuda

de Jesus e dos irmãos, ocasião para reorganizar «o quarto» da vida. Pôr ordem na vida é bom: esta Jornada é útil, ajuda muito a pôr ordem na vida. Mas porquê? Graças à Jornada? Não, graças a Jesus, que está aqui no meio de nós e Se nos revela. Para colocar a nossa vida em ordem, não bastam coisas, não ajudam distrações, não serve dinheiro. O que é preciso é *dilatar o coração*. E se alargardes o coração, colocareis ordem na vossa vida. Não tenhais medo! Dilatai o vosso coração.

E por fim tu, Filipe, entre tantas coisas bonitas que partilhaste, disseste uma que quero sublinhar. Disseste que viveste aqui um duplo encontro: um encontro com Jesus e um encontro com os outros. Isto é muito importante: o encontro com Jesus é um momento pessoal, único, que só até certo ponto se pode descrever e contar, mas sempre tem lugar graças a um caminho feito com os outros, feito por meio da intercessão de outros. Encontrar Jesus e encontrá-Lo no serviço aos outros.

Amigos, para terminar quero deixar-vos uma imagem. Como sabem muitos de vós, existe a norte de Lisboa uma localidade – Nazaré – onde se podem admirar ondas que chegam aos trinta metros de altura tornando-se uma atração mundial, especialmente para os surfistas que as cavalgam. Nestes dias, também vós enfrentastes uma verdadeira onda, não de água, mas de jovens, jovens como vós, que afluíram a esta cidade. Mas, com a ajuda de Deus, com tanta generosidade e apoiando-vos mutuamente, conseguistes cavalgar esta grande onda. Cavalgastes esta grande onda: sois mesmo corajosos! Obrigado! Quero dizer-vos: continuai assim, continuai a cavalgar as ondas do amor, as ondas da caridade, sede *surfistas do amor*! E esta é a tarefa que vos confio neste momento: que o serviço prestado por vós nesta Jornada Mundial da Juventude seja a primeira de tantas ondas de bem; cada vez sereis levados mais alto, mais perto de Deus, e isto permitir-vos-á ver duma perspetiva melhor o vosso caminho. De novo obrigado a todos. Bom caminho! E, por favor, continuai a rezar por mim! Obrigado!

Passeio marítimo de Algés, 6 de agosto de 2023

*Francisco*

## JMJ LISBOA 2023

# Conferência de Imprensa do Santo Padre durante o voo de regresso de Lisboa
## [6 de agosto de 2023]

*Matteo Bruni*
Boa noite, Santidade! Regressamos rejuvenescidos e felizes desta JMJ, na qual pudemos afrontar as questões e os anseios dos jovens em relação à Igreja, à fé e também ao mundo. E pudemos escutar a sua resposta quer por palavras quer pela presença. Agora há algumas perguntas dos jornalistas, mas primeiro vejamos se o Santo Padre quer dizer alguma coisa.

**Papa Francisco**
Boa noite e muito obrigado por esta experiência. Hoje é dia de aniversário [da jornalista Rita Cruz], muitos parabéns! Mais tarde chegará o bolo.

*Matteo Bruni*
Nesta noite, a primeira pergunta é de Aura Maria Vistas Miguel, da Rádio Renascença, que conhecemos bem.

*Aura Maria Vistas Miguel (Rádio Renascença)*
Santidade, antes de mais nada, obrigada pela sua visita a Portugal! Já todos a consideram um sucesso. Todos encantados. Obrigada por ter vindo! Encontrei um chefe importante da Polícia que me disse nunca ter visto uma multidão tão obediente e pacífica. Foi tudo muito belo, obrigada! A minha pergunta diz respeito a Fátima. Sabemos que o Santo Padre foi lá e rezou em silêncio diante de Nossa Senhora na Capelinha. Mas havia grande expectativa de que, no próprio lugar onde Nossa Senhora pedira para rezar pelo fim da guerra e, infelizmente, estando nós em guerra neste momento, o Santo Padre elevasse de novo, publicamente, uma súplica pela paz. Os olhos de todo o mundo estavam fixos em si, ontem de manhã, em Fátima. Por que não o fez?

**Papa Francisco**
Eu, rezar, rezei. Orei a Nossa Senhora e rezei pela paz. Não fiz constar, mas eu rezei. E devemos repetir continuamente esta oração pela paz. Maria pedira isto, na I Guerra Mundial. E desta vez supliquei-o a Nossa Senhora. E rezei, sem fazer publicidade.

*Matteo Bruni*
Obrigado, Aura. A segunda pergunta vem de João Francisco: é do diário português «Observador».

*João Francisco Gonçalves Gomes (jornal Observador)*
Muito obrigado, Santo Padre. Pergunto a propósito dos abusos sobre menores, na Igreja em Portugal. No mês de fevereiro deste ano, foi publicado um relatório sobre a realidade dos abusos em Portugal: as crianças vítimas foram quase cinco mil nas últimas décadas. A minha pergunta: leu-o, foi informado sobre esse relatório entregue aos bispos? E ainda: Que se deveria fazer aos bispos que tiveram conhecimento dos casos de abusos e não os denunciaram às autoridades? Obrigado.

**Papa Francisco**
Como todos sabeis, recebi de forma muito reservada um grupo de pessoas que foram abusadas. Como sempre faço nestes casos, conversamos sobre esta praga, esta praga tremenda. Na Igreja, seguia-se mais ou menos o mesmo comportamento que se segue atualmente nas famílias e vizinhanças: encobre-se… Pensamos que mais ou menos 42% dos abusos acontece nas famílias ou nas vizinhanças. Temos ainda de amadurecer e ajudar para que estas coisas venham à luz. Desde o escândalo de Boston, a Igreja tomou consciência de que não se podiam seguir caminhos evasivos, mas devia-se pegar o touro pelos cornos. Há dois anos e meio, houve a reunião dos presidentes das Conferências Episcopais, onde inclusivamente se apresentaram estatísticas oficiais sobre os abusos. E é grave, a situação é muito grave. Na Igreja, há uma expressão que estamos a usar continuamente: tolerância zero, tolerância zero. E os Pastores que, de alguma forma, se desinteressaram disso, devem assumir esta irresponsabilidade. O modo terá de ser visto caso a caso. É muito duro o mundo dos abusos e, por isso, exorto a ser muito francos sobre tudo isso.
Quanto à questão como se está a desenrolar o processo na Igreja portuguesa: está a andar bem. Está a andar bem e com seriedade; busca-se a seriedade nos casos de abuso. Por vezes os números acabam por ser exagerados, inclusive pelos comentários que sempre gostamos de fazer, mas a realidade é que está a andar bem e isso dá-me uma certa tranquilidade.
Gostaria de tocar um ponto e peço aos jornalistas para cooperarem nisto. Hoje em dia... Tendes um telemóvel? (...) Pois bem, em qualquer um destes telemóveis, pagando e com uma password, tem-se acesso ao abuso sexual sobre menores. Isto sai das nossas casas, pois tal abuso sexual sobre menores é filmado em direto. Onde se filma? Quem são os responsáveis? Esta é uma das pragas mais sérias… em todos os sentidos. Quero, porém, destacar isto porque, às vezes, não nos damos conta de as coisas serem tão radicais. Quando se usa uma criança para fazer espetáculo dum abuso é para chamar a atenção. O abuso é como «comer» a vítima ou, pior, feri-la e deixá-la viva. Falar com pessoas abusadas é uma experiência muito dolorosa e contudo faz-me bem, não pelo gosto de ouvir, mas porque me ajuda a assumir este drama.
Assim, à tua pergunta, eu diria quanto ficou dito: o processo está a andar, estou informado do modo como correm as coisas. Nas notícias, pode-se ter exagerado a situação real, mas, no caso que tocou, as coisas estão a andar bem. Entretanto digo-vos: de qualquer modo ajudai, ajudai para que todos os tipos de abuso possam ser resolvidos: o abuso sexual, mas não é o único. Existem ainda outros tipos de abuso que bradam ao céu: o abuso do trabalho infantil, o abuso do trabalho com crianças; o abuso das mulheres. Ainda hoje, em muitos países, se recorre à operação cirúrgica nas meninas para a excisão do clitóris; mas faz-se também com uma simples navalha de barba… Uma crueldade! E temos o abuso do trabalho. Ou seja, para além do abuso sexual, que é grave, existe tudo isto: é uma cultura do abuso que a humanidade deve rever e da qual tem de se converter.

*Matteo Bruni*
Obrigado, Santidade! A próxima pergunta, a terceira, é de Jean-Marie Guénois, de «Le Figaro», um velho amigo.

*Jean-Marie Guénois (Le Figaro)*
Santo Padre, como está? Quanto à saúde, como está a decorrer a sua convalescença? Houve cinco discursos que não leu, ou leu apenas pequenas partes, uma coisa inédita nas viagens: Porquê? Teve problemas nos olhos? Cansaço? Textos demasiado longos? Como se sente? E, se me permite, uma pequenina pergunta sobre a França: O Santo Padre vai a Marselha e a

França está feliz; mas nunca visita a França. E o povo não compreende: talvez por ser pequena, mas não o suficiente? Ou o Papa tem algo contra a França?

**Papa Francisco**
A minha saúde está bem. Tiraram-me os pontos, levo uma vida normal, trago uma faixa que devo usar por dois/três meses, para evitar eventual eventração, até os músculos ficarem mais fortes. Mas estou bem.
Quanto a esta vista: naquela paróquia, cortei o discurso porque havia uma luz à minha frente que dava sobre mim e eu não podia ler; por isso cortei. Alguns de vós perguntaram, através de Matteo [Bruni], o motivo por que encurtei as homilias [os textos] que tínheis. Quando falo (não me refiro às homilias; estas, quando são «académicas», tento deixá-las mais claras), sempre quando falo, procuro conseguir comunicação. Vistes que, mesmo numa homilia «académica», faço qualquer piada, qualquer graça... faço-o para assegurar a comunicação. Com os jovens, os discursos longos continham o essencial da mensagem, e de lá extraía as minhas palavras conforme sentia a comunicação. Vistes que fazia qualquer pergunta, e o eco indicava-me como estavam as coisas, se a minha impressão estava errada ou não. Os jovens não conseguem estar atentos muito tempo. Pensai que, se tu fizeres um discurso claro, com uma ideia, uma imagem, uma palavra de afeto, conseguem acompanhar-te por oito minutos. Aliás, na primeira Exortação que redigi, a *Evangelii gaudium*, escrevi um longo capítulo sobre a homilia. Porque as homilias – aqui está um pároco e ele sabe disto – às vezes são uma tortura, uma verdadeira tortura: fala-se blá, blá, e o povo sofre. Nalgumas terras, os homens saem para fumar um cigarro e voltam. A Igreja deve mudar neste aspeto da homilia: há de ser curta, clara, com uma mensagem clara e afetuosa. Este é o motivo por que interpelo os jovens e os faço falar... A ideia estava lá, mas encurtei, porque preciso de fazer passar a ideia, com os jovens. É tudo.
E passemos à França. Estive em Estrasburgo, irei a Marselha, mas [*em tom jocoso*] à França... não! Há um problema que me preocupa: é o problema do Mediterrâneo. Por isso vou à França. É criminosa aquela exploração dos migrantes. Aqui na Europa, não – por sermos talvez mais cultos –, mas nos campos de concentração do norte da África… Recomendo-vos uma leitura: existe um livrito, pequeno, escrito por um migrante, que, para chegar da Guiné à Espanha, penso que gastou três anos, porque foi capturado, torturado, escravizado. A condição dos migrantes, naqueles campos de concentração do norte da África, é terrível. Ainda na semana passada, a associação mediterrânica *Saving Humans* estava a trabalhar para resgatar os migrantes que estavam no deserto entre a Tunísia e a Líbia, porque tinham-nos abandonado lá a morrer. O tal livro chama-se *Hermanito* (em italiano, tem como subtítulo «Fratellino») e lê-se em duas horas. Vale a pena! Lede-o, e vereis o drama dos migrantes antes de embarcar... Os bispos do Mediterrâneo farão este encontro, inclusive com alguns políticos, para refletir seriamente sobre o drama dos migrantes. O Mediterrâneo é um cemitério, mas não é o maior; o maior cemitério é o norte da África. Aquilo é terrível... lede-o. Vou a Marselha para isso. Na semana passada, disse-me o Presidente Macron que tem intenção de vir a Marselha; ficarei lá dia e meio: a tarde – quando chego – e o dia seguinte completo.

*Jean-Marie Guénois (Le Figaro)*
Então não tem nada contra a França?

**Papa Francisco**
Absolutamente não. A minha «política» nisto: estou a visitar os países europeus pequenos. Os grandes – Espanha, França, Inglaterra – deixo-os para depois, para o fim. Mas, por opção,

comecei pela Albânia e por aí adiante... os pequenos. Não tenho nada contra a França! Visito duas cidades: Estrasburgo e Marselha.

*Matteo Bruni*
A próxima pergunta, a quarta, vem de Anita Hirschbeck, da agência católica alemã de notícias. Tem a palavra, Anita…

*Anita Hirschbeck (KNA = Katholische Nachrichten Agentur)*
Santo Padre, em Lisboa, disse-nos que na Igreja há lugar para «todos, todos, todos». A Igreja está aberta a todos, mas ao mesmo tempo nem todos têm os mesmos direitos e oportunidades, no sentido que, por exemplo, mulheres e homossexuais não podem receber todos os Sacramentos. Santo Padre, como explica esta incoerência entre «Igreja aberta» e «Igreja não igual para todos»? Obrigada!

**Papa Francisco**
A senhora faz-me uma pergunta sobre dois pontos de vista diversos: a Igreja está aberta para todos e, depois, há legislações que regulam a vida dentro da Igreja e, quem está dentro, atém-se à legislação... Aquilo que a senhora diz é uma forma muito simplista de afirmar: «ele não pode receber Sacramentos». Mas isto não significa que a Igreja seja fechada. Cada um encontra Deus pela própria estrada, dentro da Igreja; e a Igreja é mãe e guia cada um pela sua estrada. Por isso não gosto de dizer: venham todos, mas tu faz isto, tu faz aquilo... Venham todos e depois cada qual, na oração, em conversa íntima com Deus, no diálogo pastoral com os agentes de pastoral, procura o modo de avançar. Por isso, não é justo fazer a pergunta «por que não os homossexuais?». São todos. O Senhor é claro: doentes e sãos, idosos e jovens, feios e bonitos, bons e maus... Parece haver uma visão que não compreende este anúncio da Igreja como *mãe* e concebe-a como uma espécie de «empresa», onde tu, para entrar, tens de fazer isto, proceder desta forma e não doutra... Caso diverso é a ministerialidade na Igreja, que é o modo de conduzir o rebanho, e uma das coisas importantes na ministerialidade é acompanhar as pessoas passo a passo no seu caminho de amadurecimento. Cada um de nós tem esta experiência: a Igreja mãe acompanhou-nos e acompanha-nos no próprio caminho de amadurecimento. Não gosto da redução: não é eclesial, isso é gnóstico; é como uma heresia gnóstica, que está hoje um pouco na moda, um certo gnosticismo que reduz a realidade eclesial a ideias, e isto não ajuda. A Igreja é mãe, acolhe todos, e cada um percorre a sua estrada dentro da Igreja, sem fazer publicidade, e isto é muito importante. Obrigado pela coragem de fazer esta pergunta. Obrigado!

**Papa Francisco**
Uma coisa que ele [Matteo Bruni] me pergunta foi como eu vivi a JMJ. É a quarta que vivo. A primeira foi no Rio de Janeiro, que foi monumental, à brasileira, linda! A segunda em Cracóvia, a terceira no Panamá, e esta... é a quarta. Esta foi a mais numerosa. Os dados concretos, reais: eram mais de um milhão. Aliás na missa de hoje e na vigília da noite, calculava-se um milhão e quatrocentos mil ou um milhão e seiscentos mil. São dados do Governo. Era impressionante o número! Bem preparada. Dentre as que já vi, esta foi a melhor preparada. E os jovens são uma surpresa. Os jovens são jovens, fazem brincadeiras – a vida é assim! –, mas procuram olhar para a frente... eles são o futuro. A questão é acompanhá-los, o problema é *saber* acompanhá-los, e fazer com que não se separem das raízes. Por isso insisto tanto no diálogo entre idosos e jovens, avós com netos. Este diálogo é importante, ainda mais importante que o diálogo entre pais e filhos. Com os avós, devem-no fazer, porque lá agarram

as raízes. Depois os jovens são religiosos; procuram uma fé não invasiva, uma fé não artificial, nem legalista, mas um encontro com Jesus Cristo. E isto não é fácil. É uma experiência... Diz-se: «Mas os jovens nem sempre vivem segundo a moral!». Quem de nós não praticou um erro moral na própria vida? Todos! Com um dos mandamentos quaisquer, cada um de nós tem as suas quedas na própria história. A vida é assim. Mas o Senhor sempre nos espera, porque é misericordioso e Pai, e a misericórdia ultrapassa tudo. Para mim, a Jornada foi belíssima. E hoje, antes de tomar o avião, estive com os voluntários que eram... Sabes quantos eram?

*Matteo Bruni*
Vinte e cinco mil.

**Papa Francisco**
Vinte e cinco mil! Com uma «mística» [um espírito], um *engagement* [um compromisso], que era verdadeiramente lindo, lindo. Era isto que desejava dizer sobre a Jornada da Juventude.

*Matteo Bruni*
E assim damos por terminado, Santidade? Ou o Santo Padre…

**Papa Francisco**
Mas sim... uma última pergunta.

*Matteo Bruni*
Então, façamos uma última pergunta, talvez a de Justin, de CNS.

*Justin McLellan (CNS = Catholic News Service)*
Falando da JMJ, nestes dias ouvimos alguns testemunhos de jovens que tiveram de lutar pela saúde mental devido à depressão. O Santo Padre já alguma vez lutou por isso? E, no caso de alguém decidir suicidar-se, que diria o Santo Padre aos familiares desta pessoa que sofrem pensando, segundo o ensinamento católico sobre o suicídio, que foi para o inferno?

**Papa Francisco**
Hoje o suicídio juvenil é importante, importante pelo número. Existe... os mass-media não o referem muito, porque os meios de comunicação não se informam. Aqui [em Lisboa] entrei em diálogo (não na Confissão) com os jovens, porque aproveitei para dialogar e um bom rapaz disse-me: «Posso fazer-lhe uma pergunta? Que pensa do suicídio?» Não se exprimia numa das nossas línguas, mas compreendi-o bem, e começamos a falar do suicídio. E no fim disse-me: «Obrigado, porque no ano passado estive indeciso se fazê-lo ou não». Há tantos jovens angustiados, deprimidos, e não só psicologicamente... Além disso, nalguns países muito exigentes na universidade, os jovens que não conseguem obter o doutoramento ou encontrar emprego suicidam-se, pela grande vergonha que sentem. Não digo que seja uma coisa de todos os dias, mas é um problema. É um problema atual. Acontece...

*Matteo Bruni*
Obrigado, Santidade, pelas suas respostas.

**Papa Francisco**
E obrigado a vós pelo que fizestes. Recomendo que não vos esqueçais: *Hermanito*, *Fratellino*, o livro do migrante. Obrigado!

## JMJ LISBOA 2023

## Audiência Geral

# Viagem Apostólica a Portugal por ocasião da Jornada Mundial da Juventude

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Nos últimos dias fui a Portugal para a 37.ª Jornada Mundial da Juventude.
Esta JMJ de Lisboa, que veio depois da pandemia, foi sentida por todos como dom de Deus, que voltou a colocar em movimento os corações e os passos dos jovens, muitos jovens de todas as partes do mundo – muitos! – para se encontrarem e encontrar Jesus.
A pandemia, como bem sabemos, incidiu gravemente nos comportamentos sociais: muitas vezes o isolamento degenerou em fechamento, e os jovens foram particularmente atingidos. Com esta Jornada Mundial da Juventude, Deus deu um "empurrão" na direção oposta: marcou um novo início da grande peregrinação dos jovens pelos continentes, em nome de Jesus Cristo. E não foi por acaso que se realizou em Lisboa, uma cidade virada para o oceano, cidade-símbolo das grandes explorações marítimas.
Assim, na Jornada Mundial da Juventude o Evangelho propôs aos jovens o modelo da Virgem Maria. No momento mais crítico para ela, [Maria] vai visitar a sua prima Isabel. Diz o Evangelho: «*levantou-se e partiu apressadamente*» (*Lc* 1, 39) gosto muito de invocar Nossa Senhora sob este aspeto: Nossa Senhora "apressada", que sempre faz as coisas apressadamente, nunca nos faz esperar, pois Ela é a mãe de todos. Assim hoje, no terceiro milénio, Maria guia a peregrinação dos jovens no seguimento de Jesus. Como fez há um século em Portugal, em Fátima, quando se dirigiu a três crianças, confiando-lhes uma mensagem de fé e de esperança para a Igreja e para o mundo. Por isso, na JMJ, voltei a Fátima, ao lugar da aparição, e juntamente com alguns jovens doentes rezei para que Deus cure o mundo das doenças da alma: soberba, mentira, inimizade, violência – são doenças da alma e o mundo está doente destas enfermidades. E renovámos a nossa consagração, da Europa, do mundo ao Coração de Maria, ao Imaculado Coração de Maria. Rezei pela paz, pois há muitas guerras em todas as partes do mundo, demasiadas.
Os jovens de todo o mundo foram a Lisboa muito numerosos e com grande entusiasmo. Encontrei-me com eles inclusive em pequenos grupos, e alguns com muitos problemas; o grupo dos jovens ucranianos traziam histórias que eram dolorosas. Não eram férias, nem uma viagem turística e muito menos um evento espiritual por si só; a Jornada da juventude é um encontro com Cristo vivo através da Igreja. Os jovens vão encontrar Cristo. É verdade, onde há jovens há alegria e um pouco de todas as coisas.
A minha visita a Portugal, por ocasião da JMJ, beneficiou do clima festivo dela, onda de jovens. Dou graças a Deus por isso, pensando sobretudo na Igreja de Lisboa que, em troca do grande esforço feito para a organizar e acolher, receberá novas energias para prosseguir o novo caminho, para lançar de novo as redes com paixão apostólica. Os jovens em Portugal já são uma presença vital, e agora, depois desta "transfusão" recebida das Igrejas de todo o mundo, tornar-se-ão ainda mais. E muitos jovens, no regresso, passaram por Roma, estou a vê-los também aqui, há alguns que participaram nesta Jornada. Ei-los! Onde estão os jovens há barulho, sabem fazer isto bem!

Enquanto na Ucrânia e noutros lugares do mundo há combates, e enquanto em certos salões escondidos se planeia a guerra – isto é terrível, planear a guerra! – a JMJ mostrou a todos que outro mundo é possível: um mundo de irmãos e irmãs, onde as bandeiras de todos os povos flutuam juntas, lado a lado, sem ódio, sem medo, sem fechamentos, sem armas! A mensagem dos jovens foi clara: será ouvida pelos "grandes da terra"? Pergunto-me, ouvirão este entusiasmo juvenil que deseja paz? É uma parábola para o nosso tempo, e ainda hoje Jesus diz: «Quem tem ouvidos, ouça! Quem tem olhos, veja!». Esperemos que todo o mundo escute esta Jornada da Juventude e olhe para esta beleza dos jovens indo em frente.
Expresso novamente a minha gratidão a Portugal, a Lisboa, ao Presidente da República, que esteve presente em todas as celebrações, e às demais Autoridades civis; ao Patriarca de Lisboa – que trabalhou muito bem! – ao Presidente da Conferência Episcopal e ao Bispo coordenador da Jornada Mundial da Juventude, a todos os colaboradores e voluntários. Pensai que os voluntários – encontrei-me com eles no último dia, antes de voltar – eram 25 mil: esta jornada teve 25 mil voluntários! Obrigado a todos! Por intercessão da Virgem Maria, o Senhor abençoe os jovens do mundo inteiro e abençoe o povo português. Peçamos juntos a Nossa Senhora, todos juntos, para que Ela abençoe o povo português.
[recitação da Ave-Maria]

**Resumo da catequese do Santo Padre:**

Acabo de visitar Portugal, onde teve lugar a trigésima sétima Jornada Mundial da Juventude, a primeira depois da pandemia Covid-19. O Espírito Santo pôs de novo em movimento os corações e os passos dos jovens pelas sendas do Evangelho, e isto é fonte de esperança para a família humana inteira. Agradeço a Deus por isso, pensando especialmente na Igreja local que, em troca do grande esforço de organização e hospitalidade, recebeu novas energias para continuar o seu caminho, para lançar novamente as redes com paixão apostólica. Os jovens em Portugal são hoje uma presença vital e, depois desta «transfusão» recebida dos jovens de todo o mundo, sê-lo-ão ainda mais, com grande vantagem para todo o corpo social. O mundo inteiro precisa de esperança, uma esperança sólida e confiável; e isto não vem de qualquer jovem, mas de jovens animados pelo Evangelho, de jovens que encontraram Cristo e O seguem. Porque é Jesus Cristo, e só Ele, que renova o mundo pela renovação do coração humano. A JMJ propôs aos jovens o modelo da Virgem Maria, que não Se fechou em Si mesma, mas, movida por Deus-Amor, «levantou-Se e partiu apressadamente» (Lc 1,39) – este foi o lema do evento lisboeta. Era uma jovem de classe humilde, mas Deus deu-Lhe a coragem de dizer «sim» à sua chamada e colocar-Se totalmente ao serviço do seu plano de salvação. Assim ainda hoje, no terceiro milénio, Maria guia a peregrinação dos jovens seguindo os passos de Jesus.

Vaticano, 9 de agosto de 2023

*Francisco*